

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**AMIZADES INTERCULTURAIS:
UM ESTUDO COM GREGOS NO ESPÍRITO SANTO**

Lorena Queiroz Merizio Costa

Vitória
2012

LORENA QUEIROZ MERIZIO COSTA

**AMIZADES INTERCULTURAIS:
UM ESTUDO COM GREGOS NO ESPÍRITO SANTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia.

UFES

Vitória, Julho de 2012.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C837a Costa, Lorena Queiroz Merizio, 1983-
Amizades interculturais – um estudo com gregos no Espírito Santo / Lorena Queiroz Merizio Costa. – 2012.
249 f.

Orientador: Agnaldo Garcia.
Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Amizade. 2. Cultura. 3. Migração. 4. Gregos - Espírito Santo. 5. Estudos interculturais. I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

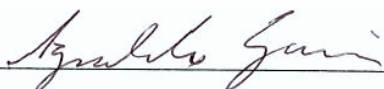
CDU: 159.9

**AMIZADES INTERCULTURAIS:
UM ESTUDO COM GREGOS NO ESPÍRITO SANTO**

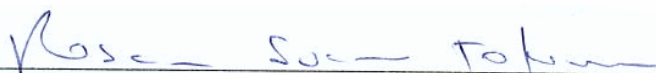
LORENA QUEIROZ MERIZIO COSTA

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

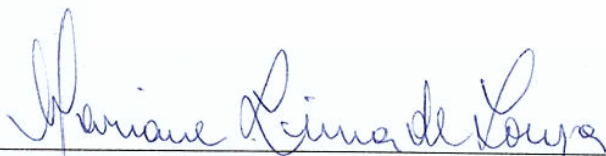
Aprovada em 05 de julho de 2012, por:




Prof^o. Dr^o. Agnaldo Garcia – Orientador, UFES



Prof^a. Dr^a. Rosana Suemi Tokumaru – UFES



Prof^a. Dr^a. Mariane Lima de Souza – UFES



Prof^a. Dr^a. Raquel Ferreira Miranda – UFV



Prof^a. Dr^a. Sylvania Dantas – UNIFESP

Aos amigos de tantos lugares,
de tantos momentos, de tantas
histórias que nos despertam
doces emoções!...

AGRADECIMENTOS

Participantes helênicos, que com generosidade e envolvimento trouxeram suas histórias e suas amizades para os nossos encontros.

Eduardo, amor que compartilha os momentos, as conquistas e o cansaço. Obrigada pela atenção e pelo cuidado de sempre!

Filho que está chegando e os outros que virão: cheirinho do céu em nossas vidas. Sejam bem-vindos!

Isa, alegria que se transforma em realidade. Doçura que anima, que aconchega.

Mãe, mais que sua ausência, sinto sua presença. Sinto seu abraço. Sinto seu cuidado. Sei que és carinho eterno de Deus em mim!

Pai, exemplo de dedicação e força.

Trindade Santa, Una e Onisciente!

Maria Santíssima, mãe da doçura e da sabedoria. Que bom contar contigo!

Familiares que acompanham os momentos.

Professor Agnaldo, orientador e amigo de anos, que com dedicação apontou as melhores direções.

Mestres e doutores, professores amigos através da Psicologia, grandes seres humanos que com sapiência ensinam para a vida.

Professora Claudia Broetto, carinho e gentileza sempre.

Meninas e meninos do programa, auxiliares e amigos em todas as horas corridas.

Lúcia, secretária do PPGP, empenho e devoção.

Fapes, apoio nos estudos e na realização dessa pesquisa.

À presidência da Comunidade Helênica do Espírito Santo, que prontamente mostrou-se generosa em compartilhar suas informações e as vivências da Colônia grega no estado.

Amigos de infância, companheiros de brincadeiras diversas que fazem parte das lembranças de outrora.

Amigos de sempre, que se mostram incentivadores e apreciadores dos outros amigos.

Amigos de lugares longínquos, que se fazem presentes através de memórias. Saudade de todos e dos pequenos detalhes. Certeza da vida e de suas alegrias.

Aos que escolheram ser brasileiros. Agradecemos sua escolha!...

A todos vocês, meu sincero e terno reconhecimento. Assim seja!

“Tenho amigos para saber quem eu sou.”

Oscar Wilde

RESUMO

A migração internacional traz mudanças importantes para a vida do ser humano, inclusive em suas amizades. A amizade entre pessoas de nacionalidades distintas pode trazer informações a respeito das características culturais e dos modos de relacionamento peculiar de diferentes povos. Sendo assim, o objetivo da presente pesquisa foi descrever as amizades na história de vida de imigrantes gregos vivendo no Espírito Santo, com outros gregos, brasileiros ou outros estrangeiros, com vistas a compreender as relações entre amizade e cultura, incluindo também amizades interculturais e o papel das amizades no processo de adaptação ou ajustamento à vida no Brasil. Os objetivos específicos foram: descrever o histórico das amizades ao longo da vida no país; o conteúdo dessas amizades, e o papel das mesmas na adaptação dos gregos ao Brasil. Participaram da pesquisa dez imigrantes gregos que vieram para o Brasil com dez anos de idade ou mais, que foram entrevistados. Os resultados indicaram que as amizades fazem parte da história desses imigrantes em um novo país. O significado da amizade inclui amplitude, liberdade, espontaneidade, desinteresse, honestidade, sinceridade, fidelidade, confiança e longevidade. As principais dimensões da amizade foram similaridades e diferenças, proximidade e distância, apoio, reciprocidade e conflito. As relações entre amizade e contexto social ou ambiente sociocultural incluíram receptividade e rejeição, adoção e adaptação, conexão e desconexão, amizade e comunidade no exterior, democracia, família, trabalho e escola. Os resultados foram discutidos à luz da obra de Robert Hinde. Notou-se, que a amizade atua como mediadora da adaptação do estrangeiro ao novo país – apesar das suas variações culturais – representando não somente uma condição atuante nas diversas tradições, mas permitindo a comunicação entre esses costumes, contribuindo para que imigrantes sintam-se acolhidos no seio cultural da nação que escolheram para viver.

Palavras-chave: amizade; cultura; imigração; gregos; adaptação.

ABSTRACT

International migration brings important changes to the lives of human beings, including their friendships. The friendship between people of different nationalities can bring information about the cultural characteristics and modes of relationship peculiar to different people. Therefore, the objective of this research was to describe the friendships in the story of Greek immigrants living in the Espírito Santo state, with other Greeks, Brazilians and other foreigners, in order to understand the relationship between friendship and culture, also including intercultural friendships and role friendships in the process of adapting or adjusting to life in Brazil. The specific objectives were to describe the history of friendships after migrating to Brazil, the content of these friendships, and the role of the same adaptation of the Greeks to Brazil. The participants were ten Greek immigrants who came to Brazil with ten years of age or older, who were interviewed. The results indicated that friendships are part of the history of these immigrants in a new country. The meaning of friendship includes amplitude, freedom, spontaneity, selflessness, honesty, sincerity, loyalty, reliability and longevity. The main dimensions of friendship were similarities and differences, proximity and distance, support, reciprocity and conflict. Relations between friendship and social context or sociocultural environment included receptivity and rejection, adoption and adaptation, connection and disconnection, friendship and community abroad, democracy, family, work and school. The results were discussed in light of the work of Robert Hinde. It was noted that the friendship acts as a mediator of adaptation to the new country from abroad - despite their cultural variations - a condition representing not only active in various traditions, but allowing communication between these customs, contributing to immigrants feel welcomed within the cultural nation that chose to live.

Keywords: friendship; culture; immigration; greeks; adaptation.

SUMÁRIO

I. Introdução.....	14
1. Apresentação.....	14
2. A Imigração Grega no Brasil.....	15
3. A Amizade ao Longo da Vida – As Principais Dimensões.....	17
4. Amizade, Raça, Etnia e Cultura.....	25
5. O Arcabouço Conceitual da Obra de Robert Hinde.....	35
6. O Problema de Pesquisa e a Relevância do Estudo.....	38
7. Objetivos.....	39
II. Método.....	40
1. Participantes.....	41
2. Instrumento e Procedimentos.....	43
3. Avaliação Ética dos Riscos e Benefícios.....	46
III. Histórias de Imigração e de Amizade.....	48
1. Ábaris.....	48
2. Anteros.....	53
3. Athamas.....	56
4. Eurídice.....	59
5. Ícaro.....	63
6. Kairos.....	65
7. Minos.....	69

8. Stafilos.....	73
9. Tacita.....	81
10. Vanília.....	86
11. Discussão.....	89
IV. O Significado da Amizade.....	94
1. Amplitude.....	94
2. Liberdade e Espontaneidade.....	97
3. Virtude.....	98
3.1 Desinteresse.....	98
3.2 Honestidade e Sinceridade.....	99
3.3 Fidelidade e Confiança.....	100
4. Longevidade.....	103
5. Discussão.....	105
V. Dimensões da Amizade.....	107
1. Similaridades e Diferenças.....	107
1.1 Similaridade entre Pessoas: Subjetividade e Atividade.....	107
1.2 Similaridade Cultural.....	112
1.3 Similaridades e Diferenças Culturais quanto à Amizade.....	114
1.4 Similaridades e Diferenças de Idioma.....	117
2. Proximidade e Distância.....	120
3. Apoio.....	125
4. Reciprocidade.....	130

5. Conflito.....	132
6. Discussão.....	133
VI. Amizade e Contexto Social.....	137
1. Receptividade e Rejeição.....	137
1.1 Receptividade Geral e Social.....	138
1.2 Crítica ao País e Não-Receptividade.....	152
1.3 Rejeição, Preconceito e Discriminação.....	154
2. Adoção e Adaptação.....	156
2.1 Adoção.....	156
2.2 Adaptação.....	168
3. Conexão e Desconexão.....	170
4. Amizade e Comunidade no Exterior.....	184
4.1 A Comunidade Helênica: Organização e Missão.....	184
4.2 A Comunidade Cultural.....	188
4.3 A Comunidade Religiosa.....	192
4.4 A Comunidade Social: Relacionamentos e Amizade.....	193
4.5 A Comunidade Social em Rede.....	198
4.6 A Comunidade Social: Dificuldades.....	200
5. Amizade e Democracia.....	203
6. Amizade, Família, Trabalho e Escola.....	208
6.1 Amizade e Família.....	209
6.2 Amigo como Parte da Família.....	214
6.3 Amizade e Trabalho.....	216

6.4 Amizade, Vizinhança e Escola.....	216
7. Discussão.....	217
VII. Considerações Finais.....	225
VIII. Referências.....	232
Apêndices.....	246
Apêndice A – Roteiro da Entrevista.....	247
Apêndice B – Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa.....	249

I. INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

Amigos partilham olhares... Na amizade, o silêncio se faz compreender... Detalhes ganham dimensões nobres entre os amigos, ao mesmo tempo em que algo grandioso se reduz se for assim necessário para alegrar o outro. A poesia e a realidade inerentes às amizades despertaram-me em pesquisar esse tipo específico de relação interpessoal baseado na espontaneidade e na livre escolha.

Estar com os gregos remeteu-me às aulas de história da escola, nas quais ouvíamos falar do país que é berço da civilização ocidental, tamanhos feitos realizados por seu povo. Partilhar com eles o amor por sua cultura e a gratidão ao Brasil foi uma experiência única. As longas conversas evidenciaram que todos apreciam o bom discurso, de forma que respondiam às questões antes mesmo que estas fossem expostas.

A receptividade de todos demonstrou claramente a alegria por terem sido procurados para relatar a ligação que estabeleceram entre as duas nações. Embora não se permitam adentrar facilmente, entregaram-me materiais escritos, mostraram fotos pessoais, utilizaram porcelanas típicas e fizeram questão de me mostrar suas casas, com explicações detalhadas nos ambientes principais. Senti-me amiga de cada um deles ao término da entrevista e nos encontros subsequentes na Comunidade Helênica.

Possivelmente em virtude da leveza e curiosidade despertada pelo tema em questão, não houve qualquer contratempo com os entrevistados. Toda a

coleta de dados transcorreu tranquilamente. Um indicou o outro compatriota afirmando que ele ou ela também gostaria de participar da pesquisa, não sem antes avisá-lo de que eu iria procurá-lo. Todos se sentiram à vontade durante as entrevistas e também nas ocasiões que a antecederam e nas que vieram em seguida. Em momento algum demonstraram restrição quanto ao tempo dispensado para a coleta de dados.

Quanto à sua estrutura, o trabalho parte de uma revisão bibliográfica sobre imigração grega no Brasil, apresenta algumas informações sobre amizade (dimensões e relações entre amizade, etnia, raça e cultura), passando a apresentar objetivos e método. Por tratar-se de uma pesquisa de cunho exploratório e descritivo com características qualitativas, considerou-se melhor apresentar os resultados e desenvolver a discussão simultaneamente. Seguem considerações finais e referências bibliográficas.

2. A IMIGRAÇÃO GREGA NO BRASIL

São escassos os dados sobre a imigração grega no Brasil (Embaixada da Grécia no Brasil, 2012; Fernandes de Oliveira, 2006; Loureiro & Fratiini, 1999). Segundo dados da Embaixada da Grécia no Brasil (2012), a imigração grega no país pode ser dividida em três fases: (a) durante o Império com a vinda de algumas famílias no período de D. Pedro II; (b) entre 1914 e 1940, também com a vinda de algumas famílias; (c) após a II Guerra Mundial, entre 1951 a 1960, com o maior fluxo de gregos para o Brasil, totalizando 10.086 pessoas. De acordo com a

Embaixada, de 1893 a 1979, desembarcaram no Brasil 17.018 gregos. A maior parte dos gregos e descendentes vivem em São Paulo e dedicam-se ao comércio e às profissões liberais. Ainda conforme a Embaixada, os gregos do Brasil têm mantido seus ritos e costumes reconhecendo a existência de Comunidades Helênicas em várias cidades, incluindo São Paulo, Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro, Florianópolis, Porto Alegre e Vitória. Essas Comunidades mantêm uma Igreja Grega Ortodoxa, permitindo aos membros se reunirem e celebrarem datas cívicas e religiosas.

Segundo Fernandes de Oliveira (2006), os emigrantes gregos buscavam ocupações urbanas e, se possível, com características favoráveis a atividades marítimas, mostrando-se especialmente preocupados com a educação. De acordo com a mesma autora (Fernandes de Oliveira, 2006) o Brasil começou a ser visto como uma das opções para emigrar após a II Guerra Mundial, estimando em torno de 50.000 o número de imigrantes gregos que se fixaram, constituíram família e geraram descendência em território brasileiro. A criação de entidades sociais e comunitárias e a fundação de Igrejas Ortodoxas Gregas por esses imigrantes foram relevantes para a coesão étnica e a preservação de valores culturais trazidos da Grécia.

Fernandes de Oliveira (2006) relata ainda a tendência dos gregos no Brasil de casarem-se entre si, com os filhos recebendo nomes gregos e sendo batizados conforme rituais da Igreja Ortodoxa Grega. Conforme a autora, os imigrantes heleno-brasileiros incorporaram diversos costumes da sociedade brasileira, incluindo alimentação e hábitos cotidianos. Também informa que expressões e atitudes discriminatórias foram situações isoladas, bem como verificado na

presente pesquisa, e não por ódio racial. As dificuldades de adaptação relacionaram-se principalmente ao idioma ou pela separação da pátria e dos amigos e parentes deixados para trás. O imigrante grego, em geral, não teve dificuldades em aprender a se comunicar em português, mantendo o idioma grego para se comunicar em eventos sociais entre heleno-brasileiros, buscando transmitir esses conhecimentos a seus descendentes nascidos no Brasil. Ainda costumam retornar periodicamente à Grécia em viagens de passeio renovando suas informações sobre o país, dando notícias da comunidade em que vivem no Brasil, fortalecendo vínculos pessoais e os das comunidades helênicas do exterior com a pátria-mãe.

3. A AMIZADE AO LONGO DA VIDA – AS PRINCIPAIS DIMENSÕES

A amizade é uma forma de relacionamento interpessoal que atinge todas as faixas etárias em diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Segundo Fehr (1996) a amizade é um relacionamento pessoal e voluntário que permite intimidade e ajuda, em que os amigos gostam e buscam a companhia um do outro.

Nos parágrafos seguintes, é apresentada uma breve síntese de trabalhos científicos sobre a amizade, indicando os principais aspectos investigados nas amizades, procurando sublinhar as principais dimensões investigadas, especialmente na idade adulta, que representa o maior período considerado na presente pesquisa.

Garcia (2005b), em revisão crítica da literatura sobre os aspectos psicológicos da amizade na infância, destacou como dimensões de análise a similaridade, simetria, cooperação, competição, apoio social, conflito e agressividade. A similaridade é reconhecida como um traço fundamental dessa forma de relacionamento na infância (Haselager, Hartup, Lieshout & Riksen-Walraven, 1998; French, Jansen, Riansari & Setiono, 2003), incluindo semelhanças em características como idade e gênero, *status* sociométrico, comportamento agressivo, desempenho acadêmico (Kupersmidt, DeRosier & Patterson, 1995) e similaridade comportamental (Poulin & cols, 1997), inclusive entre crianças de diferentes países (Pinto, Bombi & Cordioli, 1997).

Os amigos são fonte de apoio na infância, como apoio emocional (Prinstein, La-Greca, Vernberg & Silverman, 1996; Booth, Rubin & Rose-Krasnor, 1998). O apoio social provido por amigos apresenta diferenças culturais, sendo maior em alguns países ocidentais (French, Rianasari, Pidada, Nelwan & Buhrmester, 2001).

Conflito e agressividade fazem parte das amizades na infância e amigos negociam conflitos mais que não-amigos (Fonzi & cols., 1997). Saber lidar com o conflito também afeta a amizade e crianças com intenção de vingança em resposta a conflito com um amigo têm maiores problemas com amizades (Rose & Asher, 1999). No que concerne á amizade na infância, alguns autores (Salisch & Seiffge-Krenke, 1996; Ray & Cohen, 1996) investigaram o conceito e as expectativas de amizade.

O desenvolvimento da amizade na infância inclui a escolha de amigos, a manutenção da amizade (sujeita a alterações e diferentes níveis de estabilidade)

e um possível término. A escolha de amigos é influenciada por gênero e etnia (Graham & Cohen, 1997; Graham, Cohen, Zbikowski & Secrist, 1998), sendo o gênero usualmente considerado mais importante. Uma maior estabilidade das amizades na infância tem sido atribuída à melhor comunicação e resolução de conflitos (Schneider, Fonzi, Tani & Tomada, 1997). A duração da amizade afeta a satisfação com o relacionamento e amizades de curta duração parecem ser menos satisfatórias que as longas (Parker & Seal, 1996). Outras dimensões menos investigadas na amizade infantil são a influência social (Hawley, Little & Pasupathi, 2002) e a intimidade e auto-revelação (Rotenberg, 1995), mais evidentes na adolescência, mas já ocorrendo na infância.

Diversos aspectos investigados nas amizades da infância (Garcia, 2005c) continuam a ser investigados nas amizades de adolescentes, como similaridade, intimidade, comunicação, apoio social, conflito e agressividade, desenvolvimento, cognição social, ajustamento social, conflito e agressividade.

A similaridade é apontada como a base da amizade, desde a infância. Adolescentes e seus melhores amigos apresentam similaridades quanto ao *status*, comportamentos, atitudes e intenções, todos relacionados à identidade do ego (Akers, Jones & Coyl, 1998).

A intimidade entre amigos ganha importância com a adolescência. As adolescentes apresentaram maior probabilidade de estabelecer intimidade por meio de discussão e auto-revelação enquanto as atividades compartilhadas tem se destacado para os adolescentes do sexo masculino (McNelles & Connolly, 1999). Há um aprofundamento na intimidade com amigos e um aumento no número de amigos durante a adolescência (Ochiai & Satoh, 1996).

A família e os amigos são as principais fontes de apoio social na adolescência, que sofre variações culturais. Assim, adolescentes indonésios consideraram familiares superiores aos amigos quanto a apoio social (relacionado ao companheirismo), enquanto o oposto ocorreu entre os adolescentes norte-americanos (French, Rianasari, Pidada, Nelwan & Buhrmester, 2001). O apoio social dos amigos está diretamente ligado à presença de enfermidades ou uma deficiência física. Adolescentes com diabetes relataram receber maior apoio emocional dos amigos (Bearman & La-Greca, 2002), o que também ocorreu nos casos de fibrose cística, cabendo aos familiares fornecer mais o apoio concreto ou instrumental (Graetz, Shute & Sawyer, 2000).

Os gêneros diferem na resolução de conflitos com o melhor amigo na adolescência, com as adolescentes mostrando mais habilidades de comunicação e resolução de conflitos que os adolescentes do sexo masculino (Black, 2000). Conflitos têm sido apontados como causas da deterioração e dissolução da melhor amizade e adolescentes com baixa auto-estima percebem seus conflitos como mais graves e suas amizades como mais frágeis (Azmitia, Lippman & Ittel, 1999).

A amizade é um fator importante para o ajustamento social do adolescente. Para estes, ser membro de um grupo de amigos está associado com resultados adaptativos nas relações com pares, problemas de comportamento e desempenho escolar (Henrich, Kuperminc, Sack, Blatt & Leadbeater, 2000). Boas amizades também estão associadas ao ajustamento social (Demir & Urberg, 2004). O apoio da família, do amigo e o clima escolar influenciam o ajustamento psicológico de adolescentes (Way & Robinson, 2003).

Das dimensões investigadas nas amizades de adolescentes, algumas estão mais vinculadas ao relacionamento da díade de amigos, como similaridade e intimidade, apoio social, conflito e agressividade, também investigadas nas amizades da infância.

Os aspectos cognitivos investigados nas amizades de adolescentes incluem o conceito ou expectativa da amizade. Segundo alguns autores, os conceitos de amizade estão associados a fatores culturais, refletindo o coletivismo ou o individualismo da sociedade (Gonzalez, Moreno & Schneider, 2004).

Segundo Souza e Hutz (2008, p. 259), diversos aspectos também têm sido investigados nas amizades de adultos, como:

abertura, auto-revelação, autenticidade, aceitação, força de caráter, similaridades, compreensão, expressão dos sentimentos, dedicação mútua, altruísmo, reciprocidade, cuidado, confiança, compromisso, honestidade, facilidade de comunicação, aconselhamento, singularidade, duração da amizade, coexistência, tolerância, disponibilidade, respeito, confiança, espontaneidade, estabilidade, sucesso, contato físico, contato sexual, acessibilidade, interdependência, aparência física, habilidades sociais, responsividade, dependência, frequência de contato, proximidade (*closeness*), autovalidação, conformidade ao grupo, autodefensividade e cooperação).

Algumas dimensões da amizade que se mostraram particularmente importantes no decorrer da pesquisa são brevemente indicadas nos parágrafos a seguir. Como nos estudos sobre amizade na infância e adolescência, a similaridade volta a ser investigada na idade adulta (Deutsch et al., 1991; Wild & Fink, 1993). De acordo com Auhagen (1996) características semelhantes apresentam-se como facilitadoras das amizades tanto em sua formação quanto em sua continuidade. Bell (1981, citado por Souza e Hutz, 2008) salienta a semelhança etária como um dos aspectos mais significativos na escolha das amizades, além do estado civil, da religião e do sexo.

A reciprocidade nos relacionamentos, segundo Hinde (1997), refere-se à existência de comportamento similar entre os envolvidos, simultaneamente ou alternadamente. A reciprocidade ou mutualidade é outra propriedade das amizades (Buunk & Prins, 1998) uma vez que “amizades não podem ser iniciadas e nem sustentadas por uma pessoa” (Auhagen, 1996). Para este autor, a existência de uma amizade está baseada na mutualidade ou reciprocidade.

Já o apoio social – aspecto frequentemente investigado nas amizades de adultos – é encontrado especialmente em situações como doença (Arora, Rutten, Gustafson, Moser & Hawkins, 2007), obesidade (Powers, Koestner & Gorin, 2008), luto (Benkel, Wijk & Molander, 2009) e viuvez (Ha, 2008).

O desenvolvimento da amizade inclui sua iniciação, manutenção e término. A duração das amizades ou sua longevidade está associada a tópicos como estabilidade e compromisso (Fehr, 1999). Segundo Souza e Hutz (2008), a amizade está sujeita a constantes mudanças, por alterações em aspectos individuais ou diádicos, e também por mudanças situacionais ou ambientais.

Assim como ocorre na infância e na adolescência, o conceito de amizade também é investigado na idade adulta. Neste sentido, um dos aspectos mais relevantes para o presente trabalho é a possibilidade do conceito de amigo e de amizade sofrer influência de diferentes culturas, por exemplo, a quem se considera amigo. Essa abertura ou amplitude do conceito de amigo foi reconhecida por Krappman (1996) como algo cultural, que pode ter limites variáveis. Conforme este autor há uma variedade de comportamentos possíveis como performances da amizade, tornando possível que alguns chamem de

amigos aqueles com os quais mantêm maior intimidade e também aqueles cujo contato restringe-se a cumprimentos sociais.

A ideia de liberdade e espontaneidade também está presente na literatura recente sobre amizade (Krappman, 1996). A liberdade desfrutada com os amigos está associada à liberdade de escolha de um amigo ou à espontaneidade. Como apresentado por Krappman (1996), a espontaneidade é característica que torna a amizade um relacionamento voluntário, em que há liberdade de escolha. Sendo assim, tanto no início como para a manutenção do relacionamento, a espontaneidade deve ser observada. Nesse aspecto, é lícito afirmar que

amigos são escolhidos voluntariamente – ao contrário, por exemplo de familiares. Contatos e interações nas amizades ocorrem tendo por base a espontaneidade [...], e os participantes são igualmente livres para dissolver o relacionamento. O critério de voluntariedade na amizade exige demandas especiais das partes. [...] A liberdade dentro do relacionamento requer que os envolvidos desenvolvam uma atenção especial à situação e façam esforços contínuos para contribuir com as atividades (Auhagen, 1996, p. 232).

As amizades são importantes para o ajustamento social de adultos (Bagwell, Bender, Andreassi, Kinoshita, Montarello & Muller, 2005; Buote, Pancer, Pratt, Adams, Birnie-Lefcovitch, Polivy & Wintre, 2007) e o papel adaptativo das amizades tem sido reconhecido (Hartup & Stevens, 1999), destacando sua relevância para a sobrevivência (Leon, 2005). Outras investigações têm destacado o papel da amizade na adaptação do jovem adulto (Bagwell, Bender, Andreassi, Kinoshita, Montarello & Muller, 2005).

O conflito é uma propriedade dos relacionamentos em geral e também faz parte das relações de amizade (Hinde, 1997, Weinstock & Bond, 2000; Sheets & Lugar, 2005; Salari, Brown & Eaton, 2006). Normalmente, “conflitos nos relacionamentos podem resultar em mudanças no comportamento, na auto-

percepção, ou na percepção do parceiro, causando consequências” (Hinde, 1997, p. 284). Destaca-se que “[...] conflitos podem ser a força central no desenvolvimento da mudança no relacionamento, podendo ser para melhor, ou não” (Hinde, 1997, p. 154).

Intimidade e proximidade são processos comumente investigados nas amizades de adultos (Floyd & Parks, 1995; Monsour, 1992; Eshel, Sharabany & Friedman, 1998; Parks & Floyd, 1996; Monsour, Betty & Kurzweil, 1993; Gore, Cross & Morris, 2006). A intimidade com amigos foi relacionada à auto-estima (Gabriel, Carvallo, Jaremka & Tippin, 2008) e a aspectos do *self* (Gore, Cross & Morris, 2006). Quanto à proximidade, Ledbetter (2009) investigou a relação entre padrões de comunicação familiar e a proximidade com amigos.

Proximidade física relaciona-se diretamente com a frequência de interações. Alguns autores (Adams, Blieszner, 1994; Auhagen, 1996; Fehr, 1999) defendem a não obrigatoriedade da proximidade física nas amizades.

Diversas propriedades da amizade podem ser descritas como de natureza moral, relacionadas a virtudes. A amizade como uma virtude ou associada a diversas virtudes é típica dos filósofos gregos e latinos da antiguidade, como Aristóteles, Cícero e Sêneca, mas também se mostram presentes na literatura científica contemporânea sobre o tema.

O desinteresse em termos de se obter alguma vantagem com o amigo é uma propriedade indicada para uma verdadeira amizade. Para Cícero (1930), aqueles que almejam somente o interesse na amizade, afastam dela o seu mais doce vínculo. Mesmo que não nasça da utilidade, é lícito um amigo ajudar a outro de toda forma possível. Honestidade e sinceridade já são vistas como parte das

amizades desde a Antiguidade. Cícero (1930) não vê lugar para a adulação na verdadeira amizade, que deve ter franqueza, a verdade, sendo a dissimulação contrária à amizade. Para o filósofo, sem sinceridade, a amizade não sobrevive.

A confiança é reconhecida na amizade por autores antigos (Sêneca, 1991) e contemporâneos (Feldman, Cauffman, Jensen & Arnett, 2000). Particularmente, quanto à confiança, por ser um “relacionamento sem institucionalizações, sem rituais demarcados, normas ou nomenclaturas para guiar os parceiros” (Adams & Blieszner, 1994), a dinâmica da amizade pressupõe a existência da confiança mútua, a fim de garantir sigilo para as confidências trocadas, configurando-se, assim, em uma das dimensões estruturais do relacionamento. Segundo Sêneca (1991), na verdadeira amizade deve-se ter tanta confiança no amigo como em si próprio, sendo o amigo o confidente de todos os pensamentos. A confiança deve vir depois da amizade, porém o discernimento deve vir antes. Uma vez dada a amizade, deve-se abrir a alma ao amigo, com tanta confiança nele como em si mesmo.

A extensão e abrangência dos estudos sobre amizades de adultos é muito grande. Uma área de interesse específico da presente pesquisa são os estudos que relacionam amizade, raça, etnia e cultura.

4. AMIZADE, RAÇA, ETNIA E CULTURA

Desde a infância, a etnia se encontra entre os fatores que influenciam a escolha de amigos (Graham & Cohen, 1997; Graham, Cohen, Zbikowski & Secrist, 1998). Na adolescência, permanece uma tendência para a similaridade

étnica na escolha dos melhores amigos (Smith & Schneider, 2000). Entre descendentes de asiáticos e latinos nos EUA, a nomeação de amigos de outras etnias está associada com um maior período de residência da família no país e facilidade com o inglês (Hamm, Brown & Heck, 2005). A probabilidade também é maior para que os melhores amigos sejam do mesmo grupo étnico, com os quais os adolescentes relatam mais atividades compartilhadas (mais íntimos) (Kao & Joyner, 2004).

Em uma revisão recente das amizades interétnicas, interracialis, interculturais e internacionais, Garcia e Miranda (no prelo) discutem a diversidade de pesquisas sobre o tema, destacando a importância social e cultural destas amizades e apontando a escassez de estudos sobre elas. Indicam também que estas geralmente são investigadas entre habitantes de uma mesma região ou país, muitas vezes como resultado de imigração recente.

O relacionamento interpessoal age como mediador cultural. Para Koybaeva e Ratliff (2006, p. 26), “[...] os diversos encontros transculturais presentes em quase todos os aspectos das nossas vidas, contribuem para o crescimento da importância das considerações interculturais nos relacionamentos humanos”. Assim, características próprias à sociedade contemporânea, como a globalização, poderiam aproximar cada vez mais os seres humanos, abrindo amplo espaço de ocorrência de relacionamentos transculturais.

Avanços midiáticos, no sistema de comunicação e nos meios de transportes ampliaram o contato entre pessoas de diferentes nações, raças, culturas e etnias. Nas últimas cinco décadas, conforme Reis (2004, p. 3),

[...] os processos de globalização, aliados ao desenvolvimento dos recursos tecnológicos, modificaram radicalmente esse cenário [...] ao

ampliar o contato com informações, notícias atualizadas, músicas e sistemas de interatividade assíncrono e síncrono.

Amizades intergrupos são encontradas desde o ambiente escolar (McClenahan et al., 1996). Encontram-se pesquisas acerca de problemas sistemáticos de comunicação e distanciamento como obstáculos à formação de amizade entre grupos diferentes (Vorauer & Sakamoto, 2006) e também no que se refere ao efeito do contato estendido sobre as amizades e o preconceito entre grupos (Wright et al., 1997).

A palavra 'amigo' apresenta diferentes significados de acordo com a cultura. Segundo Krappmann (1996), alemães e ingleses valorizam o voluntariado nas amizades. Os latinos e os gregos estimam o afeto entre as pessoas para considerar que há um vínculo entre elas. Os russos costumam se aproximar considerando as semelhanças. Os japoneses, por sua vez, consideram a mutualidade, a companhia e a filiação como requisitos necessários entre amigos.

Garcia e Miranda (no prelo) afirmam que

amizades entre pessoas de diferentes raças, etnias, culturas e nações também representam um importante ponto teórico, pois aproximam pessoas falando idiomas diferentes, professando religiões diferentes, com hábitos sociais, costumes familiares e até mesmo modos de se alimentar e vestir diversos. Enquanto a similaridade tem sido apontada como uma pré-condição importante na base das amizades (em idade, gênero, etnias e interesse e até mesmo agressividade), as amizades interculturais, interétnicas, interracialis e internacionais transpõem diferenças importantes.

De todo modo, “afastando um pouco o olhar, podem-se ver as influências geográficas e históricas, sociais e culturais da nação, nas atividades preferidas, no idioma empregado e nas tradições culturais em torno da amizade” (Garcia, 2005c, p. 77-78). A partir dessa visão, identifica-se que as amizades refletem o mundo ao qual cada um pertence.

Segundo Koybaeva e Ratliff (2006), a cultura molda aspectos fundamentais na personalidade e na identidade de cada um. Nesse sentido, cada nação compreende o conceito de amizade conforme critérios, valores e referências significativas dentro de seu contexto cultural.

Logo, as especificidades de cada nação em relação à forma de conceber a amizade geram expectativas e interpretações particulares sobre as experiências com os relacionamentos. Não há igualdade plena entre os países em qualquer âmbito que seja. Existem diferentes crenças, normas comportamentais, regras sociais, organizações físicas e estruturais, tradições cognitivas e religiosas, escritas de acordo com a história de cada nação. Tais peculiaridades tornam cada nação única no cenário mundial. Reis (2004, p. 8-9) declara que

embora as diferenças de países, de idiomas e costumes sejam visíveis, as semelhanças advindas de [...] histórias e práticas comuns e ao mesmo tempo, adversas, não podem ser ignoradas. [...] As identidades se constituem pela diferença, porém, cada vez mais, as hibridizações se fazem presentes e apontam para semelhanças entre grupos que compartilham as mesmas práticas sociais.

Portanto, pesquisar o modo como estrangeiros criam amizades no Brasil e como elas se desenvolvem e afetam sua vida permitirá um melhor conhecimento também das formas de integração desses imigrantes na ordem social, cultural, econômica e política do novo país em questão. Conhecer melhor a maneira como as amizades entre gregos e brasileiros facilitou a adaptação do estrangeiro ao país pode indicar fatores para promover maior integração e melhorar a relação entre a cultura grega e a brasileira e, com isso, abrir novos campos de estudos e novas percepções acerca de representantes de outros países que escolhem o Brasil para habitar.

Referindo-se a aspectos metodológicos no estudo de amizades interracialis, Smith (2002) argumenta que níveis dessas amizades diferem de acordo com o método usado para medi-las. A abordagem direta, focada na raça mostraria o maior nível de integração, seguida pela abordagem em três passos, e o método de rede indicaria a menor integração. Segundo o autor, a abordagem direta provavelmente superestime o nível das amizades interracialis e o método de rede produza os números mais acurados.

Uma investigação na África do Sul reuniu grupos focais de '*afrikaners*', britânicos, '*coloured*' (mestiços pertencendo a um grupo heterogêneo de pessoas com ancestralidade africana, mas não considerados negros), asiáticos e negros, que discutiram amizades interculturais, incluindo características centrais de amizades, diferenças culturais, término da amizade e recomendações para amizade apropriada e satisfatória. Cada grupo destacou diferentes aspectos da amizade. Houve uma relação positiva entre o nível de poder sociocultural na África do Sul e a intensidade da identidade étnica, de maneira que o grupo com maior poder sociocultural expressou de forma mais evidente o lado mais negativo de membros de outros grupos, assim como as preferências expressas por seu próprio grupo ou normas individuais para a amizade intercultural (Collier & Bornman, 1999).

Kao e Joyner (2004) examinaram diferenças de atividades nas amizades interracialis e interétnicas de jovens brancos, negros, hispânicos e asiáticos. Conforme os autores, é mais provável que os melhores amigos sejam do mesmo grupo étnico e que compartilhem mais atividades, considerado um indicador de intimidade na amizade. Em geral, amigos interracialis relataram menos atividades

compartilhadas que intrarraciais. Jovens brancos, asiáticos e hispânicos relataram menos atividades com amigos negros.

Destarte, a relação entre amizade e preconceito tem sido abordada por vários autores. Aberson, Shoemaker e Tomolillo (2004) examinaram o papel de amizades interétnicas de euro-americanos com afro-americanos ou latinos e sua relação com vieses contra estes grupos. Euro-americanos com amigos próximos desses grupos exibiam menos preconceito que participantes sem amigos próximos no grupo alvo. Os resultados destacam a importância de contato, particularmente a amizade interétnica, para melhorar atitudes intergrupo. Ainda relacionado a preconceito racial, Jacobson e Johnson (2006) relatam que 85% dos afro-americanos que participaram de uma pesquisa aprovaram casamentos interraciais. Os autores concluíram que a quantidade de contato ou amizade entre afro-americanos e euro-americanos seria uma variável crítica, afetando atitudes sobre casamentos intergrupos.

Diversos estudos têm investigado as relações de amizades interraciais ou interétnicas e seu papel na integração social. Vorauer e Sakamoto (2006) examinaram problemas de comunicação e sua influência sobre a manifestação de interesse em amizade durante a interação entre grupos de estudantes brancos e chineses. Os brancos com pouco contato prévio com chineses tendiam a perceber que suas afirmações tinham revelado mais interesse em amizade do que o inverso, o que não ocorreu com brancos com contato prévio com chineses e entre chineses. Isto levou a uma diminuição no interesse real em amizade, aumentando o distanciamento e baixando a probabilidade da formação de amizade entre grupos.

Ainda relacionados à integração social, alguns estudos têm se voltado para o papel das maiorias e minorias étnicas ou raciais e sua influência sobre as relações entre membros desses grupos. Outros estudos relacionam maiorias e minorias étnicas e raciais e amizades. Fong e Isajiw (2000), por exemplo, examinaram os determinantes de padrões de amizades interétnicas entre um grupo minoritário e o grupo majoritário e amizades co-étnicas. A análise indicou que a participação em atividades voltadas para o grupo étnico minoritário diminuía as chances de desenvolver amizades com o grupo majoritário, e que características sócio-econômicas individuais afetaram fortemente as amizade co-étnicas.

Nota-se, nesse contexto, uma literatura relativamente diversificada acerca das amizades interétnicas ou interracialis. De modo geral, esses estudos estão relacionados ao fenômeno histórico da aproximação e convivência de diferentes raças ou etnias em um mesmo espaço territorial, o que, em muitas situações é causa de problemas diversos. As amizades interétnicas e interracialis surgem, então, como um fator que contribui para a integração social, possibilitando a redução do preconceito.

Algumas investigações conduzidas no Brasil sobre amizades de estrangeiros são especialmente relevantes para a presente investigação. Garcia e Goes (2010) investigaram amizades de universitários de Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe residindo no Brasil. Doze entrevistas foram conduzidas sobre a rede de amigos e as amizades mais próximas desses estudantes. Entre os resultados obtidos, foi constatado que a maioria dos amigos era da mesma nacionalidade desses participantes ou brasileiros, residia na mesma cidade e foi

conhecida no Brasil. Os resultados ainda indicaram que a maior parcela das amizades foi percebida pelos próprios participantes como relevante para a adaptação ao Brasil, mas consideraram que apenas parte das amizades havia influenciado a forma de ver o país. Os autores concluíram que os amigos são fundamentais para a adaptação social e cultural desses estudantes sugerindo a realização de mais estudos.

Merizio, Garcia e Pontes (2008) investigaram as lembranças de imigrantes libaneses vivendo no Brasil sobre suas amizades e brincadeiras na infância, vivida no Líbano, e as de amizades e brincadeiras da infância de seus filhos, no Brasil. Quatro imigrantes libaneses, casados e com filhos, vivendo na Grande Vitória, Espírito Santo, foram entrevistados sobre cinco tópicos principais: (a) amigos de infância no Líbano; (b) amigos da infância dos filhos no Brasil; (c) brincadeiras da infância no Líbano; (d) brincadeiras da infância dos filhos no Brasil; (e) percepção de diferenças culturais entre o brincar e a amizade nos dois países em momentos históricos distintos. Os autores concluíram que, apesar das semelhanças em alguns aspectos das amizades e das brincadeiras, diferenças culturais estão presentes na estrutura da rede de amigos e no conteúdo dos relacionamentos. Também concluíram que o brincar e a amizade foram afetados diretamente pelo contexto ambiental e sociocultural, incluindo, entre outros, fatores religiosos e práticas culturais ligadas ao brincar e às relações de amizade. Assim, seguindo a terminologia proposta por Hinde (1997), as estruturas socioculturais e o ambiente físico, em suas dimensões mais amplas (ecológicas e geográficas) e restritas (objetos presentes no ambiente físico, os brinquedos) se mostraram relevantes para compreender as relações de amizade.

Garcia e Rangel (2011) investigaram amizades de universitários cabo-verdianos residindo e estudando no Brasil, tendo entrevistado 12 alunos de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Os participantes citaram 109 amigos, sendo 81 cabo-verdianos, 18 brasileiros e seis angolanos, além de outros quatro amigos, cada um de uma nacionalidade diferente, sendo os idiomas mais utilizados o crioulo e o português. A maioria dos amigos (72) residia na Grande Vitória, e entre os 35 amigos mais próximos, 24 eram conhecidos de Cabo Verde. Os principais interesses comuns e as atividades compartilhadas estavam relacionados a estudo e lazer. Os participantes destacaram o valor da amizade e a ajuda recebida. As dificuldades percebidas nas amizades estavam relacionadas à distância dos amigos, características pessoais e dificuldades de comunicação. Os episódios marcantes estavam ligados a lazer e ajuda do amigo. A maioria das amizades foi considerada como relevante para a adaptação ao Brasil, mas apenas parte delas influenciou a forma como os estudantes percebiam o Brasil.

Os episódios marcantes nas amizades de universitários africanos no Brasil foram investigados por Garcia, Goes, Moura e Pepino (2010). Conforme os autores, os episódios marcantes revelam aspectos importantes da amizade, indicando aspectos internos à díade de amigos e aspectos relacionados ao contexto social. Enquanto os eventos relacionados a apoio e companheirismo revelam mais do relacionamento em suas dimensões diádicas; as festas e demais eventos sociais indicam que essas amizades ocorrem dentro de um contexto social mais amplo. Os autores observaram a existência de diferenças culturais no conteúdo das amizades. Com base em Hinde (1997), os eventos marcantes se

mostraram associados a diferentes níveis de análise que o autor propõe. O apoio e o companheirismo caracterizam os relacionamentos, enquanto as festas mostram as relações dialéticas que existem entre os grupos sociais e os relacionamentos diádicos. A influência da cultura também está prevista no modelo de Hinde (1997) como estruturas socioculturais.

Garcia (no prelo) investigou amizades de universitários estrangeiros estudando no Brasil, com base em um questionário com questões abertas e fechadas respondidas por 100 universitários. Ao todo, foram citados 820 amigos, sendo 439 de mesma nacionalidade que o respondente, 256 brasileiros e 125 de outras nacionalidades. A maioria dos amigos residia na mesma cidade que os participantes e estes haviam conhecido a maioria dos amigos mais próximos por meio de contato pessoal, no exterior ou no Brasil. As dificuldades se referiam à distância dos amigos, diferenças pessoais, dificuldades de comunicação e diferenças culturais. Os episódios marcantes estavam ligados a lazer, trabalho, estudo, apoio e companheirismo. Para os estudantes, a maioria das amizades foi relevante para a adaptação ao Brasil e para a forma de ver o país. Os dados ainda sugerem uma aparente falta de integração desses estudantes ao meio acadêmico brasileiro, com base em suas amizades.

Dois conceitos pertinentes aos estudos sobre amizade de estrangeiros em outro país são adaptação e integração. Adaptação se refere ao processo de ajustamento às condições ambientais existentes (Castro, 2003). Ward, Bochner e Furman (2001) propõem duas formas de adaptação intercultural: a adaptação sociocultural, que reflete a habilidade de interagir com uma cultura diferente; e a adaptação psicológica, associada à sensação de bem-estar do indivíduo e

avaliação positiva das situações vividas. Os componentes psicológicos e socioculturais da adaptação têm sido investigados dentro do arcabouço da teoria da aculturação (Ward et al. 2001). No contexto de imigração, aculturação tem sido compreendida como uma combinação de mudanças culturais resultantes do contato de imigrantes com a população local (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2002).

De acordo com Berry (2001) e Berry et al. (2002) o processo de aculturação indica a relação do imigrante com a cultura de origem e com a cultura do país onde passou a viver, reconhecendo a existência de quatro estratégias diferentes de aculturação, nas quais o imigrante pode manter a cultura de origem e rejeitar a cultura local (separação), abandonar a herança cultural e adotar uma nova identidade cultural (assimilação), manter a herança cultural do imigrante e adquirir características da nova cultura de forma simultânea (integração) ou rejeitar ambas as culturas (marginalização).

5. O ARCABOUÇO CONCEITUAL DA OBRA DE ROBERT HINDE

A obra de Robert Hinde sobre relacionamento interpessoal (Hinde, 1979, 1987, 1997) representa o referencial teórico do presente estudo. Robert Hinde é um dos autores mais importantes ligados à Etologia Clássica, da qual recebeu forte influência teórica e epistemológica, como a ênfase na descrição e níveis de complexidade e integração (Garcia, 2005).

Robert Hinde (1997) buscou integrar o conhecimento sobre relações interpessoais, incluindo o *self*, interações, relacionamentos e grupos, como

processos dinâmicos em relação dialética uns com os outros e com as estruturas socioculturais de normas, valores, crenças e instituições e o ambiente físico.

Desde a década de 1970, Hinde (1979) buscou a construção de uma ciência do relacionamento interpessoal como um corpo integrado de conhecimento. Em 1997, procurou uma rota para integrar o conhecimento sobre o tema. Entre os pontos teóricos centrais está a consideração de níveis de complexidade. De acordo com Hinde (1979), o relacionamento interpessoal envolve diversos níveis de complexidade e considera que conceitos descritivos adicionais são necessários em cada um deles.

Hinde (1987) enfatizou a necessidade de distinguir níveis sucessivos de complexidade social – interação, relacionamentos, grupo e estrutura sociocultural – como processos com relações dinâmicas e dialéticas entre si. Para Hinde (1987), uma interação envolve uma série de trocas, cujo conteúdo e qualidade podem ser descritos. Um relacionamento envolveria uma série de interações ao longo do tempo, entre dois indivíduos, incluindo comportamento, aspectos afetivos e cognitivos.

Segundo Hinde (1987), interações, relacionamentos e grupos se afetam mutuamente e ainda afetam e são afetados pela estrutura sociocultural e o ambiente. Assim, forças culturais afetariam a natureza dos indivíduos que, por sua vez, também afetaria as forças culturais. Hinde (1997) considerou diferentes níveis de complexidade desde processos intraindividuais, interações, relacionamentos, grupos e sociedades e também o contexto da cultura e do ambiente físico.

A importância da descrição e da classificação dos relacionamentos está presente nos três livros do referido autor. Conforme Hinde (1979), relacionamentos deveriam ser inicialmente descritos e classificados. A categorização inicial se refere ao conteúdo das interações (o que duas pessoas fazem juntas) e sua diversidade. A seguir, destacou a importância de “como” as pessoas fazem coisas juntamente. A descrição é vista como um meio para se compreender a dinâmica dos relacionamentos e não como um fim em si mesma, sendo a base para a teorização e a generalização.

O autor propõe três fases analíticas: a descrição e classificação dos relacionamentos, a especificação dos princípios envolvidos em sua dinâmica e o reconhecimento das limitações da aplicabilidade desses princípios. Nos relacionamentos, considera que os componentes afetivos e cognitivos são tão importantes quanto os comportamentais (Hinde, 1997).

Segundo Hinde (1997), o relacionamento interpessoal integra um sistema de relações envolvendo diversos níveis de complexidade que afetam e são afetados uns pelos outros desde processos fisiológicos, passando por interações, relacionamentos, grupos e sociedade e ainda a estrutura sociocultural e o ambiente físico (Figura 1). Sob esse aspecto, tem-se o modelo a seguir.

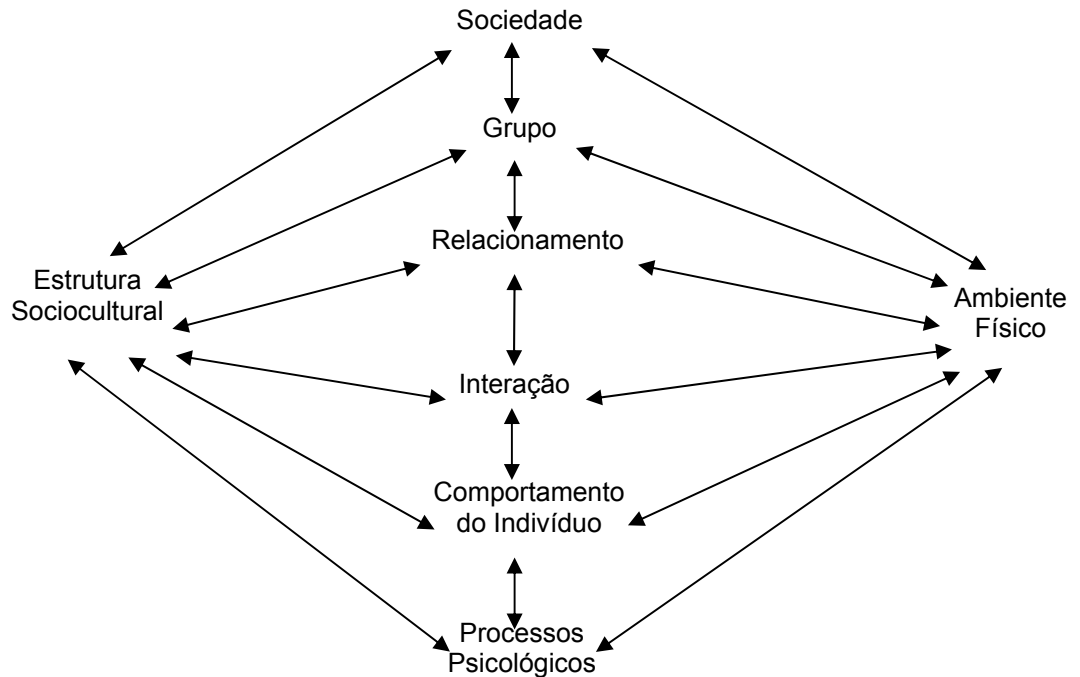


Figura 1: Relações dialéticas entre níveis de complexidade social (Hinde, 1997)

6. O PROBLEMA DE PESQUISA E A RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A imigração e permanência em outro país trazem mudanças para a vida do ser humano. O Brasil recebeu imigrantes ao longo do século XIX e XX. Investigar as amizades na história de vida de imigrantes gregos vivendo no Espírito Santo, com outros gregos, brasileiros ou outros estrangeiros, com vistas a compreender as relações entre amizade e cultura, incluindo também amizades interculturais e o papel das amizades no processo de adaptação ou ajustamento à vida no Brasil se constitui no problema de pesquisa da presente investigação.

Logo, amizades entre pessoas de diferentes culturas podem promover melhor integração entre os povos e as culturas, bem como promover relações mais pacíficas, integrações sociais mais profundas e maiores inserções sociais.

Acredita-se, assim, que o projeto apresenta tanto uma justificativa científica quanto social.

7. OBJETIVOS

O objetivo geral da presente investigação foi descrever as amizades de gregos adultos residindo no Brasil há pelo menos dois anos, com pessoas de qualquer nacionalidade e residindo em qualquer parte do planeta. Os objetivos específicos foram: (a) descrever o histórico das amizades ao longo da vida no país, (b) descrever o conteúdo dessas amizades; (c) descrever o papel das amizades para a adaptação dos gregos ao Brasil.

II. MÉTODO

A presente investigação pode ser considerada uma pesquisa de campo qualitativa, com características descritivo-exploratórias, tendo como plano o estudo retrospectivo de casos múltiplos.

Nesta investigação, trabalhou-se com memórias e com a realidade, ou seja, com características distintas e também particulares ao ser humano, por entender que cada um constrói sua história no decorrer da vida a partir de sua realidade particular e específica, de seu cotidiano corriqueiro e sempre relevante. Segundo Bosi (2004, p. 71),

a toda hora, somos capazes de recuperar aspectos de nosso passado: é como se nós contássemos histórias a nós-mesmos, alguns chegam a registrá-las em forma de diário. Mas o relato primordial é o que pode ser feito a outras pessoas: através dele, o que vivemos e que é bem nosso ganha uma dimensão social, obtém testemunhas (mesmo que *a posteriori*), faz com que os outros ampliem sua experiência, através das nossas palavras. Há troca e cumplicidade.

Dessa maneira, trabalhar com memórias desperta emoções e sentimentos que ultrapassam a atualidade, ampliando o horizonte cultural e individual. Em outro sentido, remeter-se à realidade traz a ideia de que o hoje é um constante devir, para o qual é preciso voltar-se e apoiar-se, conferindo ao dia a dia a função de suporte da identidade pessoal. Com as memórias e com o dia a dia foi possível construir a relação de cada um com sua concepção de amizade, uma vez que esta mesma amizade tem o poder de transformar em vida aquilo que não passa de mera realidade.

O capítulo sobre histórias de imigração e de amizade segue a proposição de Bosi (1999, 2004), que concebe a memória como um trabalho acerca do

tempo. No entanto, trata-se do tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo, visto que a memória oral é um instrumento valioso para recontar o dia a dia de tempos passados. Conforme Bosi (2004, p. 15), “a história que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”.

Por conseguinte, rememorar evoca sensações de outrora, recontando os episódios com a fidelidade própria de quem os viveu. As recordações descritas a partir da memória fazem a mediação entre o que se passou e o que foi apreendido, tornando o ser humano testemunha do passado. Dessa forma, a memória torna-se intermediário informal da cultura, transmitindo seus valores, conteúdos, atitudes e demais características.

Por tais razões, optou-se em fazer a discussão ao mesmo tempo em que os resultados são apresentados, em virtude da íntima ligação entre os temas propostos.

1. PARTICIPANTES

Para compor a amostra da pesquisa, foi adotada a amostragem não-probabilística por acessibilidade e por tipicidade, de modo que foram entrevistados dez indivíduos gregos adultos, independentemente de gênero, que vieram para o Brasil com dez anos de idade ou mais e que estivessem morando no país há mais de dois anos. Os participantes foram selecionados pela facilidade de acesso e por estarem de acordo com os critérios de inclusão.

Os dados referentes ao local, ano de nascimento, chegada ao Brasil e situação familiar são indicados a seguir: (1) Ábaris (Atenas, 1948) chegou ao Brasil (especificamente São Paulo) com 11 anos de idade. Casado com brasileira, e tem filhos e netos brasileiros; (2) Anteros (Patras, 1936) chegou ao Brasil, em São Paulo, com dezenove anos de idade. Casado com grega, sendo seus filhos brasileiros; (3) Athamas (Corintos, 1954) está no Brasil há 31 anos. Casou-se na Grécia e tem três filhos, sendo todos nascidos aqui; (4) Eurídice (Atenas, 1971) está no Brasil há onze anos, tendo passado por um primeiro casamento, com grego de uma segunda união com brasileiro. Tem dois filhos brasileiros e um grego; (5) Ícaro (Andros, 1937) é órfão de pai e mãe, viveu por anos em orfanatos na Grécia. Chegou ao Brasil em 1964, com vinte e um anos de idade. Tem uma filha brasileira; (6) Kairos (Atenas, 1935) é um dos gregos pioneiros no Espírito Santo, tendo chegado ao Brasil em 1964. Tinha 29 anos quando chegou ao Brasil. Casou-se com grega em terras brasileiras e tem dois filhos gregos e cinco netos gregos e brasileiros; (7) Minos (Lacônia, 1942) chegou ao Brasil em 1957. Retornou à Grécia para casar-se, construindo sua família no Brasil; (8) Stafilos (Esparta, 1947) veio para o Brasil em 1958, com onze anos e meio, tendo adotado uma filha brasileira; (9) Tacita (Esparta, 1943) veio com a família para o Brasil em 1958, aos quinze anos de idade. Casou-se com um dos primeiros gregos no Espírito Santo, tendo dois filhos com ele; (10) Vanília (Chalandri, 1940) veio para o Brasil aos vinte e dois anos de idade para casar-se com um grego que já estava aqui. Tem dois filhos brasileiros e familiares na Grécia.

2. INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS

Como estudo retrospectivo de relacionamentos considerou-se relevante incluir narrativas como uma forma de ter acesso aos dados, visto que “através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações [...], e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (Jovchelovitch & Bauer, 2002, p.91). Portanto, narrativas são formas de avistar e compreender o mundo, sendo consequências da interrelação entre os fatos pessoais e as vidas que compõem a história contada no espaço e no tempo. Contudo, conforme Flick (2009, p.178), “nem tudo pode constituir um tópico em uma apresentação narrativa, de modo que, às vezes, são necessárias formas complementares para abordar as experiências que se quer investigar”.

Por outro lado, a natureza conceitual da área de estudos sobre relações interpessoais, de acordo com Hinde (1997), e a busca de elementos que contribuíssem para os modelos qualitativos e conceituais existentes sobre relacionamento indicou a necessidade de também incluir-se conceitos sobre relacionamentos. Desta forma optou-se por uma forma de entrevista que permitisse integrar aspectos narrativos e conceituais, tendo-se optado pela entrevista episódica.

Para tanto, conforme Flick (2009), a entrevista episódica parte do pressuposto de que “as experiências de um sujeito sobre um determinado domínio sejam armazenadas e lembradas nas formas de conhecimento narrativo-

episódico e semântico” (p. 172). Segundo o autor, essas duas formas de conhecimento estão relacionadas:

o conhecimento episódico possui uma organização que se aproxima mais das experiências, estando associada a situações e a circunstâncias concretas, ao passo que o conhecimento semântico baseia-se em suposições e em relações abstraídas destas e generalizadas. Para o primeiro caso, o curso da situação em seu contexto é a unidade principal em torno da qual o conhecimento é organizado. No último, os conceitos e suas relações entre si são as unidades centrais (Flick, 2009, p. 172).

Através da entrevista episódica pode-se, então, ter acesso ao relacionamento como uma experiência histórica e narrativa, e também ao pensamento conceitual sobre essas relações. Assim,

para abordar essas duas formas de conhecimento sobre um domínio, planejou-se um método para reunir e analisar o conhecimento narrativo-episódico utilizando narrativa, ao passo que o conhecimento semântico torna-se acessível por meio de questões concretas propositais (Flick, p. 172).

Quanto ao plano básico como pesquisa qualitativa, trata-se de um estudo retrospectivo de casos múltiplos. Conforme Flick (2009, p. 135), “o objetivo dos estudos de caso é a descrição exata ou reconstrução de um caso”. Em relação aos estudos retrospectivos estes “funcionam com uma série de análises de caso de uma forma comparativa, tipologizante e contrastante” (Flick, 2009, p. 136).

As informações obtidas por meio de entrevista episódica foram objeto de análise temática. Para a realização da análise temática é recomendado

um procedimento gradual de redução do texto qualitativo. As unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de séries de paráfrases. Primeiro, passagens inteiras, ou parágrafos, são parafraseadas em sentenças sintéticas. Estas sentenças são posteriormente parafraseadas em algumas palavras-chave. Ambas as reduções operam como generalização e condensação de sentido (Jovchelovitch & Bauer, 2008, p. 107).

Partiu-se, então, para a codificação e categorização do texto, individualmente, para cada entrevista, procurando-se, através de comparações e revisões chegar-se a um sistema único de classificação e organização do material, conforme proposto por Jovchelovitch e Bauer (2008). Dessa maneira,

a partir deste parafrasear, desenvolve-se uma sistema de categorias com o qual todos os textos podem ser, em última análise, codificados, caso necessário. Primeiramente, são criadas categorias para cada entrevistado, posteriormente, ordenadas em um sistema coerente de categorização geral para todas as entrevistas do projeto. Um sistema final de categorização somente pode ser decidido depois de revisões reiteradas (Jovchelovitch & Bauer, 2008, p.107).

As revisões e comparações permitiram uma aproximação entre as estruturas presentes no material dos entrevistados com as estruturas teóricas presentes na literatura e que guiaram a organização de investigação, de modo que “o produto final constitui uma interpretação das entrevistas, juntando estruturas de relevância dos informantes com as do entrevistador” (Jovchelovitch & Bauer, 2008, p.107).

O procedimento está de acordo com o referencial teórico adotado, tendo Hinde (1997) proposto a descrição e classificação dos relacionamentos, a especificação dos princípios envolvidos em sua dinâmica e o reconhecimento das limitações da aplicabilidade desses princípios. Segundo Garcia (2001), o procedimento adotado também é coerente com a construção do conhecimento proposta por Konrad Lorenz em relação à Etologia Clássica, que seguiria três etapas: descrição, sistematização e proposição de princípios gerais. Sob essa ótica,

outro ponto fundamental do pensamento epistemológico de Lorenz é o reconhecimento dos três estágios do procedimento científico, propostos pelo filósofo da ciência Wilhelm Windelband. O primeiro é o estágio ideográfico, de observação e coleta de dados. O segundo é o estágio sistemático, que põe ordem nos dados coletados. O terceiro é o estágio

nomotético que, a partir da sistematização do estágio anterior, deriva hipóteses (Garcia, 2001, p. 35).

As entrevistas foram realizadas individualmente, sendo gravadas e posteriormente transcritas. Os participantes receberam um termo de consentimento em duas vias, e foram entrevistados com base em um roteiro semi-estruturado (Anexo A) que buscou investigar o papel dos amigos em relação ao processo de migração e estabelecimento no Brasil, as mudanças nas amizades e a formação de novas amizades, a percepção dos amigos para a adaptação ao Brasil, a percepção de diferenças culturais e preconceitos oriundos da diferença de nacionalidade nas amizades, a percepção das amizades para a visão do novo país, dificuldades e o significado das amizades para o imigrante em terras distantes.

Os dados foram analisados de maneira qualitativa e organizados de acordo com similaridades entre os temas discutidos. Com o intuito de manter em sigilo a identidade dos participantes, nomes fictícios foram utilizados.

3. AVALIAÇÃO ÉTICA DOS RISCOS E BENEFÍCIOS

Todo o procedimento de pesquisa descrito seguiu rigorosamente os critérios éticos estabelecidos através da legislação que regulamenta pesquisas com seres humanos. Desse modo, as entrevistas individuais foram realizadas de acordo com a técnica padrão, cientificamente reconhecida, sendo realizadas em local previamente acordado entre pesquisador e participante. Foram preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros

das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante teve a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações complementares e esclarecimentos foram elucidados e fornecidos pelo pesquisador em qualquer momento aos participantes. Os resultados e sua respectiva discussão são apresentados nos capítulos que se seguem.

III. HISTÓRIAS DE IMIGRAÇÃO E DE AMIZADE

Este capítulo tem por objetivo apresentar elementos da história de cada participante em seu movimento de migração da Grécia para o Brasil e alguns relatos pessoais acerca de suas amizades no novo país. Para cada um dos dez participantes, apresenta-se uma retrospectiva de sua migração e alguns episódios referentes a suas amizades ao longo do tempo, especialmente com brasileiros. A natureza ou significado das amizades, assim como o seu contexto social, serão explorados nos capítulos seguintes. A fim de preservar o sigilo, os participantes receberam nomes fictícios relacionados à mitologia grega.

1. ÁBARIS

Nascido em Atenas, é filho de sobreviventes dos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial que se conheceram no pós-guerra, em Atenas, e cujos familiares foram disseminados durante o conflito. Após a guerra, ele, o irmão e a mãe moraram em Telaviv, onde o pai os reencontrou nove meses depois, em virtude de ter sido obrigado a ficar na Grécia para servir ao exército. O governo grego exige que seus cidadãos sirvam ao exército e fiquem à disposição do governo. Ábaris manifesta sua crítica em relação a tal procedimento, afirmando que

meu pai foi depois, porque papai, por ter estado no campo de concentração na época do serviço militar, o governo dele entendeu que ele era um apátrida, porque não tinha servido ao exército. Como ele podia servir o exército se ele estava no campo de concentração?

Segundo Ábaris, o consulado de Israel orientava os sobreviventes da guerra em relação a possibilidades de trabalho oferecidas por países específicos, sendo que Brasil, Austrália, Estados Unidos e Canadá destacavam-se. Morou alguns meses em Israel com seus familiares, antes de aportarem no Brasil. O patrimônio e o nome da família de seu pai eram conhecidos na Grécia, “[...] era representante de aço de construção”. Todavia, em virtude dos combates, nada restou. A partir dessa nova realidade, optaram por morar em São Paulo e, em seguida, no Espírito Santo. Tal escolha ocorreu mediante informações do consulado grego e dos gregos já residentes em Vitória. Ábaris destaca o empreendedorismo da mãe e a habilidade do pai, além do fato dos dois desejarem refazer o patrimônio perdido com o conflito mundial como motivadores para a migração.

Acima de tudo, os pais de Ábaris queriam os filhos graduados, e não mediam esforços para alcançar esse feito: “e esse era o sonho de papai. Era criar um patamar de preparação intelectual, cultural, né, que voltasse a família ao patamar que ela tinha antes dele ir para o campo de concentração”. Graduou-se em engenharia civil pela Universidade Federal do Espírito Santo e edificou sua carreira profissional, mantendo-se próximo aos pais e ao irmão. A família de Ábaris constitui, juntamente a outras, a primeira geração de gregos residentes em Vitória. No entanto, eram

[...] uma família bem fora da média. Porque o grego *e/e* é basicamente ortodoxo. [...] Nós éramos de religião judaica. E por essa questão, sempre existia assim, uma certa... naquela época existia uma certa discriminação a nível mundial contra os judeus, porque mataram Cristo. Aquela história absurda...

A fim de proteger a família de possíveis preconceitos, os pais optaram em fazer com que os filhos não seguissem o judaísmo. Ábaris casou-se com brasileira, o que não era costumeiro, uma vez que noivas eram trazidas diretamente da Grécia para unirem-se em matrimônio com gregos já instalados no Brasil. Demais ações de Ábaris também se diferenciavam dos costumes gregos, de modo que optou por tornar-se brasileiro de fato.

Seu pai foi o primeiro professor de grego na Comunidade Helênica do Espírito Santo e, embora tenha sido questionado pelo governo de sua pátria-mãe por não ter servido ao exército na época devida, não abandonou seu vínculo e seu amor pelo país. Ábaris demonstra grande consideração pelos pais e pelo irmão, e gratidão pela esposa, por compreendê-lo em sua história de vida. Não compartilhava os costumes gregos comuns à sua geração – “[...] umas coisas estranhas, né?!” –, e aprendeu com os pais a esmerar-se no que faz para fazer bem e para desenvolver-se enquanto indivíduo.

Esclarece que a origem judaica de seu nome o diferenciava ainda mais, visto que “até nisso a gente tinha essa descaracterização do carimbo grego”. Ábaris não seguiu tradições gregas encontradas nos demais participantes. Ele destaca que “então, a gente, vamos dizer, segue caminhos, trilhas muito diferentes. E talvez isso tenha impedido uma relação assim, de se frequentar. E outra coisa, o próprio costume”. Ábaris criou formas peculiares de ser grego no Brasil, criando sua família nos moldes que considerava adequados. A história inicial de Ábaris no Brasil envolve seu pai, um dos gregos pioneiros no Estado, e alvo de sua admiração. A relação estabelecida por ele influenciou positiva e

diretamente a visão de Ábaris sobre os brasileiros e, de modo peculiar, sua relação com os gregos.

Assim que a família desembarcou no Brasil, o senhor Constantino – pai de Ábaris – recebeu o auxílio de conterrâneos que aportaram anteriormente no Brasil, em São Paulo, e que já atuavam como comerciantes. Dessa maneira, esses pequenos empresários indicaram para seu pai como proceder no novo país, como e em quê investir, além de fornecer-lhe informações pertinentes a um estrangeiro recém chegado ao Brasil. Inicialmente, os gregos que optaram em vir para o Brasil tiveram a mesma trajetória. As amizades com os gregos em Vitória iniciaram-se pela via mercantil, visto que há, na cultura grega, confiança e respaldo nas informações transmitidas por outros patrícios o que, para eles, configura relação de amizade. Ainda assim, Ábaris não criou vínculos com os gregos do Brasil. Alega que o fato de ser judeu em meio a um povo com tradições ortodoxas, não os fazia ‘iguais’ perante os demais. Seu pai teve o cuidado de “[...] fazer com que a gente não seguisse isso, porque era seguro”. Além disso, ressalta que as trajetórias escolhidas por ele e pelos outros indivíduos de sua geração não foram semelhantes. Como a história aponta, o povo helênico apresenta grande tino comercial e Ábaris, por sua vez, tornou-se engenheiro, afastando-se deles. Para ele,

talvez o que nos separou, o que nos desviou um pouquinho do caminhos dos parceiros, é que a maioria grande dos gregos da nossa geração, eles não estudavam. [...] Muda o desenvolvimento [...]. Eu acho que essa foi a grande mudança. Enquanto a gente vivia o seguimento comum, que era o comércio, a gente vivia junto com os gregos. [...] No comércio era mais ou menos... né?! Mas quando chegava na hora do estudo...

Ábaris, passa então, a narrar suas histórias de amizade. Suas amizades com brasileiros iniciaram-se por meio de seu pai, que comentava com a família

acerca da aproximação constante e crescente com os mesmos. Quando aportaram no Brasil, havia um número reduzido de gregos e o pai de Ábaris teve que contar com o auxílio maior dos moradores da terra nova. Sentindo-se bem recebido, “[...] fez amizade com um monte de gente [...] fizemos muitas amizades. Fez uma relação muito grande de amizade”, e ensinou a família a valorizar as pessoas desse país.

Ábaris declara que, desde que chegou aqui, fez várias amizades que perduram até os dias atuais. O fato de ele e seus familiares não se sentirem à vontade junto aos gregos que moravam em Vitória pela questão da diferenciação religiosa e pelo não cumprimento dos costumes helênicos, contribuiu para a formação de amizades com brasileiros. Tais amizades tornaram-se necessárias e funcionaram como alicerce para a segurança de Ábaris no novo país, o qual afirma que “a nossa relação, introdução com a sociedade, no caso foi tão... foi tão profunda, que esse detalhe de origem... ele... ele... vamos dizer... evaporou”.

Dentre os participantes dessa pesquisa, Ábaris destaca-se por afirmar seguramente que não possui amigos de sua nacionalidade, apesar de encontrar-se usualmente com os gregos que moram no Espírito Santo, especialmente através da Comunidade Helênica. Para ele, “uma amizade se consolida junto, quando nasce junto, quando desenvolve, vamos dizer. Então, eu tenho hoje o privilégio de ter amizades, vamos dizer, que eu considero fortes, mas, com grego, não tenho”. A identificação maior com os brasileiros do que com seu próprio povo que foi experimentada por Ábaris faz com que ele destaque essas amizades, ratificando que não tem muito vínculo com pessoas de outras nacionalidades: “são brasileiros... vários, né?! Amigo é difícil ter vários... Mas, quer dizer, dentro

da média aí, da própria satisfação pessoal... São brasileiros por quê? Porque você convive aí, faz engenharia...”.

Contra-pondo-se em parte às declarações dos demais participantes, algumas relações com gregos tiveram início comercialmente, gerando aproximação entre as famílias. Os pais de Ábaris mantiveram contato com os amigos gregos que os acolheram quando chegaram através da Colônia. Todavia, o participante não se sentia à vontade com seus conterrâneos, reduzindo cada vez mais os já poucos encontros. Não havia a mesma recepção que sentia com seus amigos brasileiros, segundo ele, nos ambientes da Comunidade, de modo que “[...] minha família não frequenta nenhuma família grega. Não sou frequentado por nenhuma família grega. Mas não é por... condição *sine qua non*, por condição pré-concebida. É porque não rola”.

2. ANTEROS

Anteros nasceu em Patras, a terceira maior cidade grega na época. Da mesma forma que a maioria dos conterrâneos, o pai de Anteros emigrou sozinho da Grécia, visto que a família só deveria ser deslocada caso houvesse a confirmação de prosperidade em outras terras. O Brasil havia aberto imigração e seu pai optou por São Paulo, ainda que não soubesse o idioma. Nas palavras de Anteros, “nós viemos porque, depois da Segunda Guerra Mundial, porque países da Europa, inclusive a Grécia, foram arrasados. Então aí começaram outras

coisas, e o Brasil abriu imigração. Viemos como imigrantes inicialmente, né?!”. Ressalta-se aqui que Anteros não se considera mais imigrante, e sim, brasileiro.

Após dois anos de trabalho paterno no núcleo grego, em São Paulo, a família de Anteros imigrou para o Brasil. Estava com dezenove anos de idade e havia completado os estudos na Grécia, de maneira que logo foi convocado pelo pai ao trabalho. A família estava disposta a crescer financeiramente e a sacrificar-se em prol disso. Nesse sentido, o entrevistado e um de seus irmãos ouviram falar do Espírito Santo e vieram para cá.

Amigos brasileiros foram fundamentais na aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que o pai do participante exigia que ele rapidamente se comunicasse em português com os fregueses que frequentavam a loja. A mudança para um novo e desconhecido país, com cultura e características próprias, não foram fatores para que Anteros recusasse a oportunidade. Destaca que os amigos brasileiros contribuíram intensamente para que se adaptasse e reconhecesse o Brasil como sua nova pátria. Afirma que, inicialmente veio para o Brasil por “[...] necessidade, né? Tinha muito medo lá, não tinha nada na cidade, não tinha trabalho”. A família de Anteros também constitui a primeira geração de gregos no Estado.

O participante passa, então a contar a história de suas amizades. Anteros afirma que se adaptou ao Brasil em virtude das amizades que construiu com brasileiros desde seus primeiros dias no Brasil, visto que não recebeu atenção especial do pai – que já estava aqui havia dois anos – para conhecer o país, seus costumes e, acima de tudo, o idioma. Contou com os amigos para aprender o português, reconhecendo que os mesmos tiveram muita paciência com ele: “meu

amigo explicava, mostrava o que era cada coisa. Quando tinha palavra que não sabia no trabalho, lembrava pra perguntar meu amigo depois”.

Anteros, apesar de chegar ao Brasil aos 19 anos de idade, não ingressou em escola alguma, mas foi trabalhar com seu pai no comércio da família, já que o intuito daquele – e da grande maioria grega que optou em viver no Brasil – era que prosperassem aqui. As amizades construídas por ele se estenderam à sua esposa e aos seus filhos, tornando-se amizades entre as famílias. Nesse contexto, tem-se que

a gente saia junto aqui, cresceu o resto que tinha pra crescer junto também. Casou, os filhos são amigos dos filhos. Minha mulher é grande amiga delas (*das esposas dos amigos dele*) também. Aí, quando teve a comunidade, eles iam com a gente, iam no... como é o nome... piquenique.

Emocionado, Anteros declara que “temos amigos brasileiros. [...] São brasileiros daqui, que me receberam e ficaram amigos, amigos que fiz com o tempo que tô aqui [...]”. Para as primeiras gerações helênicas aportadas no Espírito Santo, o acolhimento capixaba foi fundamental para que se estabelecessem em terras brasileiras. No geral, as amizades iniciaram-se em vias de auxílio unilateral, isto é, brasileiros ajudando gregos a compreenderem a dinâmica cultural em vigor. Dessa forma, Anteros denota que “meus primeiros amigos foram brasileiros mesmo”. Ele não conhecia outros gregos, de modo que inicialmente criou vínculos com brasileiros, a quem faz questão de demonstrar sua gratidão. Com o passar dos anos e pelos próprios costumes gregos, a frequência na comunicação entre Anteros e seus amigos brasileiros diminuiu, embora esse fato não seja motivo de afastamento das amizades.

3. ATHAMAS

Athamas serviu ao exército grego, conforme exigência do país, o que, segundo ele, contribuiu para que se desvinculasse do laço maternal, facilitando sua decisão de morar no Brasil. O sogro de Athamas havia imigrado para o Brasil com a primeira geração de gregos, e seus filhos nasceram aqui; logo, a esposa do participante é grega-brasileira. Em dado momento, a família retornou à Grécia, e o casamento aconteceu. Após conversas entre o participante e o sogro, ficou decidido que viria para o Brasil com a família da esposa. Percebe-se, pois, que, diferentemente dos demais entrevistados, Athamas não optou em morar no Brasil em virtude do período pós-guerra.

Embora a família de sua esposa já estivesse estabelecida no país, Athamas encontrou percalços em sua vinda em 1980, a começar pelo idioma: “meu sogro, em 1954, *e/le* veio com a roupa do corpo. Nós encontramos algumas coisas, digamos, pra começar a vida. Só que as coisas não andaram como a gente planejava... *Teve* dificuldades”. Em 1985 retornou ao país de origem em busca de melhores condições. Todavia, não obteve sucesso lá. Tal fato, somado à distância da família, fez com que retornasse ao Brasil e, mais uma vez, recomeçasse.

Como o empreendedorismo é característica marcante nos helênicos, conforme o entrevistado, “eu nunca trabalhei de empregado pra outras pessoas. Sempre trabalhamos em serviços próprios, mesmo na época dos momentos difíceis. O grego gosta de abrir um boteco, qualquer coisa, mas tentar sozinho (*sorriso tímido*)”. Diante do exposto, amizades com brasileiros tornaram-se de

suma importância para que Athamas conseguisse se firmar em seu ramo de atuação. Começou a se sentir mais ambientado quando se aproximou de brasileiros e de conterrâneos que já estavam no estado. Estar com a família da esposa não era suficiente para que ficasse à vontade no país. Atualmente, já soma mais anos vividos no Brasil do que em sua terra-mãe, fato que o emociona. Declara que “os povos se misturam...”, e que se sentiu bem acolhido no Brasil. Aponta que o imigrante grego, de modo geral, é emotivo.

Para ele, o amor e a relação com o país de nascimento tornam-se mais forte que a história relatada por pais e parentes, de maneira que compreende que os filhos não sintam pela Grécia o mesmo carinho que ele sente. Justifica dessa forma a pequena presença dos filhos nas reuniões realizadas na Comunidade Helênica, que marca o encontro dos gregos que moram no Espírito Santo.

Como todos os gregos entrevistados, Athamas faz menções a datas, fazendo questão de apresentar os acontecimentos de sua vida em anos. Evidenciou-se que datar a vida é algo natural entre eles, em virtude da força que uma história bem narrada detém entre os gregos. Há grande comoção ao falar das gerações helênicas no Estado, uma vez que aqueles que formam a primeira geração restringem-se a poucos no grupo hoje em dia. Considera-se da geração intermediária e declara que a geração mais nova familiarizou-se mais com o Brasil, adotando os costumes brasileiros em detrimento dos costumes gregos, que são lembrados e vividos nos momentos de festas e de encontros na Colônia Grega no Estado.

De sua parte, fez questão de transmitir aos seus filhos e netos tradições gregas, visto que não quer que eles percam o laço que possuem com a Grécia. O

idioma também foi ensinado, tendo o auxílio dos professores enviados a cada local no mundo que possui uma Colônia grega. Em relação ao idioma, outros participantes além de Athamas fazem menção à influência que os radicais gregos tiveram na formação de diversas línguas.

Sentindo-se à vontade na entrevista, relatou algumas situações pelas quais passou em seus primeiros anos de Brasil e que hoje considera lembranças curiosas e divertidas. Assim, aponta que

algumas coisas marcaram. Coisas engraçadas, né?! Não sei se o pessoal gosta de escutar coisas engraçadas, né... Então, três casos, vou contar rapidamente, engraçados que aconteceram. Um aconteceu quando viajei com minha esposa para Valadares. Ela morava em Valadares, nasceu em Valadares. Então nós andamos de trem, passeamos de trem. E sentou do meu lado uma senhora, e começou falar em português. Como eu não falava português, pensei: “uma hora ela vai parar de falar, porque o quê que eu vou falar pra ela?”. Eu não falava. E ela ficou uma hora falando. Falava, falava, falava... *tava* quase chegando, vi que não parava, falei: “senhora, eu não falo português”; e ela ficou com vergonha (*risos rápidos*) e parou. Foi uma coisa marcante pra mim porque eu fiquei sem saber o que fazer. E a outra, quando fui pegar visto uma vez em Foz do Iguaçu, eu... não sabia falar o português, andava com um caderno, e o meu caderno tinha tradução, e eu sempre que queria alguma coisa, chegava e perguntava; e uma vez queria achar o portão no aeroporto, e a moça chegou... a pessoa que me atendeu... explicou pra onde que eu ia pegar o portão, aí mostrei: “eu não falo português, me mostra”, peguei no dedo dela “me mostra” (*risos mais soltos, porém, rápidos*); peguei no dedo dela, “aqui, aqui?”; porque eu não falo português, não adianta você me explicar, que eu não vou entender nada, né, e... A terceira foi uma coisa engraçada porque tiramos as fotos. Eu escutava minha esposa que falava, e lá na Grécia, quando você agradece uma pessoa, você fala [...]; homem, mulher. Aqui, não; o homem fala ‘obrigado’, e a mulher ‘obrigada’. Como eu não falava português, foi a minha esposa atendendo. Então eu escutei quando terminou e pegou as fotos, pra agradecer, eu cheguei e falei “obrigada”; ela me deu um chute na canela, eu falei “o quê que fiz?”, “não, o homem não fala obrigada, fala obrigado. “Mas por quê? O homem e a mulher não falam a mesma coisa?”, “não!”. Foi difícil eu assimilar por quê que o homem e a mulher falam diferente, se nós, na nossa cultura, *fala* uma coisa só. Mas só que com o tempo a gente vai... criando... vamos dizer, conhecimento, e depois se *mentalize* e faz entender. Hoje, às vezes tenho, assim, uma dificuldade mais... é... um pouquinho mais no sotaque, mas não de entender o português, nem de ler o português.

Sente-se feliz pela educação que transmitiu a seus filhos e honrado por ter criado raízes aqui. A família é uma instituição prezada pelos gregos e Athamas

gosta de partilhar negócios e lazer com a sua. Apesar de estar longe de sua família primária – entende-se por família primária seus pais e irmãos – reconhece que pode lhes oferecer bens materiais propiciados pelo que construiu financeiramente no Brasil. Aproveitando termos criados na Grécia, diz que não gosta de muita democracia e que, por isso, prefere encontrar esporadicamente os familiares. Afirma, enfaticamente, que “[...] faria tudo de novo”. Anualmente visita a Grécia e faz questão de levar amigos brasileiros para conhecerem seu país de origem. Todavia, não pensa em morar lá novamente.

A partir deste momento, Athamas conta suas histórias de amizade. Athamas declara ter tido dificuldade em construir relacionamentos com outros gregos residentes no Espírito Santo, em virtude de ainda não se sentir ambientado com seus costumes. Desse modo, nos momentos em que se sentiu sozinho e em que estava com dificuldades financeiras, recebeu apoio de conhecidos brasileiros, que se tornaram seus amigos. Inicialmente, o contato que mantinha com brasileiros restringia-se ao âmbito profissional. Com o decorrer do tempo, observou que poderia se permitir construir relacionamentos de amizade com eles, identificando afeto e reciprocidade nos mesmos.

4. EURÍDICE

Entre idas e vindas na rota Grécia-Brasil, estabeleceu-se definitivamente no Brasil há cerca de onze anos. Seu pai foi um dos gregos da primeira geração a aportarem no Brasil, em 1964. Ele se casou com uma grega, viveram alguns anos

aqui, voltaram a morar na Grécia e optaram pelo Brasil também há cerca de onze anos. Revela admiração pelo pai e pelo seu empreendedorismo. É casada com brasileiro descendente de italianos, fato que, inicialmente, despertou estranhamento da parte de alguns gregos.

Durante anos, a imigração norte-americana esteve aberta a estrangeiros. Seu pai, no entanto, não conseguiu autorização para entrar naquele país, pois já havia passado o período de entrada de imigrantes. Austrália e Brasil também se destacaram como países dispostos a receberem imigrantes. As três nações eram vistas como prósperas e, por isso, despertavam o interesse de imigrantes do pós-guerra de diferentes países.

Eurídice morou alguns anos nos Estados Unidos antes de estabelecer-se no Brasil e compara as relações interpessoais entre o Brasil, a Grécia e os Estados Unidos. Para ela, os grupos são mais demarcados neste último, de modo que “você vê que determinadas regiões são regiões de gregos, chineses, árabes, italianos, *nã, nã, nã...*[...] Mas você vê São Paulo, por exemplo... É uma cidade grande e você não vê tanto...”.

No Brasil, Eurídice diz estar à vontade para se sentir brasileira e para ser grega, conciliando as duas culturas tranquilamente. Tem três filhos, em idades diferentes (um é adulto jovem, o outro é adolescente e o terceiro é criança), sendo que um deles é nascido na Grécia. Faz questão de lhes transmitir a cultura grega, visto que

[...] eu acredito ainda que isso possa ser passado para uma próxima geração. Você vê que ainda *tá* forte na minha família. Em outras famílias chegou até os filhos; os netos já foi mais difícil. Mas existem algumas pessoas que são persistentes, não querem deixar, né...

Os filhos e também o marido estudam grego e, sempre que possível, conversam em grego em casa de maneira natural, para que não soe como obrigação para nenhum deles. Músicas gregas são presentes em seu cotidiano, ampliando o contato de sua família com a língua, uma vez que ela preza para que a transmissão da cultura grega não seja algo imposto. Aulas de dança e de teatro também estão presentes no cotidiano familiar. Lembra-se aqui que o governo grego envia professores para os países onde têm gregos, a fim de que a cultura possa ser transmitida e perpetuada nas gerações seguintes.

Eurídice dedica-se à Comunidade Helênica de Vitória, participando ativamente das atividades e propondo melhorias, já que está à frente da colônia nos dias atuais. Destaca que, em Vitória, o número de gregos é pequeno, de maneira que poucos cuidam diretamente dos assuntos da comunidade. Ainda assim, acredita que aspectos da cultura grega ainda possam ser passados e mantidos para uma próxima geração.

Eurídice indica que, na Grécia, era vista como ‘a grega do exterior’. Tal expressão ocorria principalmente quando queriam justificar a não compreensão dela em relação a determinado assunto, afirmando que não compreendia porque não morava lá. Afirma que “pra Grécia, funciona o *jus sanguinis* [...] se você tem sangue grego, você é grego, independente da onde você nasceu. Ele não te pergunta ‘você é brasileira?’, né?! ‘Você é grego de onde?’”.

Seguem as histórias de amizade. Na cultura grega, conforme Eurídice, as famílias mais tradicionais prezam pela manutenção do casamento, da instituição familiar. Motivos como uso de bebida alcoólica e entorpecentes, dependência química, compulsão financeira ou outros (as) parceiros (as) geralmente são

aceitos como justificativa para o término da relação conjugal. Demais motivos são questionados:

existe traição? Existe. Traição, mas é uma coisa muito velada. E o grego pode até estar traindo a família dele, mas a família dele é família dele. Então essa coisa da família, do amigo, é... Mesmo sangue... É relacionamento...

Percebe-se assim, que a cultura grega, de forma geral, considera o laço sanguíneo mais importante que o laço socialmente estabelecido. A partir disso Eurídice destaca que houve um momento difícil em sua vida pessoal, pois percebeu que, mesmo uma grande amizade é modificada em virtude do vínculo sanguíneo. Quando resolveu findar seu primeiro casamento, sua melhor amiga – que também era sua cunhada, com quem partilhava conversas e sentimentos – não apoiou sua decisão, considerando que o marido em questão era seu irmão. Para a participante, foi difícil compreender essa postura, que foi capaz de abalar a relação de amizade que tinham. Após anos, conseguiram retomar a amizade, desde que o assunto término de sua primeira união não seja retomado. Em suma, Eurídice afirma que

minha melhor amiga era minha cunhada. Mas melhor amiga assim, muito amiga (*ênfaticamente o 'muito amiga'*). De ser irmã mesmo. E de discordar plenamente com o meu ex-marido. Mas discordar de brigar e discutir por conta que ela discordava de coisas do meu relacionamento com ele, de... Só que, no dia que eu disse “eu quero me separar”, a amizade foi esquecida ali, completamente, e ela passou a ser irmã dele. Independente daquilo tudo que eu falava, independente de tudo aquilo que ela apoiou, né?! O cordão de sangue é mais forte. Foi um relacionamento muito difícil... A gente passou um tempo num relacionamento assim, difícil... Até se agredir por palavras muitas vezes, né, porque eu não entendia. E... Eu escutei dela uma duas, três vezes: “mas ele é meu irmão”. Meu mundo caiu. Pensei: “a lógica dela não está falando agora; o que está falando agora é o sangue dela”. Independente de qualquer coisa. Aí a gente ficou... Depois de uns dois anos, assim, tudo se acalmou, e tal. Tudo começou a ser aceito aí... Hoje não é mais a mesma coisa porque existiu uma quebra, né?! Foi começando a ter um entendimento, né, mas isso é um tabu pra gente. Sobre aquele pedaço da minha vida, da nossa vida, a gente não fala pra gente não se desgastar. Porque é o irmão dela. Então eu posso falar de

qualquer outra coisa, mas não pode falar do irmão dela. Então isso existe muito (ênfase no 'muito'). Muito mesmo.

Algumas amizades de Eurídice com brasileiros foram mediadas pela interação dos filhos na escola e mantidas além do ambiente escolar. Também encontra maior facilidade em construir amizades com pessoas de idades próximas e com vivências semelhantes.

5. ÍCARO

São Paulo foi o estado inicialmente escolhido por Ícaro para morar, em virtude de haver colônia grega estabelecida desde a metade do século XX. Ambos nascidos em uma das ilhas gregas, seu irmão ansiava por sair da Grécia almejando melhoria de vida e, no último dia possível para o embarque, Ícaro decidiu seguir para o Brasil, visto que somente dessa maneira seu irmão poderia vir em seguida. Seu pai faleceu em 1940, quando tinha dois anos de idade e a mãe quando estava com seis anos. Não tendo outros familiares, Ícaro ficou em um orfanato dos seis aos doze anos. Ele enfatiza que “quando você entra num orfanato, você é amigo e inimigo de todo mundo. Você não cria um individualismo por você querer... Mas se você não quer se massificar, se quer ser você próprio, *de forma que* você cria amizades no seu nível”. Assim, declara que as experiências adquiridas a partir do convívio com pessoas distintas no orfanato, contribuíram para sua opinião acerca da amizade.

Para manter-se no grupo ao mesmo tempo em que resguardava sua identidade, tratou de desenvolver maneiras de lidar com o outro, reduzindo as

desavenças. Nesse sentido, as relações amigáveis adquiriam função social para Ícaro, à medida que geravam sua integração com os demais indivíduos. Logo, o participante declara que

não vivi muito com pai e mãe. Cresci cedo, não foi escolha. Tive que aprender a fazer amigos, a escolher amigos, a terminar com alguns por que não eram bons, e não ter briga direta. Entre amigos tem brincadeiras. A gente fala o que quer, não escolhe palavras.

Como os demais participantes, declara que o Brasil era um dos países que estavam abertos para imigração. Ícaro estava com vinte e um anos de idade, tendo a obrigação de servir ao exército, porém optou por não cumprir seu dever civil. Era o ano de 1964, marcado nacionalmente pelo Golpe Militar. Com receio do que poderia lhe acontecer por ser estrangeiro, em 1967 Ícaro decidiu 'andar pelo mundo' até 1973, quando retornou ao Brasil com nova profissão: tornara-se artista.

Soube que havia gregos no Espírito Santo e decidiu fixar residência aqui. Aos poucos, habituou-se ao Estado, contando com o auxílio de amigos gregos e brasileiros, ambos recém conquistados. O ato de trabalhar tornou-se uma necessidade real para Ícaro desde cedo, sendo fortalecido quando escolheu viver em outro país. Ciente das dificuldades gregas no período pós-guerra, a emigração apresentou-se como possibilidade de construção e reconstrução de sua própria história, bem como dos demais participantes, que também encontraram no Brasil acolhimento e possibilidades econômicas.

Todos os participantes dessa pesquisa declararam que não houve preconceito por parte dos brasileiros para com eles. Como exemplo, Ícaro diz ser identificado como 'grego' em seu bairro, uma vez que nenhum de seus vizinhos sabe seu verdadeiro nome. Para ele, ser chamado de 'grego' é motivo de orgulho,

pois, embora tenha escolhido ser brasileiro, reconhece o valor histórico e cultural de seu país de origem.

Histórias de Amizade – Para Ícaro, os amigos assumiram papel de destaque em sua trajetória pessoal, por ter vivido em um orfanato na Grécia por muito anos. Desse modo, assim que chegou ao Brasil conheceu os gregos que já estavam aqui atuando no comércio e aproximou-se deles, mantendo a amizade ainda nos dias atuais. Através desses poucos amigos gregos e dos muitos brasileiros com os quais se relacionou, aprendeu aspectos culturais importantes, como o idioma e a forma de organização da sociedade vigente. Por esses motivos, denota que a construção de sua rede de amigos foi natural: “primeiro estava em São Paulo, depois vim *pra aqui*. Conheci gregos e suas famílias, que me ajudaram. Conheci brasileiros que me ajudaram também. Não teve diferença. Tenho amigos brasileiros e gregos aqui. A comunidade se encontra. Fui presidente da comunidade. Conheço todo mundo, todo mundo me conhece. Lá sou Ícaro; pra brasileiros, sou ‘grego’”.

6. KAIROS

A história de Kairos exemplifica a dificuldade econômica pela qual passava a Grécia no período pós Segunda Guerra Mundial. Não havendo perspectiva de trabalho naquele país, muitos jovens e pais de família não tiveram outra opção a não ser emigrar para os países que estavam recebendo imigrantes. Praticamente todos os setores gregos encontravam-se estagnados. Por ser da Marinha

Mercante desde 1952, quando findou a Academia da Marinha Mercante Grega, Kairos pautou sua história de acordo com as viagens que fazia e com o aprendizado que adquiria em cada uma delas. No mesmo ano, deixou a Grécia vislumbrando novos trabalhos. Um tio do participante o orientou a seguir para a Holanda, encaminhando-o profissionalmente. Como havia restrições para imigrantes em muitos países, Kairos alegou ser estudante para atravessar algumas fronteiras na época: “*me disse* o meu tio: ‘não perde a sua cor, não fica corado senão eles *desconfia*’; ‘ah, estudante, é?!’, vou dar uma voltinha, conhecer Holanda’, passei. Agora, um detalhe: com vinte dólares no bolso.”

Sozinho, porém determinado, Kairos desbravou novos horizontes em países europeus, americanos e africanos, buscando usufruir algo de cada cultura com a qual teve contato. Obteve crescente reconhecimento na profissão por seus méritos. No entanto, aos vinte e um anos, o jovem grego deve apresentar-se para servir ao exército e Kairos não o fez. Sob esse aspecto, refletiu que

servia sem salário, sem nada, dois, três anos. Dois, três anos *atrasa* sua vida. Resolvi não servir; não poderia aparecer lá. Então, em 64 mandaram o navio. Recebemos ordem do escritório lá da Grécia pra gente passar na Grécia, Peloponeso, para abastecer: petróleo, comida, trocar alguns tripulantes, etc., etc., etc. Eu falei: “eu não posso passar na Grécia”. *Se eu passava* lá, a polícia ia me pegar. Eu não tinha servido ao exército, as Força Armadas, então era desertor. E resolvi não embarcar mais. *Ir* para o Brasil fazer a minha vida aqui no Brasil.

Como tudo o que conquistou até hoje requereu seu empenho, foi necessário conseguir um visto para entrar no Brasil. O documento foi conquistado mediante a intercessão de um amigo – que na verdade era apenas seu conhecido – da Marinha Mercante. Inicialmente Kairos aportou no Rio de Janeiro por já conhecer a cidade. Todavia, houve mal-estar com outros profissionais do ramo que temiam a atuação do participante no mesmo porto que eles. Diante disso,

para sua segurança e para seu crescimento profissional, buscou informações sobre o Porto de Tubarão que seria inaugurado no Espírito Santo e resolveu apostar na cidade e nos serviços que conseguiria. Em seguida fundou uma agência de navios, supervisionando-a ainda hoje, com a participação direta de seus dois filhos.

Chegou em 1964, sendo um dos primeiros gregos aqui no Espírito Santo, e casou-se em 1965 com uma grega, também moradora de Vitória. Anos depois soube que o governo da Grécia notificara que gregos que morassem no exterior poderiam reaver a cidadania após determinado pagamento, que lhes garantiria o certificado de reservista. Nesse contexto, Kairos embarcou para Atenas, depois de quinze anos de saudade.

Afirma que sua determinação em trabalhar, formar família e oferecer o melhor para ela foram motivadores para deixar seus familiares na Grécia. Diz que “eu me sentia *vergonhoso (envergonhado)* dos meus pais, não fazia nada errado. Tudo eu falava. Eu tinha que ficar esperando eles me sustentar... não queria mais”. Tornou-se especialista no que faz, e declara que as interações e relações que mantêm com seus funcionários há anos fortificam sua empresa e a si próprio, fato que não o exime de exigir qualidade nos serviços de cada um deles.

Aponta que, por viver embarcado em navios durante alguns anos, aprendeu a otimizar seu tempo ocioso, destinando-o a instruir-se em novos idiomas, como italiano e espanhol. Pela semelhança entre o espanhol e o português, não teve dificuldade em compreender e ser compreendido no Brasil.

Kairos soube aproveitar o que o novo país lhe oferecia, trabalhando intensamente. Declara que preza pelo cuidado nas relações interpessoais.

Somando-se a esse zelo o carinho por sua terra-mãe, tornou-se um dos responsáveis pela fundação da Comunidade Helênica do Espírito Santo, onde atuou intensamente nas diversas funções, e ainda frequenta. Questionado sobre o motivo de ter tido essa iniciativa, diz que

bom, (*se emociona*) amo a Grécia, amo. Não pude fazer muito pela Grécia, mas pude amar. Se eu puder fazer Grécia ser amada, sou feliz. Se eu não *poder* fazer alguma coisa pra Grécia... [...] Gosto muito daqui, mas não sei viver sem a Grécia. Fico perto dela assim. Você viu, tem muitas colônias por aí. Tem uns marcos. Tem o clube Ítalo-Brasileiro, o clube Sírio-Libanês, mas é coisa completamente diferente, só para manter. Nós aqui temos escola, professor, grupos, aulas... Brasileiro pode participar, conhecer e frequentar as aulas... aprender grego também junto com os gregos-brasileiros. Costumes. E não é só para nós, não. Quem quer, pode.

Um dos maiores motivos de satisfação para Kairos reside no fato de seus dois filhos serem membros ativos da colônia, já tendo sido – os dois – presidentes da Comunidade. Informa que Eurídice e Demócrates gostam e primam pela manutenção dos costumes gregos no exterior, seguindo seus passos. Com essa declaração, o participante apresenta seu orgulho em ser grego, vivendo no Brasil por opção, contribuindo para a transmissão dos valores gregos aos seus descendentes diretos e também a todos aqueles que desejarem vivenciar aspectos da tradição grega em terras brasileiras. Apesar de amar sua pátria-mãe, Kairos não voltaria a morar lá, uma vez que construiu sua vida aqui e gosta de estar próximo a seus familiares, que também residem no Estado.

Histórias de Amizade – Relata ter construído muitas amizades com brasileiros desde que chegou ao Brasil: “eu fiz amizade com todo mundo. Todos me conhecem”. São amigos conquistados principalmente através de sua vida profissional, no cotidiano do ambiente de trabalho. Sente-se feliz por ser reconhecido em inúmeros lugares por onde transita e por notar que sua família é

querida entre seus amigos. Orgulha-se por seus dois filhos terem se tornado pessoas que prezam as amizades brasileiras e tudo o que foi conquistado através do Brasil, uma vez que “brasileiro me deu oportunidade aqui. Amigo meu até hoje”. Destarte, a concepção de amizade apresentada por Kairos e por outros participantes demonstra que o grego, em geral, considera amigo aquele com quem houve contato, ainda que mínimo, com demonstração de confiança.

7. MINOS

Oriundo de Esparta, veio para o Brasil com 13 anos de idade, em 1957, residindo desde o início no estado do Espírito Santo. Tornou-se grande empresário em terras brasileiras, mantendo-se fiel aos costumes e preceitos gregos. Sua casa, por exemplo, foi construída a partir das concepções gregas e com elementos que remetem diretamente os visitantes à Grécia – colunas gregas estão dispostas pelo jardim e toda a decoração da residência é constituída de objetos gregos, como quadros, jogos de porcelana e fotos, entre outros.

No período pós Segunda Guerra Mundial, Esparta passou por grande dificuldade econômica e política. Por esse motivo, o pai de Minos decidiu vir para o Brasil para oferecer melhores condições de vida para seus familiares, embora preferisse inicialmente migrar para a Austrália ou para os Estados Unidos. Optou pelo Brasil, haja vista que um conhecido já residia aqui e comentava sobre a hospitalidade do povo e sobre as possibilidades de crescimento.

Dois anos após a chegada do pai de Minos ao Brasil, foi necessário solicitar ao filho de treze anos, que era o mais velho dos filhos homens, que viesse auxiliá-lo, visto que o comércio prosperava. Nesse contexto, a mãe de Minos colocou-o sozinho em um navio, pois seu pai o encontraria aqui. No entanto, o participante nunca havia estado em outro país antes e nem sequer tinha viajado de navio. Os momentos iniciais produziram grande incômodo pelo fato de ter se assustado com a quantidade de pessoas e com as situações que vivenciou a bordo da embarcação.

Assim, com treze anos Minos chegou ao Rio de Janeiro. Contudo, a viagem adiantou em dois dias e seu pai não estava no porto quando desembarcou. Sem falar o idioma e sem qualquer valor monetário, Minos só podia esperar: “quê que eu ia fazer, né?! Sentei no degrau da alfândega e comecei a chorar. Só podia esperar. Aí um grego me achou, falou comigo, não sei o quê, me levou para a pensão e passou um telegrama. Meu pai veio.” Essa foi a primeira experiência do participante em terras brasileiras. Ressalta-se que, nesse caso específico, o encontro com um patrício facilitou o encontro entre pai e filho.

Trabalhou como camelô, feirante e comerciante. Teve muitos funcionários em suas empresas e sempre prezou pela boa convivência. Trouxe a primeira escada rolante para o Espírito Santo, em 1972. Há alguns anos atrás, reduziu sua atividade profissional em razão de um infarto. Seus três filhos são nascidos no Brasil e falam, dançam e escrevem em grego, para orgulho de Minos. Os professores que passam pela Comunidade contribuem diretamente para que a cultura seja perpetuada, visto que, além de ensinar a língua escrita, ensinam a dançar e a cantar e ensinam diversos costumes gregos. Percebe-se, dessa forma,

que o governo grego atende às comunidades organizadas para que divulguem os hábitos gregos.

Minos destaca que a religião é fator importante na cultura grega – embora não afete a formação de relacionamentos de amizade –, defendendo inclusive o retorno das aulas de ensino religioso para as escolas. Segundo ele, “[...] essa proibição da religião dentro das escolas, eu acho que foi um dos maiores males que aconteceu. Por quê? Tá aí o resultado. O desequilíbrio que nós temos hoje”. Defende que, mesmo sendo ortodoxo, suas filhas estudaram em colégios católicos e que nunca houve problema entre gregos e brasileiros por causa de religião. Afirma que sempre foi bem acolhido no Brasil também em termos de profissão de fé.

Nesse ínterim, construiu a Igreja de São Nicolau – primeira Igreja Ortodoxa do Estado –, que recebeu esse nome em homenagem a seu pai, que se chamava Nicolau. Como é costume grego, vários membros da família possuem o mesmo nome. No caso da família de Minos, seu pai, tio e sobrinhos são Nicolau.

A história dessa construção envolve sua mãe, que todos os dias visitava uma igreja católica próxima à sua residência. Ela queria que seu filho construísse uma igreja em forma de agradecimento a Deus por tudo o que conquistou. Em 1979, a Igreja de São Nicolau foi inaugurada e, em seguida, sua mãe faleceu. Minos, então, adquiriu o costume de ficar alguns minutos em contemplação na Igreja, no quintal de sua casa. Ao demonstrar carinho por sua mãe, Minos ressalta a importância atribuída pelos gregos à instituição familiar, afirmando que

batizado e casamento são muito importantes. Nossa! Têm um valor simbólico... Tanto que o casal no dia é coroadado. Coroadado mesmo, como rei e rainha do seu lar. Tem um ritual. Eles são coroados como rei e rainha do lar. Tanto que você raramente vê o divórcio em casamento grego. [...] Os gregos dão muito valor para as famílias. Então, muitas

vezes, tem que fazer esforço, deixar de pensar só em nós, e pensar na família, porque se cada um pensar só em si... É pensar na família.

Acredita que formar família é processo inerente ao ser humano, de modo que não concebe felicidade àquele que não o fez: “eu penso assim: uma pessoa sem filhos, sem família, não fez nada na vida. Nasceu, cresceu, pra quê? Pra nada. Só passou”. Minos mostra-se engajado na transmissão de valores da cultura grega a seus descendentes e destaca que “o conhecimento e a amizade são o valor que vão te sustentar”. Dessa maneira, a existência da colônia grega no Espírito Santo é ressaltada constantemente pelo participante, que é membro ativo da Comunidade Helênica, tendo sido presidente por diversas vezes; participa de reuniões internacionais de gregos, foi eleito como representante internacional de assuntos gregos e foi vice-presidente da Federação das Comunidades Helênicas Brasileiras. Não obstante, nota-se que é engajado nas atividades que envolvem seus patrícios, onde quer que seja.

Em comum com a cultura brasileira, destaca que ambos os povos são hospitaleiros. Em termos geográficos, gosta de enfatizar que as praias e o mar o remetem diretamente à Grécia, ao ponto de ter procurado um local de onde fosse possível avistar o oceano para edificar sua residência. Foi servido café no decorrer da entrevista, em porcelanas gregas e com o detalhe de ser café proveniente da própria Grécia. O entrevistado fez questão de apresentar sua casa, de forma que evidenciaram-se alguns costumes gregos, como fotos de toda a família espalhadas pelos cômodos, lembrando momentos importantes – como a vida na Grécia, a chegada no Brasil, a instituição de Minos como guardião na Igreja Ortodoxa –, pinturas e bordados exclusivamente de artistas e familiares

gregos, peças em bronze, artesanatos diversos, além da arquitetura e decoração helênica facilmente identificada.

Orgulhoso de seu país e pelos ‘saberes’ gregos, Minos e demais membros da comunidade visitam escolas da Grande Vitória – quando convidados – e dissertam sobre a Grécia, despertando a atenção de alunos de diferentes idades. De acordo com ele, os discentes mostram-se curiosos e satisfeitos por conhecerem gregos além dos livros de história.

Histórias de Amizade – No que concerne às suas amizades brasileiras especificamente, Minos aponta que há anos se reúne semanalmente com alguns amigos, com a finalidade de manterem contato. Como atividades, costumam jogar gamão, escutar músicas – nacionais e gregas, é claro –, conversar e aconselhar um ao outro. Tratam-se de amigos antigos, da época escolar e do ambiente de trabalho. Nesse sentido,

essa turma que nós temos hoje, vivemos trinta e poucos anos juntos. Acho que o amigo mais novo que eu tenho aqui tem vinte e cinco anos. Tem que manter. Como eu disse antes: quando um desse desagarra, a gente faz um almoço, um churrasco, alguma coisa assim, chama ele com a família pra agregar mais com a gente.

8. STAFILOS

Stafilos é enfático em suas primeiras definições: “tudo é o estudo, a educação. O resto é... como diz... consequência da educação”. Daí seu orgulho em ter nascido no berço da educação ocidental. Todavia, complementa seu discurso dizendo que também se orgulha de morar no Brasil, destacando que tanto a Grécia quanto o Brasil são países que só contribuíram positivamente para

o mundo. Justifica esses 'dois amores' afirmando que, no que se refere à Grécia, a história encarrega-se de apresentar o país; em relação ao Brasil, declara que é uma nação que não gosta de guerra e não é xenofóbica, além de ser receptiva e aberta. Emociona-se ao revelar que é cidadão brasileiro por opção, tendo os mesmos direitos e deveres dos brasileiros nascidos no Brasil.

Sua história com o Brasil teve início em 1958, quando estava com quase doze de idade. Dois anos antes seu pai havia viajado sozinho para o Brasil, com o intuito de oferecer melhorias para a vida da esposa e dos filhos. O pai de Stafilos participou do segundo grande combate mundial que, na Grécia, foi sucedido por uma guerra civil que dividiu o país em direita e esquerda. Percebe-se, então, que a Grécia encontrava-se debilitada financeira e politicamente, tendo sido acometida pela perda de muitos cidadãos, além de muitas divisões familiares. Desse modo, a migração apresentou-se como possibilidade e necessidade para os helênicos. A Austrália e o Brasil encontravam-se abertos aos imigrantes, enquanto o Canadá e os Estados Unidos estavam em processo pós abertura para imigração. Nesse ínterim, optou-se pelo Brasil que, "[...] naquela época, ninguém conhecia muita coisa, mas era um país de futuro. Que hoje já é presente. E resolveu em 55 (1955) migrar pro Brasil".

Característica inerente ao grego é a facilidade para desenvolver o comércio e o pai de Stafilos enveredou-se por esse caminho, alcançando tamanho êxito que tornou-se necessário solicitar auxílio aos familiares. Inicialmente, veio o irmão mais velho de Stafilos e, em seguida, o participante, sua mãe e duas irmãs. Um de seus irmãos migrou sozinho para a Austrália e faleceu por lá anos mais tarde.

As lembranças de Stafilos emocionaram-no, visto que construiu sua história em terras brasileiras. Aos doze anos de idade, estudava e trabalhava com seu pai. A estadia primária do pai facilitou a adaptação de Stafilos ao Brasil, somada às amizades aqui formadas através da escola em especial.

Defende a especificidade de cada lugar e aponta as diferentes culturas que visualiza no Brasil. Para ele, tamanha riqueza cultural é sinônimo de crescimento mundial. Stafilos mostra-se confiante no país que defende arduamente quando questionado se voltaria a residir na Grécia. Nesse sentido, o Brasil conquistou credibilidade junto a Stafilos por mostrar-se idiossincrático e universal ao mesmo tempo. Dessa maneira, declara que os povos brasileiro e grego “são totalmente diferentes, mas são iguais”. A proximidade cultural que encontrou entre os dois países contribuiu para que ficasse ‘à vontade’ no Brasil. Contudo, acredita que a diversificação das origens deve ser respeitada em um país de dimensões continentais como o Brasil. Stafilos não faz distinção entre as pessoas e afirma que, de modo geral, não é costume entre os gregos distinguir pessoas por fatores religiosos.

Em seu casamento, por exemplo, a Igreja Católica permitiu que um padre ortodoxo celebrasse sua união na Catedral de Vitória. Não há empecilhos de cunho religioso nas amizades, segundo os costumes gregos. O fato de não terem encontrado aversões religiosas em Vitória, fez com que os gregos desejassem ainda mais fixar-se especificamente em terras capixabas.

Para ele, ninguém é proprietário de religião alguma. Assegura que “o grego respeita essa diversidade”. Ainda sob esse aspecto, afirma que a diversidade cultural encontrada no Espírito Santo contribuiu para que o Estado procure gerar

ecumenismo entre católicos, gregos ortodoxos, árabes cristãos e muçulmanos e judeus, entre outros.

Embora se declare brasileiro, o amor pela pátria-mãe o lembra de sua origem grega. Apesar disso, Stafilos faz questão de assegurar que “eu não privilegio os gregos (*ênfase na palavra privilegio*)”. Ele não visita a Grécia há cerca de vinte e dois anos por motivos pessoais. Todavia, crê que o fato de ser grego permitiu que sua adaptação ocorresse tranquilamente. Destaca a idade como fator preponderante para tal ocorrência, uma vez que experimentou amizades ainda em ambiente escolar. Soma-se a isso, a necessidade de trabalhar logo em seus primeiros dias no Brasil:

e... eu cheguei no meio da semana, no domingo nós já fomos pra feira, no domingo. Lá na feira do Burugica, na Marechal Campos era lá. E foi eu e meu irmão. Ele já *tava* mais aqui. Então, era a feira. Ele falava: “isso aqui é camisa”; peguei a camisa, mostrava a camisa e gritava: “ó a camisa”. Depois era a calça, e fui aprendendo. Falava aquelas palavras e vendo. E o ouvir também que as pessoas aprendem qualquer língua.

Como a maioria dos gregos costumeiramente faz, Stafilos enfatiza os benefícios descobertos e criados pelos gregos ao longo da história, destacando a democracia, o idioma, as ciências de modo geral. Em relação ao idioma, diz que a língua grega facilita o entendimento de qualquer língua ocidental, visto que até o latim recorreu a sufixos e prefixos gregos.

Nesse contexto, todas as vezes em que Stafilos retornou à Grécia, sentiu-se acolhido, apesar de identificar que não dominava o idioma como antigamente. Contudo, alegra-se por ter sido conduzido a um país que auxiliou em sua formação de cidadão. Explica que

quando eu voltei todas as vezes, eu fui muito elogiado lá. Que apesar de, quer dizer, sair com onze anos e meio, eu não voltei pra lá falando palavras portuguesas ou inglesas, que também sei falar o inglês. Eu falava algumas palavras gregas erradas, que tinha muito tempo sem

falar, mas falava. Muita gente que foi para Estados Unidos ou outros países da língua inglesa, vamos dizer, vou agora focar países da língua inglesa, chegaram e lavaram pratos lá. Eu, aqui no Brasil, tive uma ascensão comercial... vamos dizer assim, profissionalmente mais desenvolvido que os outros. Mas muita gente que foi pra outro país e só lavaram prato, como se diz. Não tô falando da profissão de lavar prato, que é uma profissão honrosa. Mas voltava pra lá e falava *yes, all right, ok, of course*. Eu já não falava. E já tive casos de receber elogios disso... de gregos... Que eu preferia falar uma palavra grega talvez não muito corretamente pelo tempo, mas falava. E os outros se metiam a besta, você entendeu?!

Em relação à democracia – de origem grega – Stafilos argumenta que quando se sente incomodado com algum governante de país democrático lembre-se que há um tempo determinado de estadia desse indivíduo no poder. Exemplifica dizendo que “[...] Bush era de uma forma, que muitas vezes eu não concordava com a forma de ação do Bush, aí falaram: ‘não se preocupe, senhor, o máximo que ele pode ficar lá é oito anos’”.

Stafilos adotou uma criança, ciente das dificuldades que o ato lhe causaria junto aos patrícios. Adoção para os gregos ainda é um tema delicado e, para Stafilos, “na hora de adotar uma criança, você não pode olhar essas coisas. Tenho diferenças com ela, mas a gente tem um respeito muito grande”. Aos poucos conduz sua filha na cultura e nos costumes da comunidade helênica no estado, e nota que ela manifesta interesse pela Grécia que vê nos livros de história e que é sua segunda pátria. De maneira geral, sabe ter uma ideia sobre adoção que não é compartilhada pela maioria dos membros da colônia grega. Ainda assim, faz questão de defender a unicidade entre os seres humanos, a começar pela relação paternal que mantém com sua filha. Não compreende os motivos alegados para que não se propague a adoção entre seus conterrâneos, todavia, argumenta que

irmão é irmão, colega é colega, parente é parente, amigo é amigo. Então você não pode confundir. Como também não se confunde amor de irmão, de filho, de esposa, de pai e mãe. Os amores não se misturam. Pode amar o filho, pode amar o marido, pode amar o pai... Cada amor é diferente.

Histórias de Amizade – Assim como os demais entrevistados, Stafilos afirma que não teve qualquer dificuldade para estabelecer amizades com brasileiros. Enfaticamente declara que possui “muitas (*amizades*) até hoje. Muitas... muitas”. De modo análogo, seus irmãos também não encontraram empecilhos nas interações aqui, apesar de não terem tido a oportunidade gerada pelo ambiente escolar. Com orgulho, declara que os sobrinhos relacionam-se muito bem com brasileiros, gregos e nacionalidades outras.

Sua irmã, por quem demonstra admiração, é muito querida no Brasil, tendo construído seus relacionamentos especialmente com seus vizinhos e com os pais dos amigos de seus filhos, que eram amigos de colégio. Para ele, ter um “[...] ciclo maravilhoso de amizade”, encontrando conhecidos em “qualquer lugar que eu chego” é sinal de que se é uma boa pessoa. Destaca-se aqui, que não são necessários, para ele, nem a proximidade física e tampouco encontros frequentes para que alguém seja considerado seu amigo. Como exemplo dessa sua crença, Stafilos conta

uma história que 86 (1986) eu fui a Palmas. Foi uma ideia meio aventureiro, aquilo *tava* nascendo. Tocantins ia ser construído... Palmas. Fui lá pra ver. Gostei de tudo menos o calor. Quarenta e dois graus... Eu *tava* um dia num restaurante, numa churrascaria que, por coincidência, era de um grego de São Paulo que foi lá aventurar, deu muito bem, eu... escutei assim: “grego”, aí eu falei, “deve ser o dono”, aí insistiu, e era pra mim; falei “não é possível”; daqui a pouco “Stafilos, não quer falar comigo, não?”, e eu fui lá, vi a pessoa, era um colega do científico, tinha se formado engenheiro, trabalhava pra uma empresa muito conhecida que *tava* fazendo estradas lá.

Nesses encontros com amigos de outrora, o participante costuma conversar acerca das vivências que tiveram, recordando com a pessoa as atividades realizadas e os outros envolvidos nelas. Nos últimos anos, entretanto, Stafilos encontra-se afastado do convívio social mais intenso com seus amigos e conhecidos, por motivos de saúde, somado ao fato de ser responsável por sua filha adolescente. Por não estar dirigindo, sua locomoção fica restrita aos locais próximos à sua residência. Ele reside no bairro em que teve comércio durante alguns anos, fato que contribuiu para que se tornasse conhecido naquela região. A partir de sua situação física, Stafilos conheceu novas pessoas que, atualmente, formam seu ciclo de amizade. Com encantamento, o participante afirma que

eu tenho uma turminha aqui que a gente joga 'porrinha'... é fabuloso. Eu tenho umas amizades aqui de se encontrar, de falar, de liberdade total... Então eu tenho aqui meu ciclo de amizades da Glória, do tempo que vim pra cá. Que a gente vê sempre, mas... os outros, qualquer lugar que eu vou, me chama, me para... Ou pessoas que já trabalharam comigo também, das lojas que nós tivemos nesses anos de comércio... Sou parado na rua: ah, como *cê tá?* Tudo bem?!

Novamente, ser reconhecido e cumprimentado por conhecidos em diferentes lugares apresenta-se como característica importante, na concepção de Stafilos, demarcando suas inúmeras amizades tecidas no Brasil, elevando a categoria de conhecidos ao patamar de amigos. Do mesmo modo, outros participantes também demonstram a mesma particularidade de Stafilos no que concerne a essa temática.

Stafilos chegou ao Brasil em idade escolar e afirma que a escola foi grande facilitadora de seus relacionamentos interpessoais com brasileiros. Por ser estrangeiro, era popular na escola, fazendo amizades que propiciaram diretamente sua adaptação ao país, visto que, através delas, conheceu aspectos

culturais e costumes brasileiros. Destaca-se que estes relacionamentos de Stafilos tornaram-se duradouros. A amizade infantil que, em geral se inicia em contextos de brincadeiras, proporciona a compreensão da dinâmica cultural da região em que habita. Logo, a criança inserida em dado ambiente escolar, como foi o caso de Stafilos, conhece o ritmo de vida da cidade, das pessoas, das atividades, enfim, da cultura como um todo a partir do círculo de amizade formado, adaptando-se, assim, aos costumes locais. Sob esse aspecto, os participantes que chegaram ao Brasil ainda na infância, Stafilos e Abaris desfrutaram dos benefícios das amizades infantis, que facilitam a adaptação do estrangeiro aos novos costumes de forma natural e peculiar aos envolvidos por meio do brincar.

Dessa maneira, por diversas vezes Stafilos declara que “o povo brasileiro *ele* sabe fazer amizades, *tá* aberto a amizades, *tá* aberto ao diálogo, *tá* aberto a essas diferenças...”. Ainda expressando sua opinião sobre a relação que o brasileiro estabelece com suas relações de amizade, assinala que o povo brasileiro em si é leal às amizades, eu acho... Eu acho o brasileiro leal... A grande maioria é assim. Ele... tem umas amizades interessadas, isso existe em qualquer uma. Ele é leal às amizades. Não vejo que o princípio da amizade move os interesses”.

Ao falar sobre a naturalidade de suas amizades, Stafilos afirma que não houve preconceito nem da parte dos brasileiros e nem de seu lado, enturmando-se rapidamente em solo nacional. Aponta que “sempre me dei muito bem com gente, como se diz, tenho amizades duradouras, muito boas, muito boas”.

Apesar dos costumes gregos, os anos de Brasil fazem com que Stafilos evidencie semelhanças gerais entre sua maneira de pensar e a dos brasileiros acerca da temática. Desse modo, declara que o povo no Brasil sabe construir amizades, visto que não invadem comumente o espaço destinado à individualidade de outrem. Soma-se a isso o fato de que no país “[...] não há nenhuma dificuldade, não só de mim, mas de qualquer estrangeiro que chegar aqui. Se quer respeitar o povo brasileiro, ele vai ser respeitado”.

9. TACITA

Tacita nasceu e viveu no interior de Esparta durante quinze anos, idade em que migrou para o Brasil com sua mãe, uma irmã e um irmão. Era o ano de 1958. De acordo com ela, entre os anos de 1946 e 1955 muitas pessoas deixaram a Grécia, que não oferecia boas condições sociais e econômicas no período pós-guerra. Seu irmão mais velho estava na Austrália e o outro havia sido chamado ao Brasil anteriormente para trabalhar com seu pai. O intuito do pai de Tacita era proporcionar melhores condições de vida para a família.

Como era de costume, o homem vinha sozinho, verificava as condições reais de permanência, e convocava os familiares após alguns anos. Nessa época, países como o Brasil e a Austrália facilitaram a entrada de imigrantes detentores de alguma profissão para auxiliar na formação do país. Nesse contexto, familiares de Tacita encontram-se atualmente na Austrália e não mais na Grécia.

O pai de Tacita era pedreiro e destacou-se rapidamente no exercício da profissão, de modo que foi preciso que se afastasse do trabalho por diferenciar-se dos demais trabalhadores. Assim, tornou-se camelô com o auxílio de amigos brasileiros e gregos que havia conhecido aqui. Para Tacita, ter sido camelô não é motivo para envergonhar-se, pois “eu e todos nós, não temos vergonha pelo trabalho. Nós trabalhamos, muito, muito pra ter o que *tem*. Não tenho vergonha de dizer que eu fui camelô”.

Uma das preocupações manifestadas por ela no início da entrevista foi que os erros de linguagem que porventura cometesse fossem desculpados. Para Tacita, a fala adequada do idioma é o reconhecimento de que admira e é grata ao Brasil por tê-la recebido e proporcionado tamanho crescimento. No sexto mês que estava no país dominava a língua. Orgulha-se por ter

[...] facilidade pra língua, eu aprendi. Você *tá* percebendo, todo mundo fala que eu quase não tenho sotaque, né?! Eu aprendi... Com quatro meses já falava português, com seis meses já falava o português que falo hoje. Sem estudar (*sorriso tímido e orgulhoso de ter aprendido o idioma dessa maneira*). Você já ouviu falar que a... a rua e o trabalho é a melhor escola?

O pai de Tacita, um dos gregos pioneiros no Brasil, não permitiu que ela estudasse, em virtude dos costumes que havia na Grécia de antigamente, em que “mulher não precisa estudar muito, só os homens”. Apesar dessa criação, havia nela o desejo de aprimorar seus estudos, de maneira que fez cursos através da mídia televisiva.

Cerca de cinco anos após sua chegada, Tacita casou-se com um imigrante grego da Marinha Mercante. Trabalharam também no comércio de Vitória. Segundo Tacita, pelos costumes gregos ela não poderia ficar namorando muito tempo. Às vezes o noivado grego acontecia por intermédio dos familiares com o

consentimento dos noivos reais, caso esses morassem em locais diferentes. Por essa razão, entre namoro, noivado e casamento foram três meses. Teve dois filhos com seu esposo, com quem está há quarenta e seis anos. Tem cinco netos e faz questão de preservar a relação que a família possui com sua pátria-mãe.

Alguns membros da família nasceram na Grécia e outros aqui, pois a família voltou para a Grécia por motivos profissionais após anos de Brasil, retomando a residência brasileira em 2000. Ainda assim, Tacita e o marido costumam ficar aproximadamente quatro meses por ano na Grécia. A participante não tem familiares na Grécia, porém, irmãos e a mãe de seu esposo residem lá.

Embora seja grata ao Brasil, Tacita destaca que houve episódios em que foi chamada de 'gringa' e sentiu-se incomodada com isso. Não considera que foram atos preconceituosos. Diz que, pela idade, não conseguia compreender tais falas.

Histórias de Amizade – Logo após sua chegada, Tacita dirigiu-se ao trabalho seguindo as ordens de seu pai, que não permitia que ela construísse redes de amizade para que não alterasse sua rotina de trabalho. Segundo a participante, “eu tenho amizades de trinta, quarenta anos. Eu tenho três, quatro amigas até hoje”.

Tornou-se amiga de alguns gregos que vieram na mesma época em que sua família e tais amizades são mantidas cuidadosamente. Destaca-se aqui, que Tacita responsabiliza os compromissos diários de cada um por não encontrar seus amigos com frequência. Contudo, Tacita mantém suas amizades e felicita-se por tê-las.

Após alguns anos no Brasil, Tacita casou-se com um grego e, a partir de seu casamento, passou a estabelecer mais amizades, de modo geral. Declara que se sentia sozinha nos primeiros dias de Brasil, exatamente por não ter amigos com os quais conversar e dividir suas angústias, o que contribuía para que recordasse rotineiramente das amizades que ficaram na Grécia. O pai de Tacita, querendo manter as tradições gregas, não permitia que os filhos – em especial as filhas – se aproximassem de qualquer pessoa.

Tacita acredita que a ascensão profissional de sua família despertou indisposição nos brasileiros, como se estivessem retirando possibilidades dos habitantes naturais do país se desenvolverem. Tacita mencionou sua impressão a partir do que vivenciou com seu pai.

No caso de Tacita, o trabalho, a vizinhança e a escola dos filhos foram os principais propiciadores de seus relacionamentos. Quando seus filhos passaram a frequentar a escola, Tacita enfatizou as possibilidades do relacionamento de amizade e aprendeu a selecionar suas amigas. Curiosamente, Tacita tornou-se madrinha dos filhos de muitas de suas amigas, o que configura para ela grande satisfação pessoal por sentir-se querida entre os amigos brasileiros.

A primeira amizade construída por Tacita no Brasil foi com uma brasileira – de quem se tornou comadre – assim como a imensa maioria das demais amizades estabelecidas por ela. Especificamente, esta relação perdura há cinquenta anos e, apesar de não haver encontro com frequência, Tacita acredita que a amizade se mantém inalterada pois, quando se encontram, sentem-se próximas. A história aconteceu da seguinte maneira:

ela *tava* namorando um grego e queria que eu ensinasse algumas coisas em grego pra ela. Na época de solteira. Meu pai não queria, mas eu insisti, até que meu pai permitia que *ela ia* uma, duas vezes na semana,

meia hora, uma hora; então, eu me lembro até hoje... isso é cinquenta anos atrás. Eu tinha uns dois anos no Brasil. Essa foi a primeira amiga. Somos amigas e somos comadres também. Eu batizei os filhos dela. Não casou com esse grego, casou com brasileiro, mas nós continuamos amigas até hoje.

Nota-se que o fato de ser grega foi propulsor para que houvesse a aproximação inicial entre as duas. Conforme descrito pelos demais participantes, o povo brasileiro, em geral, acolhe com excelência os estrangeiros.

Tacita destaca que algumas de suas colegas do trabalho afastaram-se por conta própria, o que atribui à sua ascensão profissional. Contudo, “até hoje, onde eu vejo, me vêem, abraçam, telefonamos de vez em quando. [...] Depende da evolução de cada um, do tempo, da vida de cada um, de onde foi parar... Cinquenta anos são cinquenta anos. Foi... foi muito importante”.

Tacita incorporou o cotidiano brasileiro mais intensamente após a formação de amizades. Hoje em dia, faz hidroginástica em uma turma com quarenta senhoras, que considera suas colegas, já que “se eu rio, elas riem comigo. Festas, eu já fiz várias aqui pra elas... *tão* sempre aqui comigo. Agora que eu *tava* fora pelo motivo que eu falei com você, não teve dia que uma não me ligou”. No entanto, não as têm como amigas, pois não abre sua intimidade afetiva para nenhuma delas. Assim, o acesso à sua intimidade é reservado e não facilmente acessado, daí afirmar que tem quatro amigas (*com ênfase na palavra amigas*). Ter conquistado, então, a amizade e a admiração do povo brasileiro gera em Tacita grande satisfação. Ser respeitada no Brasil a emociona, uma vez que reconhece o fato de ser estrangeira.

Comparando suas amizades, afirma que são melhores do que foram quando era mais nova, com as mesmas pessoas. A infância é citada por Tacita

como época da vida em que há maior facilidade em construir amizades em virtude das brincadeiras, que são capazes de facilitar as interações.

10. VANÍLIA

Uma das gregas da primeira geração no estado, Vanília estava com vinte e dois anos de idade quando chegou ao Brasil. Por iniciativa dela e de alguns outros conterrâneos, a Comunidade Helênica foi instaurada em solo capixaba. Apesar de não identificar grandes diferenças culturais, como todos os entrevistados, Vanília sentiu necessidade de encontrar-se com patrícios com o intuito de aproximar-se mais de seu país de nascimento. Afirma que “eu gostava do Brasil desde início, mas queria falar grego, ter festas da gente. É bom também. Juntar nosso povo pra mostrar pra amigos brasileiros o que a gente fazia...”.

Nesse ínterim, por dois anos Vanília ministrou aulas para outros gregos e descendentes, apesar de não haver até então local próprio para o alojamento da colônia. Posteriormente, o governo grego começou a enviar professores para residirem ao lado da comunidade, tornando-se responsável pela perpetuação de aspectos culturais gregos em todo o mundo.

O contexto da Grécia na época em que Vanília foi chamada ao Brasil era o de um país desfavorecido por uma guerra mundial. Ela já era formada no Ensino Médio, porém não havia emprego disponível por lá. Gregos de diferentes localidades ansiavam por melhores condições de sobrevivência, recorrendo a países dispostos a receber imigrantes. Assim, “grego ia pra onde podia, porque

não tinha mais como lá. [...] A época também pra mim não era boa, nem pro meu país, pra eu arrumar um emprego, pra continuar os estudos, né... aí, eu vim pra cá”.

Os primeiros imigrantes gregos que queriam casar-se com gregas solicitavam que a futura esposa viesse para cá ou viajavam à Grécia para contrair casamento, retornando ao Brasil em seguida. Desse modo, “meu marido chegou primeiro. Aí eu vim depois, eles já estavam aqui, né?! A gente já era conhecido de lá, e tal... Me chamaram pra vir pra cá (*risos*)... Aí eu vim, aí fiquei um tempo com a família, né?!”. Antes do casamento, Vanília morou com os pais de seu noivo em São Paulo e, após o matrimônio, veio para o Espírito Santo junto ao marido, que já residia e trabalhava aqui. Não havia qualquer familiar de Vanília no Brasil, de maneira que as relações estabelecidas aqui desde o início foram fundamentais para sua boa adaptação ao país.

Nesse sentido, Vanília afirma que não há impedimentos na cultura grega em relação à formação de amizades com quaisquer nacionalidades, embora reconheça que os brasileiros destacam-se no âmbito mundial pela receptividade. No que concerne à aprendizagem do idioma, Vanília observava as conversas e arriscava as palavras. Para ela, “*se aprende* língua bem, qualquer língua, né, se mora no lugar aprende bem. Se praticar...”.

Os filhos de Vanília partilham a cultura grega com os pais, que destinaram atenção para que fossem criados como brasileiros sem rejeitar a origem grega da família. As festividades na comunidade helênica, o idioma, as comidas, as danças e as músicas, entre outros, foram difundidos no contexto familiar, sem imposições. Desse modo, ambos dominam o idioma para que a comunicação com

os familiares que não migraram ocorra de forma eficiente. Percebe-se, pois, que a linguagem é vista como vínculo familiar por Vanília, que prezou pela transmissão do idioma por questionar: “como que eles vão se comunicar? Aí não ia ser mais primo, nem neto. Tem que falar”.

Histórias de Amizade – Vanília chegou ao Brasil com o propósito de casar-se, visto que estava noiva de um grego que já morava no Brasil. Por ter residido com a família do marido durante alguns meses, tornou-se amiga dos amigos deles. Porém, não se limitou a essas amizades. Casou-se e mudou-se para o Espírito Santo, onde construiu “[...] muitas amizades valiosas, que conservo até hoje...”, vínculos estes com brasileiros e com gregos. Vanília compõe a primeira geração de gregos no Estado, de maneira que havia poucos patrícios residindo aqui e com situação familiar e econômica semelhante à sua. Por este motivo, os gregos se juntaram, com o intuito de relembrar e vivenciar características de seu país.

Vanília afirma que os clientes das lojas que tinham tornaram-se seus amigos e participavam dos encontros que realizava com os demais companheiros. Eram piqueniques, passeios nas praias e com as crianças, uma vez que ainda não havia a Comunidade que, posteriormente, tornou-se o local de encontro entre Vanília e seus amigos capixabas. Não havia, portanto, sentimento de xenofobia, segundo essa participante, já que não eram vistos como estrangeiros que retiravam dos brasileiros possibilidades de atividade profissional remunerada.

Vanília aponta que as amizades construídas nos primeiros anos de Brasil com brasileiros permanecem até os dias atuais, visto que não considera

necessário contato diário e proximidade física para que as relações criadas sejam mantidas.

11. DISCUSSÃO

As histórias de migração fornecem uma ideia das mudanças, da importância de cada país, da família, da diversidade cultural, da história de cada um, do transitar entre diferentes idiomas, religiões e culturas mantendo tradições e estar abertos ao novo. Datas são importantes para os gregos, visto que todos os entrevistados ressaltaram dias, meses e anos que, de alguma maneira, marcaram suas vidas.

Cada história pessoal se cruza com as histórias de outras pessoas ao longo da vida. Histórias de imigração são também histórias de amizade em um novo país. A interligação entre as duas histórias incluem grandes mudanças, de país, de cultura, de contexto social e também de amizades. As histórias da imigração e da amizade se desenrolam ao longo de décadas.

Essas histórias indicaram que amizade e migração estão entrelaçadas. Deslocar-se de um país para outro deixando para trás amizades construídas ao longo do tempo e a chegada a um novo país e sociedade, abre espaço para novas amizades, com pessoas da nova terra e da própria nação em outras terras, assim como de outros povos que aí se encontrem.

Os relatos sobre a migração para o Brasil e as amizades aqui estabelecidas apresentam algumas peculiaridades que podem ser destacadas.

Um primeiro ponto é que há um movimento dialético entre a história dos povos e a história das pessoas e seus relacionamentos. Fatos que marcaram a história da humanidade, como a II Guerra Mundial e suas consequências sociais e econômicas, como a crise econômica que assolou a Europa após a guerra e o desenvolvimento e abertura a imigrantes do Brasil, são parte do contexto histórico e social por trás das histórias de amizades. Nesse sentido, há uma complexidade de fatores e um longo prazo em torno dessas histórias. Pessoas, famílias, relacionamentos, cidades, países e eventos históricos estão presentes nessas histórias ao longo de décadas.

Um segundo aspecto é a positividade dos relatos. Ainda que alguns entrevistados cite um ou outro episódio negativo, em relação ao tratamento dado aos imigrantes no Brasil, a percepção é bastante positiva, tanto em relação ao Brasil como um todo quanto às amizades aqui estabelecidas. Assim, a todo instante, os entrevistados demonstraram orgulho em relatar a sua história, em recordar e apresentar sua terra natal, em demonstrar gratidão diante do acolhimento do povo brasileiro. Por esses motivos, o discurso de todos esteve imbuído de emoção ao longo de toda a entrevista. Comentaram sobre as amizades na Grécia e sobre os amigos gregos que moram no Espírito Santo.

Pode-se, então, perceber nos relatos uma percepção positiva em relação à adaptação ou ajustamento dos imigrantes gregos às condições ambientais existentes (Castro, 2003). De acordo com os relatos, também é possível perceber uma integração bem-sucedida à sociedade e cultura brasileiras, preservando a herança cultural da Grécia ao mesmo tempo em que algumas características da cultura brasileira adquiridas (Berry et al. 2002).

O presente trabalho tem como referencial teórico a obra de Hinde (1997) sobre relacionamentos, que organiza aspectos internos ao relacionamento e reconhece os relacionamentos como mantendo relações dialéticas com outros níveis de complexidade, sem que esse fato seja explorado mais a fundo. Sobre esse aspecto, acredita-se que as narrativas contribuem para o modelo proposto por Hinde não apenas quanto aos aspectos internos dos relacionamentos, mas principalmente por evidenciar as múltiplas formas como relacionamentos mantêm relações dialéticas com o mundo ao redor. São as inúmeras conexões entre relacionamentos e outros elementos que se destacam nas narrativas, envolvendo diversos níveis de complexidade. É neste sentido que as narrativas sobre amizade e sobre migração mostram suas conexões dialéticas com a sociedade, com o ambiente físico e as estruturas socioculturais.

O presente estudo indicou a presença de amizades com pessoas do mesmo grupo e de grupos diferentes, o que tem sido encontrado desde o ambiente escolar (McClenahan et al., 1996). Ao contrário do que tem sido apontado por outros estudos, problemas de comunicação e distanciamento não se mostraram como obstáculos à formação de amizade entre grupos diferentes (Vorauer & Sakamoto, 2006) e também não há evidência de que amizade ou falta de preconceitos tenha sido efeito do contato estendido entre grupos (Wright et al., 1997), pois as amizades são relatadas desde os primeiros tempos dos imigrantes no Brasil.

A pesquisa em questão tem algumas características que a distinguem da maioria dos estudos sobre amizade e cultura. Primeiramente, leva em conta amizades ao longo de um extenso período de vida, enquanto outros se referem a

amizades presentes (como Vorauer & Sakamoto, 2006, entre outros). Trata, ainda, de relações de amizade de pessoas que se estabeleceram no país, sendo bem integradas, enquanto outros estudos apontam para dificuldades de integração (Kao & Joyner, 2004).

Os dados obtidos se afastam de alguns estudos sobre relações interculturais, como Collier e Bornman (1999) que discutiram amizades interculturais entre diferentes povos na África do Sul, relatando as preferências expressas por seu próprio grupo, com diferenças de poder sociocultural. Os dados também se afastam da pesquisa de Kao e Joyner (2004), que examinaram amizades interracial e interétnicas de jovens brancos, negros, hispânicos e asiáticos, sendo que era mais provável que os melhores amigos fossem do mesmo grupo étnico, informando que amigos interracial relataram menos atividades compartilhadas, mas indicam a quebra de fronteiras raciais na seleção de amigos e que estas amizades enfrentam desafios maiores que aquelas entre indivíduos da mesma raça.

No presente caso, as amizades se estendem no tempo e não há percepção de desafios para formar amizades interculturais. Um primeiro ponto que torna as comparações com outros estudos, especialmente realizados no contexto anglo-saxônico, é a abordagem interracial ou interétnica, que dificilmente acha paralelo no Brasil entre gregos e brasileiros, muitos originários da Europa, como italianos, espanhóis e portugueses.

A amizade, por vezes, serve para a redução de preconceito entre diferentes etnias. Aberson, Shoemaker e Tomolillo (2004) relataram a redução de preconceito em amizades interétnicas de euro-americanos com afro-americanos

ou latinos quando tinham amigos próximos desses grupos. Os dados sugerem que os participantes não perceberam em seu percurso de vida esse tipo de preconceito. Contudo, as amizades aproximam as pessoas entre os povos. Segundo outros autores, o preconceito racial também seria reduzido quando há amizades entre grupos (Jacobson & Johnson, 2006) e que a quantidade de contato ou amizade que afro-americanos tinham com euro-americanos parece ter sido uma variável crítica afetando atitudes sobre casamentos intergrupos.

Outro ponto de diferença é que várias pesquisas tratam de estudantes e relações de amizades interracialis ou interétnicas e seu papel na integração social. Vorauer e Sakamoto (2006) revela dificuldades de comunicação aumentando o distanciamento e baixando a probabilidade da formação de amizade entre grupos. Apesar das dificuldades com o idioma no Brasil, este afastamento não se deu, segundo os participantes.

De modo geral, os estudos sobre amizades interétnicas ou interracialis estão relacionados à aproximação e convivência de diferentes raças ou etnias em um mesmo espaço territorial, o que, em muitas situações é causa de problemas diversos. As amizades interétnicas e interracialis surgem como um fator de integração social, possibilitando a redução do preconceito. No caso do presente estudo, as amizades representam uma aproximação, contudo as dificuldades de convivência entre as diferentes nacionalidades não se mostram relevantes.

IV. O SIGNIFICADO DA AMIZADE

As entrevistas contêm vários comentários e observações sobre a natureza da amizade. A partir dos dados, alguns pontos se relacionavam mais à própria natureza da amizade ou seu significado, reunidos nos itens amplitude, virtude e longevidade.

1. AMPLITUDE

Um dos pontos que chama a atenção nas entrevistas é quem pode ser chamado de amigo. Neste sentido, amigos parecem não se restringir a pessoas com as quais se tem uma relação de intimidade. O conceito de amizade trazido por Kairos difere do que, no Brasil, é apresentado. Para ele, basta conhecer a pessoa para dizer que é seu amigo. Ainda assim, diferencia esses amigos daqueles com os quais têm maior contato. Em outras palavras, por uma questão de costume, não utilizam termos diferentes para diferenciar a intensidade da amizade.

No que concerne à relação de amizade, Minos compara a maneira do grego e do brasileiro viverem-na. Fica implícito em seu discurso que poucos acessam a intimidade de um grego, embora não estabeleça outra nomenclatura para tais ligações mais íntimas. De modo similar aos demais gregos, não há separação entre amigos e colegas, como os brasileiros comumente fazem. Assim, considera de suma importância que todos os indivíduos possuam amigos,

alegrando-se ao ver os filhos e os netos integrados à sociedade brasileira, ao passo em que preservam elementos da cultura helênica.

Logo, percebe-se que a amizade existente entre alguns gregos residentes no Espírito Santo, de maneira geral, trata-se de companheirismo decorrente de pertencer à mesma etnia, não atendendo aos critérios normalmente encontrados para se considerar como um relacionamento de amizade. Em alguns casos, as amizades entre os gregos de fato são relacionamentos construídos de forma natural e não previamente concebidos em virtude de terem a mesma nação originária. Ainda assim, não é costume dos gregos recorrer a outros conceitos para designar cada relacionamento.

Ao contrário dos demais participantes, Minos não aprecia uma vasta rede de relacionamento, se este não for intenso e próximo. Todavia, não se envolve intimamente com todos aqueles que classifica como amigos. Apesar disso, gosta de sentir-se acolhido e de fazer diferença na vida das pessoas, de modo geral, ciente de que elas não estão em seu real círculo de amizade, ainda que as chame de amigas naquele momento do ligeiro encontro.

No entanto, Minos destaca que há diferença entre ser amigo e ser conhecido. Para ele, amigo é aquele que, costumeiramente, você encontra porque quer encontrar. Conhecido, por sua vez, não compreende seus pensamentos e sentimentos, não se preocupa com o que você considera importante, e não está 'autorizado' a adentrar em sua intimidade. Possivelmente, por questões culturais, os helênicos não distinguem amigos, colegas e conhecidos. Em terras estrangeiras, tornou-se comum no círculo grego aproximar-

se de todos os que se abriam para eles, na tentativa de manter-se bem em termos pessoais e profissionais, conforme relato de todos os participantes.

De maneira geral e distinta dos demais entrevistados, Ábaris separa amigos de conhecidos, embora não consiga especificar claramente tal diferenciação. Entre as pessoas conhecidas estão os gregos que vivem no Brasil, visto que relaciona-se carinhosamente com eles, embora não lhe despertem sentimentos mais intensos. Ábaris considera como amigo aquela pessoa com quem partilha interesses e momentos vividos juntos, ainda que nem sempre agradáveis, afirmando que “amigo eu acho que mora do lado esquerdo, né. Não tem com grego”.

A participante Tacita distingue a intensidade das relações, ainda que não utilize termos distintos para denotá-los. Costumeiramente, refere-se a todas como amigas. Todavia, descreve que há relação de maior intimidade com algumas pessoas específicas, com as quais se sente à vontade para expor-se um pouco mais. Além disso,

eu escolho a dedo minhas amizades. Você vai observando. A própria vida te ensina quem é seu amigo. Tive alguns problemas, mas não aquelas que eu escolhi. Tive problemas... [...] Procuo sempre a pessoa certa (*emitiu um sorriso tímido*), pra dar certo, tudo bem...

Analogamente como exposto por todos os entrevistados, Tacita “não ficava *amigo* de alguém só porque um patrício era amigo dele. Não, tinha que conhecer também”. Sob esse aspecto, reconhece diferenças na maneira de conceber e nutrir as amizades, apesar dela e dos demais participantes não explicitarem tal diferença. Declara que os gregos da Comunidade são mais seus companheiros que amigos. A utilização do termo ‘companheiros’ apresenta a necessidade de

afirmar-se enquanto grupo, ao passo em que não permitem maiores aproximações.

2. LIBERDADE E ESPONTANEIDADE

A liberdade desfrutada com os amigos está associada à liberdade de escolha de um amigo ou à espontaneidade.

Dessa maneira, ao falar sobre suas amizades, Tacita diz que aconteceram com naturalidade, possivelmente em termos de sua espontaneidade. Ícaro costumeiramente realiza encontros com amigos da faculdade, cientes de que nem todos poderão comparecer. Não haver cobrança da presença é, para Ícaro, confirmação da amizade, visto que, ao mesmo tempo em que gostariam da presença daqueles que não foram, compreendem que não foram porque tiveram algum motivo plausível. Em outras palavras, tenta zelar pela liberdade na relação. De acordo com ele, o ambiente escolar e acadêmico favorece a formação de novas amizades.

A espontaneidade e a livre escolha proporcionada pelos relacionamentos interpessoais de amizade fazem com que Ícaro os valorize, ainda mais por não ter sido criado no seio familiar. Os amigos estiveram presentes na vida dele desde tenra idade, já que viveu em orfanatos na Grécia até a juventude. Por esse motivo, “tive que aprender a fazer amigos, a escolher amigos, a terminar com alguns por que não eram bons, e não ter briga direta. Entre amigos tem brincadeiras. A gente fala o que quer, não escolhe palavras”. Daí afirmar que ter

poucos amigos de fato, é motivo de felicidade para a pessoa. Para ele, esses ‘amigos de fato’ são aqueles com os quais você se sente à vontade para ser você, para agir e falar como realmente pensa, trazendo sua concepção de verdade.

Stafilos também associa amizade e liberdade:

não vejo que o princípio da amizade move os interesses. Eu acho que ele é leal. É a diferença de ser seu amigo pela identificação, eu sinto isso, *tá* entendendo?! Eu já tive, vamos botar assim, financeiramente bem melhor, e hoje não *tô* numa das melhores fases, mas isso não *tá* fazendo muita diferença, não. Não *tá* fazendo muita diferença, não. Mas, como eu disse, isso tudo porque gregos e brasileiros têm muita coisa em *comuns*, entende?! Coisas que não dependeram *de eu* como grego, nem dos brasileiros... Isso é da própria formação do país, da liberdade, dos amantes da liberdade, da democracia e tudo. Eu acho, por exemplo, que um regime comunista nunca daria certo no Brasil *por causa que* brasileiro tem a individualidade dele. Isso é muito importante. Muito importante. A individualidade é que faz a diferença. Se essas diferenças forem respeitadas, tudo vai bem. É o meu ponto de vista. E isso inclui amizade.

3. VIRTUDE

Outro aspecto que chama a atenção nas entrevistas quanto à natureza das amizades diz respeito a uma série de características que as acompanham, todas relacionadas a virtudes. A amizade como uma virtude ou associada a diversas virtudes é típica dos filósofos gregos e latinos da antiguidade, como Aristóteles, Cícero e Sêneca.

3.1 Desinteresse

A falta de interesses, de se obter alguma vantagem com as amizades é uma propriedade indicada para uma verdadeira amizade. O desinteresse, na

opinião de Ícaro, deve ser o mote principal no relacionamento de amizade, já que este preza pelo bem-estar e pelas interações. Stafilos tem consciência de que também existem amizades motivadas por interesse financeiro. Declara que pode haver amizade por interesse desde a idade escolar. No seu caso, por ser bom aluno e receber destaque perante a turma, muitos se aproximavam com o intuito de obter benefícios nas avaliações.

De maneira geral, a característica primordial apontada por eles para a existência de uma amizade duradoura é o desinteresse, especialmente no que concerne ao âmbito financeiro, ao passo em que existem amizades interesseiras que visam somente ao prazer que o outro pode proporcionar.

Apesar de sua visão aberta acerca dos relacionamentos de amizade e suas consequências nas vidas dos envolvidos, Ícaro destaca o interesse que pode estar obscuro em alguma relação. Afirma que “tem gente que quer ser seu amigo pra chegar perto de alguém. Isso tem... Mas eu nunca quis”. No mesmo sentido, questiona a utilização do termo ‘amigo’ recorrente no discurso de políticos que, outrora, atacavam-se nas eleições. Em seu conceito, amizade requer sinceridade e envolvimento, características essas que não visualiza no meio político.

Em suma, todos os participantes defendem a ideia de que não deve haver interesses financeiros nas relações de amizade.

3.2 Honestidade e Sinceridade

De maneira afirmativa e segura, Tacita revela que considera a honestidade, seguida pela sinceridade e pela confiança como características imprescindíveis

para considerar alguém como amigo, faltando-lhe palavras para definir melhor o assunto. Por honestidade, compreende a existência de verdades partilhadas pelas pessoas que estão em dado relacionamento. Em outras palavras, trata-se do apoio recebido independentemente das dificuldades corriqueiras e próprias de cada um, e considerado por ela como termo definidor das relações amigáveis. A partilha de fatos e sentimentos entre amigos estreita ainda mais os laços que os une.

De modo análogo, Ícaro defende que exista sinceridade entre amigos, repudiando interesse financeiro, político ou social nessas relações, e também excluindo pessoas que não respeitam os limites de acesso à intimidade do outro. Logo, preservar sua vida particular, seu espaço físico e emocional, e expor-se pessoalmente é algo que Ícaro só faz com aqueles com quem mantém familiaridade, ciente de que existem amigos diferentes, uma vez que as pessoas são diferentes.

3.3 Fidelidade e Confiança

Na opinião de Vanília, a fidelidade dos envolvidos no relacionamento faz com que considere valiosas suas amizades, conservando-as através dos poucos encontros que têm com os amigos.

Tacita reconhece que não permite que todos esses 'supostos' amigos adentrem em sua residência ou participem de sua intimidade, mas apenas aqueles nos quais possui maior confiança, com quem tem histórias antigas, e

certeza da fidelidade. Preza pelas amizades familiares, e esses são seus amigos mais próximos. Cita a honestidade como peculiaridade fundamental para que amizades sejam possíveis, afirmando que não deve haver interesse financeiro ou de qualquer outra ordem nesse tipo de relacionamento. Defende que as trocas nesse caso devem ocorrer de modo natural e consentido por ambos os lados, e não como artimanha, enganação ou aproveitamento das qualidades e facilidades do outro e/ou de sua atividade profissional.

Dentre as características necessárias para o bom estabelecimento e manutenção de relações saudáveis entre os amigos, privilegia “[...] caráter. Eu privilegio qualidades pessoais. Não quero saber de nacionalidade”, de maneira que faria amizade com qualquer etnia, desde que houvesse identificação entre eles. Por esse motivo, esclarece que, em momento algum, privilegiou os gregos residentes no Brasil ou na própria Grécia para estabelecer vínculos, tanto que seus amigos mais antigos e queridos são os brasileiros. Para Stafilos, “[...] os valores de identificação *termina aonde* tem que terminar”.

Outras características apontadas por ele são integridade, confiança e apoio instrumental. Como considera importante a ocorrência de identificação entre amigos, não costuma fazer distinção entre nacionalidades, não tendo adotado essa peculiaridade como determinante na formação de seus laços. O conhecimento alcançado e as amizades construídas são os valores que Minos acredita que sustentam o ser humano, enquanto ser social, e fez questão de transmitir essas ideias aos seus filhos.

Porém, esse episódio não alterou sua visão acerca da funcionalidade e agradabilidade propiciada pelos relacionamentos interpessoais debatidos nessa

pesquisa, de modo que Tacita define amizade como algo ‘sagrado’. Destarte, “pra mim, um bom amigo, uma boa amiga é igual a irmão, é sagrado. Amizade e parentesco pra mim é sagrado. Não todos... mas... A vida é isso”.

Para Kairos, a confiança encontrada nas relações de amizade com amigos brasileiros as reforça e renova continuamente. Solicitar algo e ser prontamente atendido por um amigo – ainda mais se envolver o lado financeiro – representa entrega ao relacionamento, na opinião de Kairos. Acredita que amigos colocam-se à disposição de amigos, ainda que não exista frequência nos encontros.

Sob essa ótica, confiar na palavra dita é, para os gregos, a prova de uma amizade sincera. Há muitos anos, por exemplo, e desde os tempos em que sua situação financeira oscilava, Athamas frequenta o mesmo local para compras, tendo se tornado amigo do proprietário do estabelecimento em questão. Por diversas vezes, sentiu-se realmente acolhido por esse senhor, que lhe fornecia o produto sem receber o devido valor de imediato. O participante destaca que, quando há o envolvimento do setor financeiro, reconhece melhor a lealdade dos que estão próximos a ele.

Os participantes demonstram que deve haver grau de confiança maior para que considerem alguém realmente como amigo, lembrando que eles não recorrem a termos diferentes para tratar amigos e colegas. Assim, o amigo é aquela pessoa para quem podem ligar por qualquer motivo que seja, por ser uma pessoa verdadeira e digna de confiança.

4. LONGEVIDADE

Outro ponto que chamou a atenção nas entrevistas foi a longa duração das amizades. Este fato, em parte, pode refletir o longo período considerado nas entrevistas, perfazendo décadas na maioria dos casos.

Para Eurídice, amizades devem ser nutridas e precisam apresentar constâncias, fato que não observa nas amizades gregas, que se tornam frágeis diante da força dos laços sanguíneos. Quando criança, não percebia tal característica comum aos gregos em seu círculo de convivência. Ao retornar para seu país de origem e reencontrar alguns amigos de lá, declara que “já não tem mais as amizades da infância. Não fala mais igual. Quase não vê, mas quando vê, não tem graça. É muito diferente hoje”.

Ao reencontrar seus antigos amigos na Grécia, não os considerou como antes, já que não se sentiu confortável na interação com os mesmos. Evidencia-se aqui que, para ela, não nutrir amizades significa perder o que os aproxima. De modo análogo, Tacita, quando reencontrou amigos gregos, percebeu dificuldade nas conversas e atividades que fez com eles. Nestes dois casos, indica-se o declínio das amizades.

A longevidade dos relacionamentos, por exemplo, é destacada por Minos, que considera que “essa turma que nós temos hoje, vivemos trinta e poucos anos juntos. Acho que o amigo mais novo que eu tenho aqui tem 25 anos. Tem que manter”. Fato é que não há nenhuma prerrogativa que determine a duração da amizade, visto que cada um concebe o relacionamento segundo suas peculiaridades. Nesse sentido, evidencia a importância atribuída pela cultura

grega à duração dos relacionamentos, sejam de amizades, familiares ou amorosos. Ainda que os supostos amigos sejam, na verdade, apenas colegas, declarar que as interações acontecem há vários anos é motivo de orgulho para Minos e para os demais participantes, em geral.

Eurídice destaca as lembranças que as amizades deixam. Ela relembra suas amizades infantis com carinho e, embora não encontre mais esses amigos, afirma que os relacionamentos que criaram permanecem vivos dentro de si, “porque a gente, mesmo que o tempo, né, mesmo que com o tempo você perca esses relacionamentos, sempre fica um, dois três, quatro amigos, né?! Você carrega esses amigos na sua vida”. Para ela, as atividades que realizavam juntos – na maior parte das vezes eram brincadeiras –, contribuía para a continuidade do relacionamento.

A visão de Minos acerca da amizade advém das experiências que acumulou no decorrer de sua vida, visto que emigrou com treze anos de idade, deixando seus amigos na Grécia e tendo que construir novas amizades aqui. Mesmo não estabelecendo mais contato com os amigos feitos em seu país de origem, ainda os considera próximos, uma vez que assegura que amizade é para sempre, “e amizade pra mim é uma coisa muito importante. [...] Que amigos, você tem que ter pra vida inteira, que não são descartáveis”. Analogamente, aponta que as relações de amizade contribuem para que a Comunidade Grega mantenha-se unida. Por esses motivos, afirma que

[...] uma amizade vale muito mais que um parente. Embora *nós* somos muito ligados à família, mas cada um tem sua família longe, amigos *tão* perto. Então, amizade é tão ou mais importante que um parente longe. Isso é muito importante de... como se diz... *encaixar na cabeça* das pessoas. Que amigo não é descartável.

É notável nos participantes dessa pesquisa o receio que apresentam em admitir que uma relação de amizade acabou. Para eles, significa reconhecer que não foram capazes o suficiente de agradar aquela pessoa e nutrir o envolvimento, já que “amizade pra mim é séria” (Tacita). O término de uma relação amigável é algo que não pode ser previsto, assim como ocorre com os demais relacionamentos interpessoais. Dessa forma, uma vez considerado amigo por um grego, a titulação é mantida ao longo de anos, ainda que não haja comunicação entre os envolvidos.

5. DISCUSSÃO

As entrevistas contêm vários comentários e observações sobre a natureza da amizade ou seu significado. Três dimensões do significado das amizades foram propostas com base nos dados: amplitude, virtude e longevidade.

A “amplitude” do conceito de amigo foi reconhecida por Krappman (1996) como algo cultural com limites variáveis. De forma geral, os participantes consideram utilizar o termo ‘amigo’ para expressar colegas e conhecidos, não os diferenciando terminologicamente. Contudo, declaram haver diferenças entre as categorias descritas.

De modo amplo, os gregos gostam de utilizar o termo amizade para todos aqueles que conhecem, a fim de demonstrar que se relacionam bem. Trata-se, possivelmente, segundo Bauman (2005), da necessidade que o estrangeiro costuma apresentar de ser benquisto pelos habitantes do país que o acolheu.

Para os entrevistados, há diferença na intensidade do relacionamento, embora eles não recorram a termos distintos para caracterizar amigos e colegas, como é o caso dos brasileiros.

A ideia de liberdade e espontaneidade também está presente na literatura recente sobre amizade (Krappman, 1996). Trata-se de um ato voluntário, intrinsecamente motivado, visto que se relacionar é uma necessidade humana que se nega à obrigatoriedade, como visto no relacionamento de amizade.

A amizade como uma virtude ou associada a diversas virtudes é típica dos filósofos gregos e latinos da antiguidade, como Aristóteles, Cícero e Sêneca. A falta de interesses, de se obter alguma vantagem com as amizades é uma propriedade indicada para uma verdadeira amizade (Cícero, 1930). Honestidade e sinceridade já são vistas como parte das amizades por Cícero (1930) que não vê lugar para a adulação na verdadeira amizade, que deve ter franqueza e sinceridade, sendo a dissimulação contrária à amizade. Segundo Sêneca (1991), na verdadeira amizade deve-se haver confiança entre amigos.

V. DIMENSÕES DA AMIZADE

Diversas das dimensões da amizade foram identificadas, incluindo similaridades e diferenças, proximidade e distância, apoio, reciprocidade e conflito.

1. SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

1.1 Similaridade entre Pessoas: Subjetividade e Atividade

Amizade, na opinião de Ábaris, deve suscitar identificação, semelhança de pensamentos, de anseios e de atitudes. Mesmo quando morava na Grécia não se sentia ambientado o suficiente ao ponto de destacar algum amigo que porventura tenha deixado lá. Assim, “não fiz laço lá como aqui, então não tenho amizades que deixei na Grécia. Agora, tenho pessoas que são bastante agradáveis, interessantes. Quer dizer, gregos e de outras nacionalidades, né?!”.

Ao longo de todo seu discurso fica claro que, para Ábaris, há necessidade de semelhança nos caminhos escolhidos para guiar a vida. Considera que os amigos devem compartilhar momentos da vida e situações rotineiras, trocando informações, ainda que não sejam informações importantes. Para ele, amigos compartilham alegria entre si, para que o cotidiano fique mais fácil por saber que há alguém para apoiá-lo.

A simetria de objetivos é fundamental, em sua opinião, para que existam relações amigáveis e duradouras. Para ele, no que se refere aos aspectos gerais da amizade, esta deve se configurar “primeiro por objetivos. A gente começou a frequentar os ambientes universitários... as amizades mudam, a linguagem muda...”. Daí não ter conseguido criar relações que pudesse identificar como de amizades com seus conterrâneos.

Amigos se veem, conversam, trocam experiências e pensam uns nos outros, caso estejam distantes. Em suma, declara que “o *aglomerante* para uma amizade, quanto mais coisas comum existir, mais propenso a você ter... a criar um clima de aproximação”.

Ainda sob esse aspecto, sugere que deve haver semelhanças entre gostos, atividades e comportamentos para que as relações sejam mantidas apesar dos poucos encontros. A configuração familiar de Tacita e de suas melhores amigas é similar, o que as aproxima ainda mais, na opinião da participante: são casadas, com casa própria, filhos casados e netos, variando apenas em termos numéricos.

Ábaris relata a necessidade da semelhança de interesses entre os amigos. A identificação entre os participantes do relacionamento de amizade é critério fundamental também para Stafilos. Para ele, classe social e raça não definem proximidade entre ele e seus amigos, mas o interesse em comum e as atividades compartilhadas afetam diretamente a continuidade da relação.

Interesses em comum configuram a primeira característica importante no conceito de Ábaris sobre a amizade. Segue-se a isso a confiança no outro e a similaridade de atividades e de ideais, e a proximidade. Para ele, o fato de ter tido uma família que batalhou junto para conquistar a terra nova e para refazer o nome

que tinham na Grécia antes da Segunda Guerra Mundial, que não teve receio de trabalhar com as possibilidades que se apresentavam, foi fundamental para estreitar seus laços familiares e, acima de tudo, para criar um vínculo intenso de amizade com seu irmão. Justifica tamanha conexão de amizade com seu irmão

[...] porque a gente navegou numa jangada com quatro pessoas, num mar muito cumprido e revolto. Nós trabalhamos junto. Ele tá aqui embaixo. Entramos na Vale juntos, entramos na faculdade juntos. [...] A gente nunca teve uma preocupação em evolução patrimonial. [...] A gente tá sempre junto.

A lealdade dos brasileiros com suas amizades, segundo ele, vai além de limites destacados por outros participantes – especialmente a diferença econômica – como critério de manutenção das amizades. Logo, afirma que a identificação entre os amigos não está condicionada necessariamente às semelhanças materiais e sim às similaridades subjetivas, isto é, aos interesses compartilhados nas conversas, aos gostos, às atividades que executam juntos.

Para Minos, os amigos são naturalmente selecionados, de acordo com semelhanças de atividades, comportamentos, crenças e conversas. Nesse ínterim, apesar de haver diferenças culturais, em momento algum estas foram ressaltadas ou sequer comentadas pelo participante, que se mostra grato pelo pai ter escolhido o Brasil como país para criar sua família. No caso dos participantes dessa pesquisa, as diferenças culturais não afetaram a construção e a continuidade das amizades, apesar dos envolvidos não trazerem – necessariamente – semelhanças diretas entre si.

Ábaris valoriza muito mais as amizades constituídas com brasileiros, destacando a similitude de atividades como propulsora de tais relacionamentos. Por outro lado, o participante considera fundamental “[...] haver a limitação. E

“você tem que aprender nas amizades a respeitar as diferenças e os defeitos das pessoas, porque ninguém é perfeito”. Desse modo, percebe-se que não há visão romântica da parte de Stafilos em relação aos relacionamentos com seus amigos, não havendo receio em argumentar dificuldades de relacionamento que os gregos criam uns como os outros, por exemplo.

Para Athamas, compartilhar atividades faz as pessoas se manterem próximas daquelas que terão condições de acompanhar os amigos. Acredita ter se enturmado bem tanto no Brasil como na Grécia, em virtude de seus conceitos pessoais acerca do relacionamento interpessoal em questão.

Dentre as atividades comumente realizadas com seus amigos brasileiros e gregos, Anteros destaca piqueniques, idas à praia com as crianças, visitas, idas à comunidade helênica. Quando morava na Grécia, seu círculo de amizade era composto por meninos, embora não houvesse imposição quanto ao gênero. Segundo ele, “meninas ficavam mais com meninas mesmo”. Na infância, é comum que existam preferências em relação ao brincar, fazendo com que as próprias crianças não queiram mesclar os gêneros. Normalmente, as brincadeiras fazem parte do repertório preferencial de cada um dos gêneros, bem como atividades realizadas por adolescentes.

Nesse sentido, para Athamas, interesses em comum tornam-se maiores do que distâncias físicas. Não haver contato e não existir compartilhamento de atividades predispõe a amizade ao seu término, segundo ele. Em sua concepção, atividades em comum aproximam amigos.

Dentre as atividades realizadas com seus amigos quando os demais gregos ainda estavam chegando ao estado, Anteros aponta que

a gente *tava* sempre *juntos*. A Praia da Costa praticamente não tinha nada. Aí a gente ia pra debaixo das castanheiras e lá fazia piquenique. Não tinha Comunidade ainda, aí a gente se juntava assim. Brasileiro ia junto. A gente nunca separou, não.

Evidencia-se novamente aqui, a preocupação de Anteros em esclarecer que não houve qualquer separação entre suas amizades com gregos e com brasileiros. Como visto anteriormente, tal preocupação também é recorrente em outros participantes. Embora poucos vínculos de intimidade real tenham sido criados entre gregos no Espírito Santo, gostam de pontuar que são amigos, na tentativa de reforçar os vínculos nacionais que possuem e manter a identidade cultural que os caracteriza.

Outras formas de similaridade observadas são as de gênero e de idade. Apesar de não fazer distinção de gêneros diretamente, Tacita construiu apenas amizades femininas, em virtude dos valores educacionais transmitidos e exigidos por seu pai. Recorda-se de uma situação em que foi defendida e apoiada pelas colegas, descobrindo naquele momento que poderia realmente contar com elas e acreditar nas amizades brasileiras:

a Maria José... uma vez... calça, é parecido com... o nome da meia em grego; vieram três rapazes, e me pediram calça, e eu mostrava meia, e eles começaram a rir; ela enfrentou eles... me defendeu. E coisas assim eu não esqueço nunca. Ela falou: "vocês falam alguma coisa em outra língua por acaso? Vocês não falam nada. Essa menina tem aqui dois meses". Enfrentou e enfrentou bem, tanto que os caras passaram a comprar na loja depois, me paquerando mais tarde. Mas, foi graças a ela, porque eles estariam rindo até hoje se não fosse ela (*pequeno riso*). Prova de amizade, não esqueço. Ela poderia ter rido junto com eles, né?!

Vanília destaca a idade como elemento importante na formação das redes de amizade, de modo que seus amigos possuem idades próximas à sua.

1.2 Similaridade Cultural

Conforme a maioria dos participantes, os amigos gregos citados são patrícios que também residem no Brasil, não havendo grande empenho por parte dos helênicos em manter relacionamentos à distância. Curiosamente, todos os entrevistados afirmaram que

[...] brasileiros parecem com os gregos. [...] Você conheceu lá o grego, quando você for lá você vai ver, a pessoa te olha nos olhos, “o que você precisa, o que você quer?”. Se pedir uma informação, ele vai te pegar e vai te levar lá. É assim, é muito hospitaleiro o grego, é que nem o brasileiro (Vanília).

De fato, certos costumes gregos como as atividades comumente realizadas com os amigos, aproximam-se dos costumes nacionais. Todavia, compreende-se, nesse momento, o teor do discurso acima como tentativa de aproximação com o povo que acolheu. Quando compara brasileiros e gregos, Athamas afirma que

grego com brasileiro tem muito a ver. Todos dois são povos que gostam de uma farra (*risos*). [...] Não vou dizer que gosta mais que o brasileiro, porque são muito semelhantes. O grego gosta de sair todo o dia. Não se contenta de sair só final de semana. E o governo grego, uma vez, baixou uma lei, dizendo que uma hora (*da manhã*) toda boate tinha que fechar, porque não agüentava mais pessoa chegar cinco horas da manhã e perder o dia pra trabalhar (*riso tímido*). Então o grego gosta de farra demais.

Nas palavras de Stafilos, “brasileiro é expansivo, o brasileiro é alegre... Tem certas raças que não têm isso dentro deles. Mas isso *não quer que seja* uma diferença... *cê* vai respeitar... Eu não acho que seja, *cê tá* entendendo?! Tem que respeitar os limites de cada coisa”.

Athamas identifica o clima e os costumes gregos como propícios para as atividades entre os amigos, relacionando seu país de origem ao Brasil.

Atualmente, percebe que os jovens amigos gregos frequentam boates, restaurantes e praias juntos.

Minos não se opôs à sugestão da amiga, sendo tratado como tal pelos demais amigos e conhecidos, com a ressalva de que é chamado pelo seu nome verdadeiro em meio aos conterrâneos. A admiração que ele identifica da parte dos brasileiros para com a Grécia contribuiu para que se sentisse à vontade em terras brasileiras logo nos primeiros dias. Ressaltando sua terra natal, Minos afirma que existem algumas coincidências entre gregos e brasileiros que merecem destaque, como a receptividade aos estrangeiros e as belezas marítimas.

Tacita também aponta semelhanças culturais entre o Brasil e a Grécia de antigamente, o que contribuiu para sua maior assimilação da cultura brasileira. Apesar disso, sentiu falta nos primeiros meses da rotina que vivia em sua terra-mãe. Dessa maneira,

os brasileiros... minhas amigadas brasileiras, muita importância, principalmente depois daquilo que te falei. "É grega", aí depois você vê que nem todo mundo é assim. Principalmente na minha idade, adolescente, saí do interior, então era quinze, dezesseis anos, era como se fosse onze, doze hoje. Então, quando você começa a ver que não assim....

De modo análogo, os amigos brasileiros – que são mantidos atualmente –, foram fundamentais para reduzir o estranhamento da parte de Vanília, apesar de destacar que existem inúmeras proximidades entre a Grécia e o Brasil. Trata-se da similaridade necessária para a formação de amizades.

Uma diferença cultural apontada é que, ao contrário do brasileiro, é difícil encontrar gregos por horas a fio em um barzinho. Quando vão, a finalidade é beber e também comer. Gostam de dançar, conversar com os amigos e

frequentar as inúmeras cafeterias para tomar o café gelado, frapês. O povo grego assemelha-se ao brasileiro e, como é esperado por motivos culturais, tem suas especificidades.

1.3 Similaridades e Diferenças Culturais Quanto à Amizade

Em relação ao estilo brasileiro e grego de amizade, há uma série de observações indicando como as amizades no Brasil são diferentes. Ícaro considera que a maneira do brasileiro conceber e viver o relacionamento de amizade difere da concepção grega que lhe foi transmitida. Para ele, se há contravenções nas amizades, os brasileiros solucionam a questão. No caso de sua cultura nativa, as amizades são suspensas e não serão retomadas posteriormente.

Sob esse aspecto, os vizinhos tornaram-se amigos de Ícaro, e facilitadores de sua inserção na cultura e nos costumes brasileiros, por terem oferecido a ele suporte emocional e apoio instrumental através das novas amizades constituídas. Destaca a amizade entre vizinhos como fator que não vivenciou na Grécia. Logo, “brasileiro fala informação, pergunta vizinho, pergunta amigo. Aqui, vizinho é amigo. Quase sempre é. Tenho amigos vizinhos aqui. Desde que cheguei, tenho amigos aqui. *Me receberam*, ensinaram viver no Brasil. Eu gostei”.

Como grande admirador que é dos costumes brasileiros, Ícaro declara que a maneira como as amizades são iniciadas e mantidas aqui se diferenciam da forma como os demais povos a concebem. Por ter morado em diferentes países

ao longo de sua vida, Ícaro sente-se à vontade para afirmar que “[...] nem todo povo é bom. Nem todo mundo quer amigos como brasileiros quer”, identificando aspectos comportamentais nesse povo não comumente vistos em outras nações.

Ainda segundo Ícaro, o período que precede a formação ou não de uma amizade é bem analisado pelo brasileiro, de maneira que “não vejo brasileiro numa amizade que faz mal. Se faz, sai. Não começa se sabe que não é bom”. Justifica tal afirmação recorrendo a características que considera serem peculiares aos brasileiros, destacando o desinteresse financeiro na relação e a cordialidade culturalmente construída, segundo ele.

Também com emoção transparecendo, Kairos relata sua história de amizade com os brasileiros. Quando houve a possibilidade de visitar sua terra-mãe pela primeira vez após quinze anos, nenhum de seus amigos foi recebê-lo. Em contrapartida,

quando eu voltei *no* Brasil, no aeroporto de Vitória, tinha trinta pessoas esperando. Trinta... amigos *(com lágrimas nos olhos, bastante emocionado; sua fala seguinte fica entremeada pelo choro)*. Ai você se sente... *(longo silêncio e choro)* Trinta pessoas me esperando no aeroporto de Vitória. Não nasci aqui... tenho amigos aqui... trinta pessoas no aeroporto de Vitória... *(longo silêncio e choro)* me esperando...

O gesto de ter sido esperado por tantas pessoas em seu retorno para casa – é assim que ele e sua família se referem ao Brasil –, foi a prova maior que precisava para optar definitivamente em fixar residência no Brasil. Sendo da primeira geração grega no Brasil, isto é, grego desbravador no Espírito Santo, achou que seria muito bem recebido por seus amigos quando retornasse à Grécia na primeira vez, após anos ter migrado. Contudo, experimentou grande frustração, que fez com que refletisse e reconsiderasse seus valores sobre amizade: nenhum de seus antigos amigos foi recepcioná-lo no aeroporto ou o

procuraram enquanto esteve por lá. Em contrapartida, quando retornou ao Brasil, muitos amigos o esperavam ansiosamente e manifestaram sentimentos – como saudade – que o emocionam mesmo tantos anos após o ocorrido.

Nos anos em que residia na Grécia, Vanília observava que havia maior flexibilidade nas relações intra-gêneros, uma vez que os pais sentiam-se mais confortáveis em favorecer amizades entre seus filhos e crianças do mesmo sexo. Entretanto, não era exigido que as pessoas evitassem criar amizades com o gênero oposto, já que a segregação entre sexos não era demarcada na sociedade.

O fator sanguíneo, tão importante para os helênicos, é destacado por Eurídice exatamente por não ser presente e nem mesmo necessário nos relacionamentos construídos com os brasileiros.

Na opinião de Stafilos, brasileiros costumam encontrar-se com seus amigos com frequência maior do que vista entre os gregos. Embora se reconheça como grego, Stafilos incorporou valores e costumes brasileiros ao ponto de defender a visão brasileira de amizade. Para ele

com todos os defeitos, eu digo uma coisa, não sei se alguém disse: “dois gregos, três partidos”. Você pode acreditar nisso? “Dois gregos, três partidos”. Você forma o seu, eu formo o meu, e nós dois *forma* o terceiro. Nós temos divergências, mas tudo bem.

Percebe-se, assim, que os gregos, de maneira geral, identificam dificuldades nos relacionamentos entre helênicos, embora não gostem de admitir diretamente que são mais restritos no que tange à sua intimidade. O conceito de intimidade é visto, então, como marcador das relações de amizades gregas.

Apesar de participar ativamente da Colônia Helênica, Eurídice reconhece, baseada em suas vivências brasileiras, que há maior facilidade em construir

relacionamentos com brasileiros do que com gregos, seja na Grécia ou seja no Brasil. Para ela, tal fato decorre das características comumente encontrada entre seus compatriotas: “o grego ele é, por um lado, muito hospitaleiro como é o brasileiro, mas ele é muito, talvez, desconfiado. Ele se guarda também. Foi fácil aqui no Brasil, porque fui muito bem recebida desde o início, então fiquei mais à vontade”.

1.4 Similaridades e Diferenças de Idioma

Cada participante teve uma experiência particular no que tange à aprendizagem do idioma. Reitera-se, contudo, que sempre contaram com o auxílio e com a defesa dos amigos brasileiros para maior incorporação do linguajar.

O idioma foi aprendido por Vanília, inicialmente, com os familiares de seu esposo e aprimorado com os amigos, após o casamento. Ela aponta que sempre gostou de conhecer novas pessoas, de interagir e aprender com elas, além de poder ensinar. As atividades realizadas com seus amigos brasileiros incluíam alguns gregos, de maneira que se sentia responsável por integrar as culturas e os povos, num gesto de gratidão ao acolhimento recebido. Famílias amigas ensinaram palavras fundamentais para ela realizar tarefas do cotidiano, e sabia que podia contar com elas no que precisasse.

Já Minos aprendeu a língua por meio dos amigos e também pela necessidade que seu trabalho de comerciante impunha. Nesse sentido, “meu pai

me ensinou passar troco, o valor da moeda, e eu aprendi o português. ‘Quê que é isso? O senhor tem isso?’. ‘Isso é isso aqui’. E assim que fui aprendendo português”. Não houve da parte do pai de Minos aprimoramento do idioma, de forma que, nos anos seguintes, Minos e seus irmãos passaram a ensinar o português para ele.

Sob a mesma ótica, o trabalho no comércio do pai, a troca entre os irmãos e sua facilidade em aprender línguas contribuíram para que Tacita aprendesse o português em um mês e o aprimorasse em apenas seis meses: “em um mês eu já conseguia me comunicar (*pequena risada*)... com sinais, com poucas palavras, mas... Com quatro meses já falava português, com seis meses já falava o português que falo hoje”.

Seu esmero na linguagem ficou claro desde o início da entrevista, já que Tacita solicitou que os erros gramaticais fossem desconsiderados. Esse gesto também demonstra zelo da parte dela em relação ao idioma, que é um símbolo do país e, para ela e para os gregos representados na pesquisa, merece o devido respeito, daí o receio da parte deles em cometerem erros de concordância.

Sobre essa aprendizagem, Athamas profere que apreendeu a língua com o dia a dia, utilizando um caderno para anotações diversas, sendo auxiliado pela esposa grega-brasileira. Para ele, trabalhar por conta própria contribuiu para que se adaptasse ainda mais ao país, visto que precisava interagir com as pessoas que, em sua maioria, eram brasileiras. Afirma então que,

no início, eu não posso me dirigir mais aos amigos porque todo estrangeiro quando vem, não fala a língua, não tem muito... ambiente, né?! Mas aos pouquinhos a gente foi construindo o ambiente que, na minha carreira profissional é... foi muito útil, porque no momento mais difícil que tive em minha vida, me apoiei nos amigos, eles me ajudaram, me estenderam a mão.

Evidencia-se que o não conhecimento do idioma – apenas Kairos interagiu com espanhóis e portugueses, aproximando-se do linguajar brasileiro – em momento algum foi empecilho para a formação de vínculos entre os gregos e os brasileiros. Kairos declara que não houve dificuldade em estabelecer amizade exatamente em virtude de conhecer um pouco de espanhol e português, o que possibilitou maiores interações iniciais com brasileiros. Descreve, assim como todos os entrevistados, que houve, da parte dos brasileiros, empenho em escutá-lo e manter diálogos, reconhecendo a importância das amizades brasileiras para sua estadia no país.

Por outro lado, o idioma é destacado por Anteros como a dificuldade inicialmente sentida, já que não pronunciava e compreendia qualquer palavra em português. Assim, “aprendi a falar *brasileiro* no trabalho. Meu pai falava qualquer coisa, aí falei também. Tinha que dar conta, né, tinha que trabalhar (*risos*). Fui aprendendo, né (*risos*)?! Não tinha jeito, tinham que me entender...”.

Logo, a atuação no trabalho propiciava interações com brasileiros fazendo com que passasse a dominar o linguajar. Declara que, embora resida há muitos anos no Brasil, não domina plenamente o idioma pela dificuldade que este apresenta, apesar do grego – que administra tão bem – ser considerado no senso comum, como difícil de ser falado. O grego é considerado um idioma complexo e de difícil compreensão, o que fez com o senso comum se referisse a ele nos momentos em que não se compreende o discurso emitido por alguém. Nessas ocasiões, normalmente escuta-se a frase: ‘você está falando grego’.

Recorrendo novamente ao apeço por sua pátria de origem, Stafilos aponta que “[...] a língua grega me facilitou muito a vida aqui”.

2. PROXIMIDADE E DISTÂNCIA

Proximidade e distância surgiram em diversas entrevistas como fatores que não são determinantes para a sobrevivência de uma amizade, de uma relação entre a condição de migrante e a manutenção de relacionamentos.

Por esse critério – que Tácita julga fundamental –, reconhece que não possui muitos amigos, mas que confia nos que possui pela veracidade e compreensão demonstradas ao longo dos anos de amizade, desconsiderando a existência de proximidade física entre os amigos como critério para suas amizades, já que “[...] você não vai conviver com aquela pessoa, entendeu?! Não é aquele amigo que chega na sua casa todo dia, não, entendeu?!”.

A participante destaca ainda que prefere não estar continuamente na companhia de suas amigas para que não haja desgaste na relação, uma vez que considera a individualidade fundamental para a manutenção de qualquer relacionamento. Dito de outro modo, não considera imprescindível que os amigos visitem-se cotidianamente para que o laço afetivo seja mantido, visto que a livre escolha própria à amizade necessita de espaço para que os envolvidos transitem. Dessa maneira, Tacita descreve que: “[...] o pouco tempo que a gente se encontra, tem muita coisa pra falar”.

Além da facilitação advinda com a brincadeira que experimentou em ambiente escolar, Stafilos valoriza a manutenção das amizades, destacando a necessidade de nutrir o relacionamento para que este se mantenha com qualidade para os parceiros, apesar de reafirmar que não precisa manter contato constantemente com as pessoas consideradas amigas.

A maturidade conquistada ao longo dos anos é apontada por Tacita como facilitadora da construção e seguinte manutenção das amizades, uma vez que aprendem que não é necessário estar constantemente ao lado do outro para que essa relação perdure.

Segundo Ícaro, a distância é capaz de alterar o relacionamento, se não houver mais a troca de informações e de experiências e sensações com a outra parte. Evidencia-se que o participante não confere à distância física motivação única para desestabilizar o relacionamento, e sim ao afastamento de interesses. Assim como os outros participantes, ele não considera regra que os amigos se obriguem a atividades mútuas, já que a liberdade é peculiar a esse tipo de relacionamento, embora defenda a existência de afinidades para que a relação seja mantida.

Dessa maneira, não houve prosseguimento nas amizades que mantinha na Grécia quando residia lá, já que as ideias, isto é, as semelhanças entre eles não foram mantidas. Da mesma forma que dito pelos demais participantes, Eurídice defende que os amigos não precisam se encontrar com muita frequência, ao contrário do que ocorria quando era criança na Grécia. Define que suas amizades “fazem parte não no dia a dia, mas de um relacionamento”. Duas de suas amigas são da época de faculdade; os encontros acontecem de tempos em tempos, e costumam manter diálogo durante o mês.

Como todos os gregos entrevistados, Kairos acredita que amizades não precisam ser nutridas diariamente e não fez distinção de nacionalidade ao longo de sua vida. Para ele, vale o sentimento e a atitude da pessoa para fazer uma amizade perdurar por anos a fio. Sustentar a relação, então, é deixar que ela

aconteça naturalmente, sem imposições e cobranças, segundo ele, permitindo que a rotina diária traga os amigos ou prolongue o encontro entre eles. No entanto, ele aprendeu que os amigos não podem ficar no esquecimento total, pois isso pode provocar o fim da amizade. Para tanto, costuma recorrer ao telefone para contatar seu círculo de amizade. Apesar de atividades profissionais e pessoais distintas no cotidiano, as semelhanças devem existir, conforme Kairos, para que a amizade faça sentido.

Partilhar sentimentos e momentos difíceis e também os agradáveis são motivadores para a continuidade da relação, embora Tacita defenda que não é imperativo que existam interações constantes entre os amigos. Ao contrário de outros participantes, Tacita diferencia amigas e colegas. Para ela, existem aquelas amigas que são próximas, que adentram sua intimidade, que compartilham sua vida de modo mais familiar e com as quais se sente mais à vontade – as chamadas ‘melhores amigas’ na visão brasileira sobre o tema –, e aquelas que somente realizam atividades com ela, com quem se comunica por telefone, mas que não dividem intimidades fora daquele lugar em comum.

Athamas destaca a proximidade física e/ou emocional como reafirmadora da manutenção de seus relacionamentos, embora também não considere necessário que os envolvidos no relacionamento visitem-se com frequência ou tenham regras formalmente estabelecidas a serem executadas, apesar de que “quando você tem uma pessoa muito querida, você quer junto de você... (*pausa por choro*)”. Ao relatar tal questão, exemplifica através de uma situação vivenciada com um amigo-vizinho que mudou-se de residência:

tenho carinho muito grande (*por ele*) até hoje. Nós tivemos contato algum tempo depois que ele mudou do prédio, que eu mudei... Mas, aos poucos, foi acabando esse vínculo de amizade. Não é o vínculo de

amizade, mas aproximação. Se acabar aproximação, é lógico que o vínculo de amizade vai ficando. Sentava, conversava, tinha aquela amizade. Mas ele não consegue se deslocar pra ter aquela,... aquela amizade, porque é como falei pra você. Às vezes você precisa... precisa, além da casa, um pouquinho mais, tipo fazer uma sociedade, você fazer um passeio... Essas pessoas realmente continuam meus amigos até hoje, mas na mesma frequência que tem aquelas pessoas que falei com você, estão junto aonde você for.

Não ter nascido no Brasil e ter experimentado o acolhimento dos brasileiros despertaram em Kairos admiração pelos brasileiros e ensinaram-no a valorizar pessoas de outra nação. Percebeu que “não tinha mais amigos na Grécia, tomei susto... eu tinha meus amigos, eles não me tinham mais. Distância? Não, acho que não”. Logo, não atribui à distância o término de suas amizades gregas. Acredita que a falta de interação facilitou a deterioração das mesmas, ao passo em que considera amigos mais próximos aqueles que frequentam sua casa – ainda que esporadicamente –, pois significa que sua família os acolheu e os elegeu como amigos, sendo também escolhidos. De forma geral, todos os participantes declaram que é preciso ser adotado pela outra parte para que a relação de amizade de fato aconteça.

De maneira análoga aos demais entrevistados, Ícaro acredita que amigos não precisam visitar-se constantemente para que a amizade seja mantida. Declara ter ciência acerca da necessidade de interações para que os relacionamentos sejam mantidos, porém, como verificado nesta pesquisa, culturalmente os gregos portam-se dessa forma.

Em contrapartida, Tacita não mantém contatos diretos com seus amigos, embora considere que “[...] aqui dentro (*coloca a mão no peito*), é tão amiga quanto as outras”. Percebe-se, então, que a não ocorrência de encontros frequentes com os amigos não configuram fator para que a amizade se finde. É

certo que construiu amigos nos últimos anos. No entanto, afirma que seus grandes relacionamentos de amizade perduram há pelo menos trinta e cinco anos.

Vanília demonstra grande satisfação ao contar sobre suas amizades brasileiras, mantidas até os dias de hoje. Inicialmente, afirma não haver necessidade dos amigos se frequentarem ou se visitarem; para ela, amigos são pessoas com as quais você pode contar, não precisando encontrá-los rotineiramente. Assim, afirma que “não vejo muito, não, mas amigo não precisa se ver todo dia, né, precisa saber que é amigo”. Declara ter vários amigos aqui, sendo amizades antigas e sinceras, embora não haja constância nos encontros. Para Vanília e outros participantes, a proximidade física não é necessária para a existência de suas amizades. Acerca dessa temática, a proximidade física não é considerada indispensável para a existência e manutenção de uma amizade.

Tacita acredita que a distância contribui para que o contato seja reduzido entre as pessoas, embora não seja determinante para o término da relação, como defendido pela maior parte dos participantes desse estudo. Sob esse aspecto, tem-se que mantêm amigas na Grécia, e que os encontros são regados de muita saudade e muita conversa. De acordo com ela, suas amigas mais próximas em sua terra natal, sempre compreenderam sua opção pelo Brasil, não alterando o curso da amizade existente entre elas.

3. APOIO

Vários são os episódios de apoio, também associados à percepção de receptividade do povo brasileiro. Kairos aproxima seu conceito particular de amizade ao de auxiliar o outro quando necessário, ainda que não mantenha demais interações com o mesmo. Apesar de manter um círculo mais restrito de pessoas que são mais próximas a sua família, utiliza o termo amizade para todos os seus conhecidos e para aqueles que o ajudaram ou necessitaram de seu auxílio em algum momento. Seu discurso a seguir exemplifica sua concepção geral sobre a temática desenvolvida:

não era muito amigo, mas era conhecido. Ilias o nome dele. Era armador, que é comandante também. Falei que *é assim que tá acontecendo*, e ele disse “e agora?”. Falei “vou tentar de novo pra ver se eu consigo o visto”. Ele disse: “não tem problema, não. Cônsul lá do Brasil é amigo meu; vou ligar logo agora. Você chega lá amanhã; ele vai te dar tudo que você precisa. Eu vou explicar para ele: você não é nenhum criminoso; você gostou do Brasil, quer ir. Vai lá que ele vai te dar. Ele é amigo meu.” Dinheiro eu tinha, gostava do país, tudo bem. No dia seguinte consegui o visto.

De maneira semelhante, a verdadeira amizade para Athamas se configura através dos auxílios trocados entre os envolvidos. Desse modo, concebe que “[...] muitas vezes falam assim, que um amigo quando está do seu lado, fala só palavras bonitas, mas palavras bonitas não resolvem nada. Tem que botar a mão no bolso mesmo para ajudar”. Recém-chegado ao Brasil pela segunda vez, um amigo brasileiro tornou-se fundamental para sua decisão em permanecer no país, oferecendo-lhe dinheiro para investir em suas próprias atividades.

Nesse sentido, conforme Tacita, “[...] não precisa estar ali, apoiando 24 horas. Basta uma palavra, uma frase. Bom, amizade é tudo pra mim. Muitas vezes, se você tiver um bom amigo, ou amiga, é melhor que um parente. Então,

amizade pra mim é tudo. Amizade boa, repito”. Percebe-se o receio criado na entrevistada a partir da experiência desagradável de conflito em uma amizade, da qual saiu magoada e sofrida.

De todo modo, Athamas descreve amigos (*enfatizando a palavra ‘amigos’*) como aquelas pessoas com as quais “[...] você pode contar nas horas difíceis. Melhores amigos... não passam de três. Um é grego, dois brasileiros. Mas posso contar. Eu tenho outros também amigos, mas tô falando amigos que você pode bater na porta que... tem”. Essas amizades são designadas por ele como ‘amizades caseiras’. Faz questão de apontar que o grupo dos demais amigos é muito grande, e todos desejam conhecer a Grécia, o que é motivo de orgulho para ele.

Amigos são concebidos por Athamas, de forma geral, como pessoas que compartilham momentos diversificados uns com os outros, sendo “amigo quando você precisa”. Por essa concepção, Athamas sente-se felizardo, já que pôde contar com os amigos nos momentos em que mais necessitou de auxílio. Receber apoio de outrem é, para o participante em questão, fundamental e indispensável para nomear determinado relacionamento como relação de amizade.

Através de suas amizades, Anteros apreendeu o que se tornou, para ele, o resumo do que é tal relacionamento: “ter amigo ajuda muito”. Ter optado por habitar em outro país que não o seu de origem, sentir-se acolhido nessa nação, ser respeitado e bem visto apesar de ser estrangeiro, fez com que Anteros desenvolvesse a ideia de que os amigos contribuem para o crescimento pessoal e profissional do outro.

Desse modo, nota-se que o apoio oferecido pelos amigos é concebido por Minos como base para a formação e seguinte continuidade dos relacionamentos, demonstrando que sua adaptação ao Brasil ocorreu com maior facilidade a partir das amizades que construiu neste país. Soma-se a isso, considerar a existência de proximidade entre os costumes brasileiros e gregos, e a hospitalidade e receptividade presente nos dois povos. Sua experiência com as amizades o ensinou a ficar atento caso algum amigo se afaste, de maneira que Minos costuma propor encontro entre seu grupo para “[...] não perder a amizade”, bem valioso para ele. Ainda sob esse aspecto, o participante declara envolver-se verdadeiramente nas relações, visto que considera ser uma pessoa que faz poucos amigos, mas que estes o são para sempre.

Por outro lado, conforme Athamas e Kairos, receber apoio financeiro de uma pessoa faz com que essa se torne um amigo especial, embora não exista interesse na relação, segundo os participantes que abordaram a temática. A confiança demonstrada em situações desse porte selam o vínculo entre eles, visto que atua como segurança e comprometimento necessários para que se permita estabelecer uma relação mais íntima, já que não é característica do povo grego permitir que pessoas adentrem seu círculo de convívio social. Kairos exemplifica esse sentimento de ser acolhido a partir da confiança depositada por um amigo em si, através do acontecimento que se segue:

você empresta dinheiro pra amigo, amigo te empresta também. *Tava* devendo ainda um tanto desse navio... ainda aconteceu esse acidente... Meu amigo falou: “deixa esse seguro para lá; eu vou consertar seu navio”. Meu companheiro: “cê vai me pagar de qualquer maneira, quando der”. [...] Então, esse amigo meu, eu chamo de amigo, amigo meu: “o quê que está chateando você?”. Falei isso, isso, isso. “Liga pra eles, manda pra *p... q... p...* e fala que vou transferir isso agora; vou transferir um milhão e quatrocentos pra sua conta pra você resolver isso agora”. Falei: “sim, senhor”. “Diga a eles que você vai *pagar eles*. Vou dar ordem para transferir agora um milhão e quatrocentos pra você”. [...]

Então fiquei devendo um milhão e quatrocentos, e só *paguei ele* depois que eu vendi o navio. Sem assinatura nenhuma! Eu fiquei espantado... Eu fiquei espantado...

O participante declara que compartilhar situações com os amigos reforça a relação, gerando confiança e segurança para os envolvidos, de maneira que “hoje, você conhece quem *tá* do seu lado, é no momento difícil. Quando *tá* tudo indo muito bem, às vezes você não consegue saber com quem você *tá*”. Muitas vezes, as circunstâncias são efeitos e resultados de uma amizade.

O isolamento social do migrante é reduzido através da integração dos parceiros. Nesse contexto, Athamas denota que

[...] eu tenho uma pessoa brasileira que... eu devo muito. Ele foi pai pra mim. Todos os momentos estava ao meu lado. Sempre que eu pedia ajuda, ele me apoiou... é... não só no passado, como no presente. E agora, até nesse momento, tanto eu ajudei ele, como ele me ajudou.

Nota-se que o auxílio financeiro é destacado por Athamas e Kairos como fator preponderante para considerar outrem como amigo. Desse modo, ter a certeza do apoio de alguém, embora não existam encontros constantes, é suficiente, conforme ambos, para caracterizar uma relação de amizade. Destarte, ter encontrado apoio instrumental e emocional em brasileiros contribuiu diretamente para que Athamas se empenhasse na edificação de sua vida particular e profissional no Brasil. Por conseguinte,

certamente no que tange ao somatório de suporte que uma pessoa necessita e recebe, é natural distinguir entre os receptores potenciais e aqueles que provêm o suporte, visto que sentem-se responsáveis uns pelos outros, oferecendo seu melhor para suprir tais carências (Hinde, 1997, p. 142).

Os valores aprendidos por Minos no que diz respeito às amizades construídas como estrangeiro em um novo país foram transmitidos por ele aos

seus filhos, já que considera que “[...] o conhecimento e a amizade são o valor que vão te sustentar”. O participante exemplifica o que considera como prova de amizade da seguinte maneira:

há um tempo atrás, faz uns 2, 3 anos, eu estava indo pra Vitória, e tinha batida policial. Olhei no ‘porta-luva’ do carro, e meus documentos não tava lá. Aí, policial me parou, falei “ó, tá tá tá tá”. Falei “quem tá comandando isso aí?” “Ah, o tenente não sei o quê”. Cheguei perto do tenente, falei “tenente tô sem documentos”. O tenente bateu continência pra mim. O soldado tomou um susto, eu também. Ele pra mim: “não tá me reconhecendo?” “Eu te conheço. Eu trabalhei com o senhor em 1969 a 73” (*se emocionou*) “Eu trabalhei com você e... perto do Natal... eu tinha só um pouco dentro de casa, eu precisava dar alguma coisa pra minha família, o senhor me emprestou um vale não sei de quanto”, valia uma vez e meia o salário dele, vamos dizer assim, pra descontar não sei em quantos pagamentos. Então ele é um que nunca esqueceu. Então... *Risos* Os documentos eu vou levar depois. Ele falou: “o senhor só quis me fazer bem. E em uma pessoa, isso é muito difícil”. Dali eu fui me aposentar. É tanta coisa que vou lembrando. Aí chegou a responsável pelo setor. Aí me conheceu e falou: “eu trabalhei com o senhor tantos e tantos anos, e teve um problema com enchente que o senhor me ajudou. Mandou levar as coisas no caminhão da empresa, arrumar, e não sei o quê. Então eu vou resolver isso *pro* senhor”. É fazer o bem pessoal. Olha, pode passar 20, 30 anos, e a pessoa nunca esquece. E eu tenho *pra* contar pra você, *n* casos como esses.

Tacita apresentava facilidade com o idioma e o exercício diário da comunicação no comércio fez com que agilizasse sua aprendizagem. Soma-se a isso o auxílio das amigas e das vendedoras da própria loja, como visto anteriormente. Em alguns momentos, essas colegas impediram que Tacita fosse alvo de brincadeiras pelo sotaque e por não dominar o idioma português na época. Para ela, foram provas de amizade que ela não esquece. As amizades estabelecidas aqui forneceram suporte para Tacita.

4. RECIPROCIDADE

A reciprocidade foi outra propriedade identificada nas amizades. Para Ícaro, “os guerreiros têm que ter colegas, porque têm objetivo comum. E amizade se escolhe”. De maneira análoga, aponta que “[...] a reciprocidade na amizade é a coisa mais bela que tem... porque supera tudo”. Não obstante, a amizade não é um relacionamento constituído por mera benevolência; existe a necessidade da reciprocidade para que possa existir. Então, um dos aspectos qualitativos prezados em uma amizade, segundo Ícaro, é que

amizade é recíproca. Deve ser recíproca. Você pode ser amigo de uma pessoa que pode até ser seu inimigo, ele para você, mas você continua sendo amigo. É uma química, como se falam... Alguma coisa mais psíquica do que somática. Como funciona, não sei. Ninguém descobriu. Falam de alma gêmea [...], falam que um complementa o outro... É muita literatura, mas como funciona mesmo, não sei. Mas é uma coisa muito sutil. Porque amizade não é... não é paixão, não é compaixão, não é nada disso. É uma coisa que ninguém descobriu até hoje. Porque foge da nossa lógica.

Sob essa ótica, a comunicação na relação de amizade proporciona satisfação e aproxima os envolvidos, segundo Ícaro, ao passo em que nutre a convivência e instaura as possibilidades de trocas de experiências e informações. No mesmo sentido, acredita que deve haver reciprocidade entre amigos para que o relacionamento seja mantido, e as trocas entre eles atuem como reforçadoras da relação. Todavia, destaca que nem todas as pessoas sabem conviver harmonicamente, gerando conflitos e submissões na relação. Para ele, significa que “criou-se tanta interdependência do outro que a palavra reciprocidade não funciona...”. Assim, conforme Stafilos,

tem que ouvir e ser ouvido. Daí pra frente, a continuidade depende de você mesmo. Depende de você aceitar e ser aceito. Porque, se você não é aceito, o quê que você vai fazer naquele meio? Se eu chego num

barzinho e vejo flamenguista fanático, pra quê que eu vou dizer que sou vascaíno? Pra arrumar confusão? Então tem que respeitar o meio ali. Agora, não sei se eles *tão* preparados pra aceitar o meio aqui. Então, eu acho que a pessoa tem que *tá* aberta aqui. É ouvir e ser ouvido. Porque se você também na hora que é ouvido você não é aceito, então você tem que sair fora disso. Então eu acho assim.

Nota-se, então, que o respeito mútuo é condição *sine qua non* para a existência do relacionamento, na opinião do participante. A individualidade surge como o fator diferencial na qualidade e na duração do mesmo, ao passo que, se as diferenças – sejam elas culturais, econômicas ou sociais – forem respeitadas, a probabilidade do sucesso será muito maior.

Tacita sente-se mais madura nas amizades atualmente, em virtude das experiências pessoais e também das mútuas trocas afetivas e cognitivas. Já Athamas concebe a amizade como um relacionamento restrito e não aberto a ser construído com quaisquer indivíduos. Ele avalia características como grau de confiabilidade e mutualidade e afirma tê-las encontrado em alguns brasileiros, que considera grandes amigos.

Sentir-se acolhido pelo outro e reconhecer nele veracidade sobre seu sentimento são características que Ícaro aprendeu a identificar o quanto antes nos possíveis amigos, a fim de evitar frustrações e decepções. Para ele, as atividades realizadas pelos amigos são consequências das boas interações que possuem, e a mutualidade é fundamental, já que não há relacionamento unilateral.

Ao lado da reciprocidade, havia cumplicidade entre Anteros e seus amigos, o que é apontado por ele como fator preponderante para essas mesmas amizades perdurarem até os dias de hoje, com a mesma intensidade de outrora,

ainda que mantidas por telefone atualmente, em virtude de seus problemas de saúde. Saber que seus amigos buscam informações sobre si, o emociona.

5. CONFLITO

O conflito é uma propriedade dos relacionamentos em geral e também faz parte das relações de amizade. Apesar de ser comum nas amizades, poucos foram os episódios de conflito recordados. Tacita optou por não descrever episódios conflituosos em uma determinada situação. Um dos motivadores de conflito destacados pela participante foram as divergências culturais entre ela e sua amiga, divergências essas que não foram sanadas, direcionando a relação para seu término. A liberdade existente para escolher alguém para se relacionar é a característica mais observada pela participante para iniciar uma amizade, visando identificar no outro características que vêm ao encontro das que deseja, a fim de reduzir as ocorrências de conflitos.

De sua parte, Stafilos afirma que, ao notar-se incomodado com determinado comportamento repetidamente desagradável emitido por algum de seus conhecidos – como implicâncias com seu jeito de falar –, não recorre à ignorância, mas ao bom senso para solucionar. É ciente de que existem diferenças culturais e comportamentais entre os seres humanos, destacando que existem aqueles que gostam de obter benefícios particulares através dos outros, o que ocorre também nas amizades.

Contudo, Tacita escolhe “[...] a dedo as amizades. Você vai observando. A própria vida te ensina quem é seu amigo”, por ter vivenciado conflito intenso em uma de suas amizades, valorizando significativamente o relacionamento interpessoal de amizade e transmitindo a seus filhos os valores que vê nessas relações. Porém, ela não gosta de falar sobre tal episódio. Aponta que divergências culturais e pessoais contribuíram para que vivenciasse conflito em uma amizade, que preferiu não comentar tendo em vista que lembranças desagradáveis acompanham esse assunto, na visão dela.

Para ela, todo e qualquer relacionamento é passível de conflito, ainda que a desobrigação própria das relações de amizade reduz a possibilidade de divergências. Como é peculiar aos gregos falar alto e gesticular intensamente, é provável que simples conversas sejam consideradas grandes embates. A participante admite que discussões sérias surgem dessas conversas:

aonde não tem conflito? E principalmente na comunidade: todos juntos, ao mesmo tempo. E grego, você já viu lá na comunidade, um monte de grego falando grego, vai dizer logo: “tão brigando”. Não estão brigando. Grego fala alto e faz muito gesto, então... Entra em conflito, vão dois, conversam, chama os outros, e daqui a pouco tá tudo bem outra vez.

Apesar de conflitos serem comuns nos relacionamentos de amizade, poucas vezes foram comentados.

6. DISCUSSÃO

As dimensões da amizade que foram identificadas já foram objeto de investigações anteriores, ainda que não de forma similar, e estão presentes na

obra de Hinde (1997). As dimensões identificadas foram: similaridades e diferenças, proximidade e distância, apoio, reciprocidade e conflito.

Hinde (1997) inclui similaridade e diferença como parte do estudo sobre relações interpessoais. Similaridades e diferenças também fazem parte do estudo de amizades, desde a infância até a terceira idade. Conforme indicado na literatura, a similaridade observada pode se referir a aspectos subjetivos das pessoas ou suas atividades. Uma dimensão menos presente na literatura e que se mostrou foi a similaridade cultural, por vezes citada. De forma geral, há pontos de similaridade e de diferenças nas amizades de brasileiros e gregos.

Alguns estudos (Krappmann, 1996; Garcia, 2005a) argumentam que pessoas tendem a se tornarem amigas de outras do mesmo sexo, idade, etnia, entre outros pontos. Não obstante, conforme Garcia e Miranda (no prelo),

enquanto a similaridade tem sido apontada como uma pré-condição importante na base das amizades (em idade, gênero, etnia, interesses e até mesmo agressividade), as amizades interculturais, interétnicas, interracialis e internacionais transpõem diferenças importantes.

A similaridade é um dos pontos comumente investigados nas amizades, especialmente a similaridade entre as pessoas, seja em termos de subjetividade ou atividade. O contexto da presente investigação indicou que a similaridade se amplia para a esfera cultural, podendo haver diferentes concepções de amizade, assim como similaridades e diferenças de idioma, atividades, hábitos e costumes.

Apesar de Hinde (1997) não incluir proximidade e distância física, estas são investigadas. Proximidade e distância foram considerados fatores não determinantes para a sobrevivência de uma amizade, podendo-se inferir a existência de relação entre a condição de migrante e a manutenção de relacionamentos. Hinde (1997, p. 478) destaca que “a estabilidade em um

relacionamento ocorre através da consistência, da constância no conteúdo e na continuidade através do bom senso para manter a associação”. Ressalta-se, contudo, que relacionamentos estão continuamente em mudanças.

Proximidade física relaciona-se diretamente com a frequência de interações. De modo geral, o que se apresenta é que amizades não dependem da proximidade ou da constância das interações. Embora alguns autores (Adams, Blieszner, 1994; Floyd & Parks, 1995; Auhagen, 1996; Hinde, 1997; Carter & Feld, 1998; Fehr, 1999) defendam a não obrigatoriedade da proximidade física para que amizades se mantenham, para os participantes é preciso manter contiguidade com seus amigos. Bauman (2001, p. 131) descreve que “a relação entre tempo e espaço deveria ser de agora em diante processual, mutável e dinâmica, não predeterminada e estagnada”, além das adversidades da vida moderna.

Inúmeros são os episódios de apoio, também associados à percepção de receptividade do povo brasileiro. Segundo Hinde (1997), o apoio social é uma das dimensões que descrevem os relacionamentos e sua dinâmica, caracterizando-se por aspectos como companheirismo e cooperação, sendo fundamental aos estrangeiros recém-chegados ao Brasil por fornecer-lhes suporte emocional, material e de informações. Nesse sentido, divide-se em apoio emocional, apoio instrumental e apoio informativo.

A reciprocidade é outra propriedade dos relacionamentos, de acordo com Hinde (1997). Acerca da mutualidade encontrada nas relações interpessoais, tem-se que “amizades não podem ser iniciadas e nem sustentadas por uma pessoa” (Auhagen, 1996). Acrescenta-se que constitui característica claramente

apresentada como necessária nos relacionamentos. Para Auhagen (1996), a existência de uma amizade está baseada na mutualidade ou reciprocidade.

O conflito é uma propriedade dos relacionamentos em geral e também faz parte das relações de amizade (Hinde, 1997). Normalmente, “conflitos nos relacionamentos podem resultar em mudanças no comportamento, na auto-percepção, ou na percepção do parceiro, causando consequências” (Hinde, 1997, p. 284). Destaca-se que “[...] conflitos podem ser a força central no desenvolvimento da mudança no relacionamento, podendo ser para melhor, ou não” (Hinde, 1997, p. 154). Apesar de conflitos serem comuns nos relacionamentos de amizade, poucas vezes foram comentados pelos participantes.

Em suma, as dimensões presentes nos relatos se referem a dimensões da amizade de modo geral, apesar de alguns pontos poderem ser mais evidentes nas amizades em um contexto de migração internacional.

VI. AMIZADE E CONTEXTO SOCIAL

Este capítulo reúne aspectos externos das amizades e sua ligação percebida pelos participantes com o contexto social ou ambiente sociocultural mais amplo. A partir da análise dos dados, o capítulo se organiza em seis tópicos: receptividade e rejeição; adoção e adaptação; conexão e desconexão; amizade e comunidade no exterior; e, amizade e contexto social: amizade e democracia, e amizade, família, trabalho e escola.

1. RECEPTIVIDADE E REJEIÇÃO

A receptividade é um conceito que indica a abertura e a disponibilidade do país (economia, política) e do povo local – nesse estudo, o povo brasileiro – em relação a receber pessoas de diferentes origens e, no que tange às pessoas, estabelecer laços de amizade com pessoas de outros países – no caso, gregos – em seu território. A não-receptividade ou rejeição, indica a não aceitação em seu meio social. Claramente as entrevistas se referem amplamente à receptividade do Brasil e dos brasileiros, sendo raros e ambíguos os episódios de rejeição, preconceito ou discriminação. Por discriminação, nesses episódios, compreende-se que o incômodo foi temporário e rapidamente resolvido, não constituindo de fato, atos preconceituosos ou conflitantes.

1.1 Receptividade Geral e Social

Um tema recorrente nas entrevistas diz respeito ao acolhimento ou receptividade do povo brasileiro em relação aos imigrantes. O conceito de receptividade é proposto como um processo de conexão entre pessoas de diferentes países que serve de base para o estabelecimento de relações de amizade. A receptividade está associada à xenofilia. Este traço peculiar do povo brasileiro em receber afavelmente os estrangeiros tem sido discutido por antropólogos brasileiros.

Stafilos estabelece semelhanças e diferenças entre gregos e brasileiros, concluindo que os dois povos possuem muito mais afinidades do que discordâncias. Para ele, a hospitalidade de ambas as nações merece destaque, embora ambas mantenham suas peculiaridades culturais. O futebol e o samba brasileiros o encantaram desde os primórdios em terras nacionais, fazendo com que aprendesse tais atividades e as reproduzisse sempre que era possível. Em contrapartida, as atitudes de um povo frente aos imigrantes podem variar intensamente em nível mundial, o que faz com os entrevistados destaquem de maneira unânime a receptividade brasileira com quaisquer estrangeiros, de modo geral.

Vanília também se sentiu acolhida ao chegar ao país, embora em condições diferentes das de Ábaris e mais próximas às de Athamas. Suas primeiras amizades foram com amigos dos familiares de seu marido e com brasileiros que os recebiam sem conhecê-los. No entanto, Vanília fez questão de tecer sua própria rede pessoal de amizade, que foi ampliada na época em que

seus filhos frequentaram a escola e ainda perduram. Brasileiros e gregos que fazem parte de seu círculo de amizade costumam se encontrar na Comunidade Helênica, que ela ajudou a estabelecer em Vitória, gerando integração entre brasileiros e gregos.

Eurídice conheceu o Brasil através de seus pais, que residiram aqui por alguns anos, retornaram à Grécia e optaram em morar definitivamente no Brasil, somente retornando à pátria mãe para visitação. Assim, pôde verificar por si mesma o que cresceu escutando: que o brasileiro   receptivo e amável. Ser estrangeira no país não lhe causou qualquer transtorno, fato que não vivenciou em outros países em que morou ou apenas visitou. Afirma que não há diferencia o no tratamento dispensado pelos brasileiros aos migrantes de hoje ou de outrora, como seu caso. Declara que “o grego   desconfiado. O brasileiro não   desconfiado”, apontando que o grego   hospitaleiro, porém, não costuma permitir maiores intimidades nem mesmo com amigos.

A adapta o de Eurídice foi intermediada pelas amizades estabelecidas aqui, ainda mais quando comparava sua estadia no Brasil com a situa o migratória de algumas amigas que foram residir na Grécia. Por suas rela oes amigáveis no Brasil sente-se, atualmente,   vontade no país, e não anseia em retornar   Grécia a não ser nas férias. Para ela,

foi fácil aqui no Brasil, porque fui muito bem recebida desde o início, então fiquei mais à vontade. Hoje tenho mais amigos brasileiros que gregos, e vejo diferença em como me relaciono. Brasileiro não liga para sangue. É amigo e pronto, n ?! Ser amigo de um amigo seu abre espaço, mas não   regra.

A rede de amizades de Minos com brasileiros tem se perpetuado ao longo dessas décadas de sua moradia no país, sempre com bom humor e

receptividade, embora ele não goste de expor sua intimidade. O navio em que estava aportou no Rio de Janeiro antes do dia combinado e, apesar de um conterrâneo tê-lo abordado, esperou seu pai em hospedaria brasileira. Embora exista grande orgulho por ser grega, também aparente em outros participantes que demonstram grande satisfação por serem nascidos no berço da civilização ocidental, existe reconhecimento pelo apoio recebido por nativos daqui. Concebe-se que esse apoio se refere ao auxílio recebido de um amigo, em termos materiais, instrumentais, emocionais e informacionais.

Como retribuição ao carinho recebido pelos amigos e conhecidos brasileiros, coloca-se à disposição de escolas e faculdades para ministrar palestras sobre seu país de nascimento, além de enfatizar a integração entre gregos e brasileiros propiciada pela Comunidade Helênica. Assim, “a gente já fala quase todo o português, então a gente fala lá. Leva material em grego e mostra, explica. As pessoas gostam de visitar a gente. E a gente também, porque é pra sentir e viver um pouquinho em grego”.

Não houve qualquer dificuldade para Vanília relacionar-se com os brasileiros, criando suas amizades a partir de pequenas e reiteradas interações. O respeito percebido nos diferentes locais que frequentava lhe forneceu maior tranquilidade e conforto diante da nova cultura que aprendia. O conhecimento do idioma é apontado por ela como grande facilitador de suas interações iniciais, aliada à receptividade obtida.

Anteros declara que possui amigos verdadeiros no Brasil, amigos que se importam com sua saúde, que querem encontrá-lo, e com quem se sente bem. Ter sido bem recebido faz com que ele acredite que apenas retribuiu o afeto que

encontrou nos brasileiros, construindo amizades em que há aprendizagem ao longo da vida. A receptividade observada ao desembarcar no Brasil é o que ainda hoje delinea a concepção de Anteros sobre o país e o que colaborou para que se adaptasse rapidamente aos costumes nacionais. As possibilidades profissionais apresentadas pelo Brasil contribuíram para que se sentisse mais à vontade, apesar de ser estrangeiro. Afirma não ter sofrido qualquer preconceito por ser de outro país e também reconhece o costume do brasileiro de oferecer boas oportunidades para o imigrante, de forma que nunca se arrependeu da opção que fez.

De modo semelhante, a receptividade dos brasileiros com a família de Ábaris e com todos os gregos foi tamanha que despertou nos mesmos sentimento de pertença ao país, de modo que “sempre que ele (*o pai de Ábaris*) tinha a oportunidade de manifestar algum tributo, algum agradecimento ao Brasil, ele adorava. Se você chegasse perto e falasse mal do Brasil você *tava* arrumando briga, porque ele era o primeiro a defender”. Reiterando sua relação com o Brasil, Ábaris declara jamais ter sido interrogado no Brasil, país que escolheu para residir.

Ábaris aponta que era tratado como diplomata aqui, enquanto tinha a condição de apátrida na Grécia. Para revogar tal condição em seu país de origem, deveria prestar serviço militar por dois anos. Contudo, como já estava em processo de naturalização, optou em manter-se nessa condição oferecida a ele por sua terra-mãe.

O acolhimento e o encantamento que o Brasil desperta surgem como atrativos para migrantes. A inexistência de guerra contra outras nações transmite

tranquilidade também à Eurídice, embora ela reconheça a violência e os conflitos civis no país. Apesar disso, afirma que as relações de amizades não são afetadas por esses impasses gerados pela criminalidade.

No mesmo sentido, Vanília enaltece as possibilidades fornecidas pelo Brasil e destaca que não sentiu receio em residir aqui, uma vez que se sentiu acolhida desde o início. A família de seu esposo já estava em terras nacionais, o que facilitou sua decisão. Para ela, as aproximações naturais e de comportamento entre gregos e brasileiros facilitaram imensamente sua adaptação. Dessa maneira,

nós falamos que brasileiros parecem com os gregos. Porque aqui, conheceu a pessoa fala “passa lá em casa, aparece lá em casa”. É a mesma coisa da gente. Você conheceu lá o grego, quando você for lá você vai ver, a pessoa te olha nos olhos, “o que você precisa, o que você quer?”. Se pedir uma informação, ele vai te pegar e vai te levar lá. É assim, é muito hospitaleiro o grego, é que nem o brasileiro. O Brasil parece com a Grécia. Até nas casas, nos apartamentos, as casinhas, é tudo parecido. Já nos Estados Unidos é diferente. Brasil não parece com os Estados Unidos. Nem a Grécia parece com os Estados Unidos. E o povo americano também não é ‘grandes coisas’, né?! Você entra lá na alfândega, uma vez eles até chamaram de ‘estúpido’, ‘brasileiro estúpido’ porque tinha errado o horário, entendeu?! Lá também na Europa, Alemanha... Itália não sei, mas é mais caloroso. Mas o grego, não sei, parece brasileiro. Eu falei isso desde os primeiros dias. E as minhas irmãs que vieram falaram que parece mesmo Brasil com Grécia. E um lugar bonito, exótico, natureza linda... Lá é lindo também.

Por inúmeras vezes Athamas declara-se imensamente grato ao país pelo acolhimento oferecido e pela vida proporcionada nos últimos anos, já que conseguiu colocar-se no mercado de trabalho do modo como almejava.

Kairos sente-se grato pelo acolhimento recebido, pois valoriza cada pessoa que conhece, ainda que não se recorde mais dela. Foi considerado apátrida pelo governo de seu país de origem por um período, visto que não serviu ao exército em detrimento de seu trabalho. Anos mais tarde, regularizou sua situação junto

aos devidos setores, para que fosse reconhecido novamente como ‘filho’ da Grécia.

Assim como Kairos, Vanília é uma das precursoras da Comunidade Helênica, visto que ansiava por manter certas tradições gregas a fim de sentir-se mais próxima à sua terra natal. Contudo, foi percebendo que há muitas semelhanças entre as maneiras gregas e as brasileiras, promovendo identificações entre os dois países. Desse modo, evidencia que o Brasil é uma nação acolhedora, em que não há preconceito contra o estrangeiro, mas sim admiração e curiosidade por ele e por seus costumes típicos, além de ser constituído por um povo que auxilia o outro, salvo as exceções.

Stafilos experimentou o Brasil sobre diferentes óticas, desde a adolescência, como a maioria dos participantes e sempre foi bem acolhido. Por alguns anos foi tratado como ‘o grego’, principalmente na época da escola, o que nunca lhe incomodou. Então, não há o que reclamar do Brasil. Inclusive destaca que acredita no Brasil como país ainda em formação de sua identidade – o que o tornará cada vez menos intolerante – e nação economicamente estável dentro de poucos anos, devendo investir em educação para que isso se torne verdade o quanto antes. Nesse sentido, argumenta que

[...] o povo brasileiro, que ainda não é formado. Mas como o Brasil existe essa miscigenação de raças, tá se formando a raça brasileira, que deve demorar de dez a trinta anos pra sair, e essa raça brasileira vai ser sem rancor, sem origens, sem xenofobia... culturalmente mais avançada porque essa mistura vai absorver diversas opções... Valorizo sempre o regionalismo, hein?! Sou a favor de regionalismo. Então, eu acho que a raça brasileira vai ser uma das melhores raças do mundo. [...] No Brasil, diferença não é tão relevante, né?!

As referências brasileiras são as melhores para Eurídice, que possui familiares em outros países, como Austrália, Estados Unidos e Canadá. Antes

mesmo de residir aqui, conhecia as características hospitaleiras e receptivas peculiares aos brasileiros, e também o atributo de valorizar o estrangeiro em detrimento de si mesmo, em muitos casos, o que foi evidenciado por diversos participantes. Declara sempre ter sido muito bem tratada no país e sente-se grata pelo acolhimento recebido e pelas oportunidades reais que lhe foram concedidas, de forma que as características do povo contribuíram imensamente para que formasse laços de amizade e se adaptasse à cultura vigente.

No entanto, Minos admite que os brasileiros lidam bem com qualquer nacionalidade, e não somente a grega. Ainda assim, após todos esses anos de Brasil – veio para cá em 1957 –, prefere acreditar no encantamento que a Grécia produz nos brasileiros, não identificando muito o valor dos brasileiros ao acolher os gregos que vieram para o Brasil em busca de condições melhores de vida.

Na fase escolar, os colegas dos filhos de Vanília frequentavam sua residência e, através desse contato, descobriram que o estrangeiro é uma pessoa comum, não fazendo distinção entre eles e os filhos da participante. Para reduzir ainda mais as possíveis diferenças culturais entre eles e os colegas de suas crianças, ela e o marido empenharam-se em aprender o português para tornar o ambiente ainda mais familiar.

Stafilos sente-se feliz por ter sido bem recebido no Brasil, e por saber que ainda hoje a recepção se faz de maneira gentil. Sua família alcançou o que almejava e o que fez com que saíssem da Grécia: condições melhores de vida. Todos os seus familiares adaptaram-se muito bem ao país, contando com o auxílio dos amigos, com exceção de seu pai, que veio primeiro e sozinho, com apenas um conhecido grego, que já estava em terras brasileiras.

A receptividade também se estende a oportunidades. Em sua opinião, não há grego que se queixe do Brasil, já que todos reconhecem que prosperaram graças às características do país. Desse modo, “poucos vão falar mal do Brasil. E eu defendo. Eu compro briga. Então quer dizer que você cospe no prato que comeu? Não pode, não pode”. Por essa relação construída com o país, Stafilos afirma pontualmente que não voltaria a morar na Grécia.

O comportamento e as atitudes dos brasileiros, de modo geral, encantam Ícaro, uma vez que denotam “coleguismo puro. Porque por natureza, o brasileiro não ‘cagoeta’ (delata) o outro. Não ‘sacanea’ o outro na profissão. Por isso que não conseguiram acabar com o Brasil”. A conhecida expressão ‘jeitinho brasileiro’ é considerada por ele como característica que une ao mesmo tempo em que fortalece o país, na medida em que promove maior integração entre os envolvidos. Para ele, “o jeito é diferente, e funciona”, de maneira que o povo brasileiro é considerado pelos estrangeiros como benévolo em sua essência.

Anteros afirma enfática e repetidamente que “fomos bem recebidos, fomos bem recebidos”. Em seu discurso fica clara sua gratidão pelo companheirismo encontrado nos relacionamentos de amizade com brasileiros, e a importância de tais relações para sua compreensão dos costumes e comportamentos aqui encontrados. Por ser um dos primeiros gregos no estado, não foi possível a Anteros contar com a solidariedade de conterrâneos, o que fez com que intensificasse e valorizasse ainda mais suas amizades com brasileiros, que o orientavam também no que tange ao lado profissional.

As primeiras pessoas que ele conheceu quando chegou ao Espírito Santo tornaram-se seus amigos e essas amizades perduraram até os dias de hoje. Ele

chama esses amigos de 'grandes amigos', na tentativa de ressaltar cada um deles para seu estabelecimento e continuidade no país. Assim, "tenho amigos daquele tempo. Tem um amigo que é a primeira pessoa que eu conheci... não sei nem quantos anos, mas muitos anos... que a gente se encontra; é meu amigo ainda. E a primeira pessoa que eu conheci foi ele". Diz ainda que seus amigos também criaram vínculos com sua esposa e seus filhos, tornando-se amigos da família, fato que orgulha Anteros quando rememora sua história de vida.

De modo análogo, a construção de amizades com brasileiros no decorrer do tempo trouxe a Athamas maior tranquilidade e conforto no país escolhido para viver. A escolha dele, a partir de sua história pessoal comentada anteriormente, foi a mesma que fez com que a maioria dos demais entrevistados migrasse: querer oferecer à família boas condições de vida, desejo alcançado no Brasil e que faz com que se sintam imensamente grato ao país pelo que lhe foi oferecido.

O fato da família da esposa já estar estabelecida no Brasil com sua rede de amigos formada, não interferiu na construção das amizades de Athamas. Inicialmente, quando estava estabelecendo-se profissionalmente, enfrentou uma situação financeira difícil e foi auxiliado por um amigo brasileiro. Esse acontecimento despertou em Athamas grande gratidão pelo povo brasileiro, e contribuiu para que não criasse barreiras com o país. Emocionado, declara que "eu... sou muito grato ao Brasil", afirmando que possui três amigos mais próximos, sendo dois gregos e um brasileiro.

Em razão desses fatos, Athamas mostra-se grato ao Brasil pelo acolhimento recebido, pelas possibilidades profissionais oferecidas, e por ter construído sua família em terras nacionais, sem ter tido contravenções ou sofrido

preconceito por parte dos brasileiros natos. Emocionado, tenta verbalizar o sentimento construído pelo país que o acolheu, declarando que sente o “[...] calor dos amigos” aqui. Assim, declara ter

[...] grandes amigos brasileiros, que posso dizer hoje que tenho mais amigos brasileiros que com próprios gregos, que tive a dificuldade. Então, eu só tenho que agradecer, muito obrigado, porque, num momento difícil, o meu apoio, tive mais apoio dos amigos brasileiros que dos amigos gregos.

Na opinião de Eurídice, os laços criados com brasileiros foram pertinentes para sua decisão de permanecer no Brasil e adotá-lo como sua nação. Por ter residido entre a Grécia e o Brasil por alguns anos, considera, dentre outros fatores, que características próprias aos brasileiros como receptividade e acolhimento contribuíram diretamente para optar em residir definitivamente aqui. A influência das amizades brasileiras em sua vida é exemplificada da seguinte maneira: “por isso que eu digo que é muito fácil e muito perigoso pro grego perder as suas raízes aqui, por conta disso. Porque o Brasil acolhe muito bem. O brasileiro acolhe muito bem”.

No que se refere às amizades construídas com brasileiros, destaca a facilidade com que aconteceram e a sinceridade sentida em cada uma delas desde seus primeiros dias. Percebe-se, pois, que tanto Eurídice como os demais participantes dessa pesquisa adotaram costumes brasileiros, embora façam questão de preservar as tradições gregas e disseminá-las entre familiares e amigos.

O acolhimento do brasileiro para com estrangeiros amplia a gratidão que os gregos apresentam em relação ao Brasil, de maneira que a participante afirma que nunca soube de qualquer queixa dos gregos que estão aqui em relação ao

tratamento dispensado pelos brasileiros. Segundo Eurídice, compatriotas que sonhavam retornar para a Grécia de modo vitorioso e fixar moradia lá novamente, perceberam que haveria choque cultural com a cultura grega. Costumes e modos brasileiros tornaram-se inerentes também aos gregos, que compartilham, atualmente, mais características com os brasileiros que com o país de origem.

Sob esse aspecto,

meu pai, ele tem trabalho lá, e tudo mais, que hoje em dia ele não precisaria estar mais aqui, mas ele ama o Brasil. Ele sempre teve vontade de voltar pra Grécia realizado, bem economicamente, aquela coisa toda, né?! Mas quando ele foi morar lá mesmo, ele viu que aquela realidade era um pouco difícil pra ele... Porque o grego é muito mais cabeça dura. É... o grego fala mais alto... O grego ele não é tão dócil, né... O brasileiro, não... O brasileiro tem esse jeitinho brasileiro... Não mandam as coisas, né, mas ele é mais dócil, né?! Ele é mais receptivo...

Stafilos engrandece o povo brasileiro veementemente, ciente das exceções que existem, como em qualquer outro lugar do mundo. Todavia, para Stafilos, a recepção sentida desde 1958 quando aportou no Brasil, fez com que optasse livremente por tornar-se cidadão brasileiro.

No mesmo sentido, Ícaro vivenciou a ditadura militar brasileira e, apesar de lembranças intensas desse período, sempre se sentiu acolhido e bem recebido pelos brasileiros. Conforme ele, “desde que cheguei, tenho amigos aqui. *Me receberam*, ensinaram viver no Brasil. Eu gostei. [...] Por isso foi fácil me adaptar”. Por sua história de vida, Ícaro aventurou-se mundo afora, e encontrou amizades sinceras aqui, ao ponto de optar pelo Brasil como seu país.

As amizades também fortaleceram a decisão de Kairos em residir no Brasil. Ele afirma que não houve dificuldade para se estabelecer no Brasil, visto que foi bem acolhido desde seus anos iniciais. Considera que “[...] não tinha grego diferente de brasileiro. Brasileiro me deu oportunidade aqui. Amigo meu até hoje”.

Ser considerado pelos brasileiros como parceiro e não como invasor trouxe tranqüilidade para Kairos, e faz com que ele, desde então, declare que todo ser humano é semelhante e, portanto, deve ser tratado de maneira similar. Em seu ofício, visa transmitir aos seus funcionários acolhimento semelhante ao recebido dos brasileiros. Assim, acredita que “ninguém é diferente dos gregos”, apesar da importância histórica que atribui aos feitos helênicos.

Reconhece que as amizades construídas nessa época – e que ainda perduram – fizeram com que não se sentisse sozinho e desamparado. Com o passar do tempo, aproximou-se de outros gregos que chegaram em datas próximas, ampliando seu leque de amizades com brasileiros e também com patrícios.

Stafilos afirma que o povo brasileiro é um dos mais hospitaleiros que existe, uma vez que recebe muito não apenas o grego, mas qualquer raça. Alguns de seus amigos são de outra origem, “e... principalmente de origem árabe. Muitas. Aqui você sabe que o Brasil também... o Espírito Santo... colônia libanesa, né, sírio-libanesa... árabes de qualquer maneira”, apesar de não estabelecer com frequência contato com eles. Procura não diferenciar as pessoas, mas não deixa de destacar a importância grega na história do mundo ocidental.

Ainda destaca que sempre foi privilegiado por ser estrangeiro, visto que estabeleceu diversas amizades que se iniciaram exatamente pela curiosidade que despertava nos demais indivíduos. Ele afirma que “sempre me dei muito bem com gente, como se diz, tenho amizades duradouras, muito boas, muito boas. Não tive dificuldade nenhuma”. De fato, tem-se que a cultura brasileira costumava

privilegiar pessoas e artigos importados em detrimento de suas próprias construções (Diegues Júnior, 1980).

Da mesma forma, Vanília enfatiza que foi muito bem recebida pelos capixabas, destacando que “em todos os lugares que a gente ia, a gente era bastante bem recebido. Nunca fomos assim, discriminados, chamados de gregos, olhados de lado... [...] Todos os lugares recebiam a gente, respeitavam a gente. Isso foi muito bom”. Não houve discriminação por parte dos brasileiros, e tampouco empecilhos relacionados ao trabalho deles.

Em relação especificamente à importância das amizades para sua adaptação ao Brasil, Minos diz que “[...] esse carinho é pra nós algo muito importante”. Como morou apenas com seu pai durante determinado período, os amigos da escola fizeram a mediação entre ele e as novidades que se desenrolavam ao seu redor: era um adolescente estrangeiro, que não dominava a linguagem, não conhecia os costumes brasileiros e não estava com os familiares por perto. Embora preserve intensamente as tradições gregas, os amigos do Brasil facilitaram sua compreensão dessa nova fase de sua vida, e lhe ensinaram a ser feliz longe de sua terra. Com o suceder dos anos, Minos apresentou traços gregos aos amigos daquela época, inclusive através de sua residência, com arquitetura e decoração gregas.

Nesse sentido, transcorreu-se um processo de fusão e absorção de elementos, nos quais alguns foram recriados e outros foram reinterpretados como costumes e valores que caracterizam esse quadro de pluralismo racial e cultural de uma nação: o da cultura chamada brasileira.

Sob esse aspecto, Ábaris faz questão de apresentar que sua família, especialmente seu pai, fazia o possível para apontar aos políticos questões que poderiam e precisariam de modificações para que o Brasil se desenvolvesse. Assim, seu pai escreveu e publicou artigos criticando políticos brasileiros em função da visão que tinha sobre a necessidade de maior compromisso com o futuro.

Minos detém uma característica peculiar a alguns gregos mais clássicos: a superioridade histórica da Grécia é trazida constantemente em seu discurso, como visto ao longo deste capítulo, embora ele se preocupe usualmente em não parecer presunçoso. Todos os feitos gregos nas Artes, nas Ciências e afins criaram no povo grego mais antigo o sentimento de relativo domínio cultural sobre outras nações, e isso é presente na locução deste participante. Nesse sentido, faz inversão de valores, e descreve que os brasileiros são amantes dos gregos, os admiram e, portanto, os acolhem muito bem. Nas palavras de Minos,

e... brasileiro tem um amor pra Grécia, que dá para identificar de longe. É porque gosta. Quando você chega em qualquer lugar e fala que é grego, tesouro, diferenciado dos outros. É claro que nós somos todos iguais. Mas, esse carinho é pra nós algo muito importante. E a gente procurar retribuir dessa maneira que eu falei pra você: lá na Comunidade, na Igreja e na Escola, qualquer palestra, qualquer evento quer brasileiro, a gente abre pra brasileiro vir e conhecer a gente. [...] As pessoas gostam de visitar a gente. E a gente também, porque é pra sentir e viver um pouquinho do grego.

A receptividade, portanto, surge como fenômeno de ordem geral (oportunidades) e de ordem relacional (possibilidade de formar amizades). A receptividade está relacionada com a adoção do país como lugar para viver por parte dos estrangeiros, relaciona-se com as amizades estabelecidas e com a adaptação ao novo país.

1.2 Crítica ao País e Não-Receptividade

A percepção de um clima de receptividade tanto em termos estruturais quanto em termos humanos não impede a crítica ao país e estranhamento em termos do comportamento de seu povo.

A falta de empenho e planejamento das instituições públicas com a população, nesse sentido, foi destacada por Ábaris como um déficit ainda não corrigido. Acredita que os países europeus aprenderam a se gerir mediante as guerras ocorridas em seus territórios, e que o Brasil deveria se orgulhar de ser um país relativamente pacífico de guerras.

Ressalta, contudo, que os brasileiros não valorizam a riqueza que possuem. Curiosamente, nesse sentido, Ábaris declara que aprendeu mitologia grega com Monteiro Lobato, pela didática utilizada pelo escritor e a profundidade que atinge em seus escritos, mas que os brasileiros não costumam valorizar seus filhos ilustres.

No que concerne à opinião de imigrantes libaneses e alemães (Merizio, 2008), de modo geral, até o clima do Brasil merece destaque como facilitador dos relacionamentos, na medida em que permite maior integração entre os envolvidos. Em seus países de origem, o frio intenso em algumas épocas do ano interfere nas interações entre as pessoas, reduzindo as possibilidades de novas amizades ou de nutrição das já existentes.

Contudo, apesar de toda sua admiração pelo Brasil, Stafilos concorda com a visão de Ábaris, declarando que não via nos brasileiros até poucos anos atrás reconhecimento das riquezas naturais e culturais que o país oferece, e nem

mesmo valorização dos brasileiros que contribuem para o crescimento do país, como pessoas comuns, artistas e até alguns políticos.

Destarte, “não tinha um patriotismo, fora num jogo do Brasil, uma coisa assim, né, que orgulhava: ‘nosso país, né, a gente tem que dar um jeito’; ‘ah, porque se fosse outro país...’”. Por essa razão, argumenta que “o Brasil até possui uma auto-estima muito pequena, mas aceita muito bem o estrangeiro”, o que facilita a fixação do estrangeiro aqui.

Não houve, no entanto, qualquer dificuldade com a população brasileira em si, e sim com a burocracia que havia naquela época, uma vez que ainda não existia o acordo bilateral que vigora atualmente, através do qual gregos e brasileiros não precisam de visto para visitar-se. Por meio de colegas gregos – a quem ele chama de amigos já que não faz diferenciação – conseguiu autorização como turista.

Athamas, por sua vez, incomodou-se por um tempo com aqueles que usavam sua nacionalidade como chamamento, pois queria ser reconhecido por suas características pessoais e não por sua nacionalidade, mas afirma que sempre esteve rodeado por pessoas hospitaleiras e agradáveis. Resolvido esse conflito, questiona somente a criminalidade presente no cotidiano brasileiro:

[...] aqui no Brasil só temos um problema só, que é a criminalidade. Se no Brasil não tivesse a criminalidade, seria o paraíso, o Brasil seria o paraíso. O que faz a gente ficar naquela preocupação, é a criminalidade. Eu não canso de falar que o Brasil tem que fazer alguma coisa em relação à criminalidade. Fora isso, não tem o que se queixar, nem o povo, nem o clima... Pra mim, particularmente, é tudo nota 10.

Para Minos, a experiência profissional de seu pai na área de construção civil não foi agradável, visto que sofreu ameaças dos colegas de trabalho em virtude de produzir muito mais do que eles, despertando no responsável pela obra

que os outros também seriam capazes de aumentar a produção. Contrariamente a todos os demais participantes, não enfatiza o papel do Brasil, e sim enaltece a Grécia e o companheirismo dos patrícios para o estabelecimento grego no estado. De fato, ajudaram-se no que tange à busca de mercadorias, todavia, é indiscutível o papel do Brasil na receptividade para com eles, e dos brasileiros em favorecer a adaptação dos mesmos.

Para Ábaris, especificamente, o amigo não é somente uma pessoa agradável e interessante, mas sim alguém capaz de causar diferença no cotidiano de outrem. Ele encontrou acolhimento e companhia no povo brasileiro, tecendo relacionamentos de amizade intensos e duradouros.

Os entrevistados expuseram suas concepções e experiências em terras brasileiras, apontando as dificuldades iniciais, as expectativas, as oportunidades, o encantamento experimentado aqui e a gratidão por tamanha receptividade, destacando que as semelhanças culturais são maiores que as legítimas diferenças.

1.3 Rejeição, Preconceito e Discriminação

A atribuição de apelidos parece ser a forma mais clara de discriminação em relação aos entrevistados, ainda que isto também pareça ser algo dúbio.

Em alguns casos, a atribuição de apelidos é claramente algo negativo e discriminatório. Logo, o termo 'gringa' escutado por Tacita em seus primeiros meses no Brasil lhe geraram incômodo e restringiram seus primeiros contatos

aqui. Todavia, ela não atribui aos brasileiros qualquer preconceito, apenas comenta que o termo era comumente utilizado para se referir aos estrangeiros recém-chegados. Reconhece que “como era novinha, adolescente, *vinha* de fora, não conseguia entender, ficava... sentida. Mas, tudo bem, passou”.

Apenas Tacita e Athamas demonstraram incômodo inicial mediante designações nominais referentes às suas nacionalidades utilizadas para com eles.

Ao mesmo tempo em que considera fundamental a existência da intimidade entre os atores em um relacionamento de amizade, Athamas faz questão de apontar que, em sua opinião, deve haver restrições nessa mesma intimidade. Nesse contexto, Athamas cita, por exemplo, que

não gosto de ser chamado é... ‘gregão’, grego... Eu gosto de ser chamado pelo nome. Porque eu me sinto, assim, quando a pessoa chama ‘grego’, é como se fosse uma discriminação. Eu não assimilo muito bem essa... essa colocação. Às vezes, *quando eu perceber* que a pessoa ultrapassa a linha... eu chamo a pessoa em particular, e converso *muito bom*. [...] Eu tenho um nome, se você quiser me chamar pelo nome, tudo bem; se não quiser chamar pelo meu nome, se afasta.

Por vezes, os apelidos parecem ter uma função mais positiva, ainda que discriminatória. Sob a ótica de costumes gregos reavaliados por influência de amigos brasileiros, tem-se o exemplo da relação de Minos com amigos aqui formados, em que houve a ‘alteração’ de seu próprio nome. O participante relata o fato da seguinte maneira:

[...] Meu nome não é Minos. Minos é apelido. Me chamavam de Panayottes lá no serviço. *Serve café tipicamente grego*. Então quando cheguei no Brasil em 57, morava numa pensão lá na Vila Rubim... A dona da pensão... Era muito difícil pra ela falar Panayottes. Aí um dia que eu *tava* falando português, aí ela me chamou no canto pra eu explicar porque Panayottes. Eu falei Panaya é Nossa Senhora. Nossa Senhora em grego é Panaya. E o masculino de Panaya, é Panayottes. Ela disse: “se Nossa Senhora é Maria, você é Minos”. Entendeu? Nenhum outro grego me chamaria de Minos. Ficou por isso mesmo.

2. ADOÇÃO E ADAPTAÇÃO

A partir dos dados, dois processos são propostos para explicar as relações entre amizade e contexto social: adoção e adaptação. Enquanto a receptividade indica o potencial de aceitação de um elemento estrangeiro, a adoção representaria a contrapartida do indivíduo no sentido de adotar outro país e seu povo como seu, sem negar suas origens. Receptividade e adoção são vistos como processos dialéticos, pois se influenciam mutuamente. Receptividade e adoção são mais profundos que tolerância e aceitação.

2.1 Adoção

Em muitos momentos, os participantes indicam sua opção em viver no Brasil entre brasileiros. Os fenômenos denominados de receptividade e adoção são centrais para compreender as relações de amizade estabelecidas em um novo país.

Ter sido considerado apátrida foi um marco na vida de Ábaris, na medida em que contribuiu para afastá-lo um pouco mais de sua terra natal, fazendo-o valorizar o Brasil, que o acolheu sem questionar sua condição pessoal. Para ele, algumas concepções ainda defendidas pelo governo grego são arcaicas e não contribuem para a renovação do país.

Fato é que nenhuma crítica é feita diretamente por Ábaris ao Brasil. Ele recorre aos apontamentos que seu pai – de quem é grande admirador – tecia, e

que dizem respeito à nulidade a que o povo brasileiro normalmente se submete no que tange ao desenvolvimento do país. Apesar disso, define que

a minha pátria é Brasil. Se hoje você me perguntar qual a sua opção? Eu sou brasileiro, naturalizado, convicto... Brasileiro por opção. Então, quer dizer, eu não tive opção, eu sou grego, eu nasci na Grécia. Eu não fiz questão de ir atrás da Grécia. A relação com a Grécia... eu sei o som do hino da Grécia, a melodia... me emociono... mas acho que isso é mais... genético.

Já Anteros, ao falar da Grécia, remonta ao período pós Segunda Guerra Mundial em que veio para o Brasil, uma vez que a Grécia encontrava-se arrasada. A maioria dos participantes compartilha esse contexto em sua migração. Cerca de vinte anos depois quando retornou a primeira vez, a situação era melhor, mas Anteros teve a certeza desde aquela época que não deixaria de residir no Brasil.

Surge novamente no discurso de Athamas o prestígio conquistado por ele junto aos gregos, membros da Colônia. Há uma necessidade de mostrarem-se queridos e respeitados pelos conterrâneos tanto os de lá como os daqui, como reconhecimento da prosperidade alcançada.

Todos os participantes declaram seguramente que, apesar de todo o carinho e orgulho da pátria-mãe, não voltariam a morar na Grécia. Tacita complementa afirmando que se sente

[...] mais brasileira do que grega hoje. Tanto que eu voltei em 94 (1994) pra Grécia, e morei lá sete anos outra vez. Tudo bem, foi tudo bem, porque eu me dou bem com as pessoas... Procuo sempre a pessoa certa (*emitiu um sorriso tímido*), pra dar certo, tudo bem... Mas não consegui me adaptar mais. Se tivesse que ficar, eu ia ficar, mas eu preferi ficar aqui.

Embora sinta orgulho em ser grego e reconheça a tradição de seu país, não se sentiria motivado a residir novamente na Grécia, uma vez que não se adaptaria aos novos hábitos, o que geraria incômodo cultural, pois Stafilos se

sente bem acostumado aos costumes brasileiros, afirmando inclusive que os prefere em detrimento aos costumes gregos com os quais foi educado. Pretende apresentar seu país para a filha nos próximos anos, “mas, morar na Grécia, não. Nunca mais”.

Ícaro considera que o Brasil contribuiu para sua formação pessoal, já que saiu da Grécia com vinte anos de idade, poucos amigos e nenhum familiar. Seu vínculo atual com seu país de origem restringe-se a poucas visitas que faz, e às lembranças que traz consigo. Sua vida naquele país foi difícil em termos afetivos e materiais, de maneira que respeita as tradições, os costumes e a história, enquanto admite que se formou ‘cidadão de respeito’ em solo brasileiro.

As atuais dificuldades financeiras, sociais e políticas da Grécia ratificam sua decisão, que é acrescida das raízes que fincou em território brasileiro. Por este motivo, da mesma forma que os demais participantes, Athamas não gostaria de mudar-se do Brasil, preferindo ir à Grécia apenas para visitar seu país e seus familiares que lá estão. Pretende viajar para lá anualmente, já que “[...] existe uma saudade *pessoalmente* todo ano”. Apesar do saudosismo apresentado por Athamas, defende a ideia de que “[...] muita democracia estraga. Então, se você tá muito longe, você é muito mais amado do que perto”, indicando a não necessidade de muitos contatos com os amigos e familiares que estão lá.

Eurídice mostra-se mais concisa nas colocações que faz, demonstrando suas reais concepções sobre seu país de origem, criticando-o quando necessário. Dessa forma, aponta que é difícil para alguém que sai da Grécia conseguir retornar e se readaptar ao país. Embora os demais participantes defendam a ideia de que o grego é muito hospitaleiro, Eurídice esclarece que, sim, ele é receptivo;

entretanto, coloca limites claros de proximidade entre si e o outro, ainda mais se for estrangeiro. Mediante as coações e alterações sofridas por diferentes povos como a Turquia, a Bulgária, a Itália, dentre outros, o grego

[...] ficou um pouco xenofóbico, sabe?! Ele... é medroso, é um tanto quanto medroso. É muito hospitaleiro, mas um tanto quanto medroso. Assim, um pouco fechado. Ele é bem egocêntrico... né?!

Diversos questionamentos tornaram-se plausíveis para Eurídice após alguns anos de experiência no Brasil, suscitando-lhe a certeza de que não retornaria à Grécia com o intuito de morar. Não concorda, por exemplo, com a obrigatoriedade imposta pelas instituições governamentais de que os filhos devem prestar serviço ao exército. Para ela,

como que alguém pode ficar feliz se seu filho é obrigado a ir? Não é como aqui. Aqui os meninos têm que ir, mas conseguem dispensa. Lá, não é dispensado. Você só é dispensado se mostrar que tem um problema físico muito sério – você é cego, você é surdo, não ter um dos membros [...] Ou se você se declara louco, incapacitado mentalmente, você se declara, mas isso te segue a vida inteira, porque em qualquer repartição pública, em qualquer coisa que você for fazer você tem que ter seu papel do exército. Então ali vem escrito: “dispensado por... insanidade mental”; “dispensado por... deficiência física”. “Dispensado por...”. O terceiro motivo é “homossexualismo”. Se você é homossexual, se você se declara homossexual, você também não pode servir o exército. Então, você só é dispensado por um desses três motivos, e você carrega pra qualquer documento que você vai fazer. É... Pelo seu lado civil... Seu título de eleitor, quando você for tirar, passaporte, qualquer coisa. Então era uma coisa que eu não... Ou então pai de família, você já é pai de família e você tem que servir o exército, né?! Não tem como você não viver num pessimismo constante.

A não existência de conflitos armados no Brasil merece destaque por parte deles. Eurídice argumenta também que se trata de um país excepcional, mas que não aprendeu a se valorizar no circuito mundial ainda. Nos últimos anos acredita que o Brasil tem sido cenário de boas conquistas e de assertivas atitudes vistas pelo mundo inteiro.

Assim, a história de Ícaro com o Brasil demonstra grande amor pelo país, ao mesmo tempo em que aponta sua determinação e coragem. Ele chegou ao Brasil nos anos de ditadura militar, especificamente em 1964. Na época do Ato Institucional número 5 (AI-5), de dezembro de 1968, foi questionado por alguns amigos brasileiros que se preocupavam com sua segurança, se não deveria deixar o país por um tempo, até que a situação política se restabelecesse mais favoravelmente ao povo. No entanto, Ícaro, declarou “[...] ir embora pra quê, se os meus amigos estão todos aqui, se minha filha é brasileira?”. Desse modo, fixou residência no Brasil e tomou os amigos como familiares, orgulhando-se de ser conhecido entre o povo brasileiro, ainda mais por ser chamado de ‘grego’, e não pelo seu nome. Declara que preserva suas amizades aos ‘moldes brasileiros’, expressando sua opinião aos amigos, e fazendo o possível para não lhes deixar tomar atitudes indesejáveis em seu dia a dia, afinal, “amigo faz isso”.

Certamente o acolhimento recebido por Stafilo desde quando chegou em terras nacionais foi fundamental e determinante para sua estadia perpétua aqui, assim como para os demais participantes. Por suas condições mais restritas atualmente, não consegue encontrar os amigos com a frequência que gostaria, mas acredita que, ainda que não estejam se encontrando, a amizade continua. Em suma, Stafilos diz que “[...] minhas amizades *com* o Brasil são enraizadas (*ênfase na palavra enraizadas*) profundamente”.

Como dito por Stafilos anteriormente, ser chamado de ‘grego’ não é considerado por ele demonstração de preconceito étnico. Ao contrário, sente-se feliz por ter tantos amigos brasileiros apesar de ser estrangeiro. Por conseguinte, Stafilos fez questão de tornar-se cidadão brasileiro, escolha realizada e proferida

no início da década de setenta. Nesse sentido, a ele é concedido o direito de voto nas eleições nacionais.

Nesse ínterim, a maioria dos gregos que vieram ao Brasil, aqui permanecem, visto que se encantaram com o país, que assemelha-se à Grécia em muitos aspectos. A habilidade de criar, presente nos brasileiros, indica para os imigrantes que tudo se resolve sem a imposição de regras rígidas que reduzem as interações entre as pessoas. Ícaro destaca que os brasileiros se adaptam até às condições desfavoráveis e conseguem lidar com isso sem perder a espontaneidade.

Kairos defende que o Brasil ainda é o país do futuro, pois vislumbra grandes possibilidades de desenvolvimento para a nação e não pensa em deixá-la. Construiu seu nome no meio capixaba, já que aportou aqui em uma cidade de Vitória pequenina, na qual “qualquer um se conhecia. Se você era bom, sabia que você era bom. Se você era vagabundo, sabia que você era vagabundo. Acabou a história. Então, você conhecia”. Por essa razão, orgulha-se de ter sido sempre muito benquisto no estado, declarando que as amizades foram fundamentais para ele, por ser estrangeiro e que

sou feliz aqui, isso eu posso dizer. Não troco esse país por nada. E não só isso... o povo é bom, bom, bom. Não é daquele que te agride como *(em)* outros países. Parece que te conhece *(há)* anos. Você abre pra eles, abraça, não sei o quê... Você sente calor de todas essas pessoas.

Para Tacita o Brasil é terra abençoada, onde se tem tudo e onde não há lugar no mundo que se compare a este. Nesse sentido, assegura que existem problemas que a incomodam no Brasil, como também a incomodariam em outro lugar, mas que prefere não enfatizá-los em seu cotidiano.

No que se refere a Athamas, a decisão de vir para o Brasil e construir sua família aqui não foi considerada fácil de início, já que não conseguiu se estabelecer profissionalmente. Retornou, então à Grécia, contudo percebeu que já tinha gostado e se adaptado ao Brasil, de forma que retornou e vive aqui desde essa época. Declara ter acima de tudo sentimento de agradecimento ao Brasil, que o acolheu muito bem.

O carinho demonstrado por Athamas é tido por ele como a motivação para que tenha superado os momentos iniciais de dificuldade no trabalho, visto que sempre optou em ser autônomo. Reconhece que havia ansiedade de sua parte em acertar-se economicamente no país, uma vez que seu sogro já residia aqui e era estável em termos financeiros. Sentindo-se na responsabilidade de acompanhar a lucratividade do sogro, sofreu por antecipação, até que aprendeu a lidar com o ritmo brasileiro.

Aponta que tem facilidade para adaptar-se ao novo, contrariamente ao percebido quando retornou à Grécia por não conseguir se estabelecer no Brasil. Ainda assim, assinala que a convivência aqui é muito boa. O idioma foi aprendido de acordo com as necessidades que se apresentavam, já que Athamas não frequentou escolas brasileiras.

Por ter sido um dos gregos pioneiros a escolher o Espírito Santo como residência, Kairos ratifica que teve dificuldades estruturais nos primórdios de sua vinda para cá, na década de sessenta. Trabalhou intensamente na área que queria, casou-se, morou novamente na Grécia, formou sua família e optou em viver definitivamente no Brasil, por todas as possibilidades identificadas nessa terra. O Brasil era rota marítima e por isso o conhecia antes de decidir residir aqui.

Os costumes brasileiros também foram incorporados por Stafilos, que não rejeitou as atividades da Colônia, mas que enfatiza hoje em dia os valores brasileiros. De todos os participantes, Stafilos destaca-se como aquele que mais se adaptou às atividades corriqueiramente brasileiras, o que fez com que sua família questionasse sua relação com a Grécia. Defende-se afirmando que tem orgulho de ser grego e de toda a história que a nação construiu, porém que o Brasil o encanta por suas características naturais e culturais. Sob esse prisma, sente-se muito privilegiado por ser grego de nascimento e brasileiro por opção e bem-aventurado por ter uma filha brasileira.

Seus familiares também residem aqui e sua história de vida foi edificada em terras brasileiras, com o povo grego, brasileiro e com conhecidos de outras nacionalidades, como japoneses, libaneses e indianos. Gostaria de visitar sua pátria-mãe de dois em dois anos no período de férias, e retornar sempre ao país que o acolheu e fez crescer como ser humano. Em suma, Stafilos declara que

uma coisa eu te garanto, nenhum grego tem raiva do Brasil. *Eles podem não ter* essa adaptação que eu tive. Mas eles não têm raiva do Brasil. Pela oportunidade que eles tiveram. Talvez não tiveram a capacidade dessa adaptação. Às vezes foi pela idade, por não ter estudado, isso e aquilo. Mas no sentimento do grego, não existe isso. E alguma vez teve... houve que eu achei que não deveria ter, e eu bati de frente, bati de frente, falei “você não pode falar isso”. Não há porque existir um grego que tenha raiva do Brasil, que não goste daqui. Se você tentar, é o um por cento, o que é desprezível. Não existe na maioria, porque simplesmente não há porque existir. Não há. O que eu *tô* falando é verdade do Brasil. Aliás, hoje eu falo uma coisa: que o português brasileiro é minha língua mãe mais que a Grécia, grega. Eu entendo muito mais o português que o grego. Eu penso português; eu não penso em grego, *cê tá* entendendo?! Então, a língua portuguesa pra mim hoje é língua-mãe.

Como outros participantes, Tacita fala sobre o Brasil incluindo-se, isto é, sente-se à vontade para opinar em tudo que diz respeito ao país. Atualmente, sente-se “mais brasileira do que grega. Eu sei que eu sou grega, eu nasci lá, é

minha pátria-mãe, tenho parentes ainda lá. Não tenho irmãos lá, meu pai e minha mãe já morreram. Mas eu me sinto mais brasileira do que grega hoje”, tamanha relação que criou com o Brasil.

Por todos esses motivos, Stafilos fez sua vida aqui e escolheu o Brasil como nação de sua filha. Como sua história de família é peculiar, não deixou parentes na Grécia, estando totalmente voltado ao Brasil. Então, “é por isso que te digo, eu *tô* feliz. Um pouco tem de mim, um pouco do país. [...] Mas já sou brasileiro há muito tempo. Aprecio a cultura brasileira”.

Ícaro aprecia ser chamado de ‘grego’, ao ponto de seus vizinhos, conhecidos e alguns amigos não saberem seu verdadeiro nome, e detém o título de cidadão honorário capixaba por sua contribuição artística ao estado.

De maneira semelhante, apesar de ter orgulho de suas origens, Stafilos faz questão de portar-se como brasileiro, tamanha admiração que criou pelo Brasil. Afirma ter as melhores palavras para descrever o país e sua população, sentindo-se “[...] aqui não grego, mas brasileiro. Inclusive sou cidadão brasileiro por escolha há quarenta anos. Voto e posso ser votado”. Em momento algum no decorrer desses mais de cinquenta anos em que mora aqui, sofreu rejeição ou preconceito, afirmando que os brasileiros recebem muito bem quaisquer povos do mundo, pois trata-se de uma característica particular da população.

Eurídice esclarece que comumente conversam sobre o Brasil nos círculos gregos, e constatam que fizeram uma opção aprazível ao virem para cá. Nenhum dos gregos entrevistados retornariam à Grécia com o intuito de residir e, segundo ela, nunca ouviu comentários na Comunidade de alguém com anseios de retornar à pátria-mãe. Logo,

os brasileiros, eu acho, que acolhem melhor do que o povo americano. Então, em várias discussões – já desde pequena a gente conversa –, vai analisando, e a conclusão que muitos de nós chegamos é isso; a cultura brasileira é fácil de ser assimilada. É... o brasileiro é fácil de se visitar. Então, o que acontece... Ele é muito hospitaleiro. E nisso é fácil pro estrangeiro se misturar logo com a cultura e, de repente, ir se desfazendo devagarinho de suas raízes, né?! Ainda mais se é ele sozinho, que casa com uma pessoa que não é da mesma cultura, e aí tem seus filhos vivendo aqui.

Embora seu sangue seja exclusivamente grego, sente-se brasileira há muitos anos, tamanha incorporação dos costumes que realizou, o que não a impede de manter as tradições gregas através da Comunidade Helênica, da qual já foi presidente. Para o governo grego funciona o *jus sanguinis*, isto é, se a pessoa possui sangue grego por descendência, não importa onde ela nasceu, pois será considerada grega também. Dois dos três filhos de Eurídice são nascidos aqui, contudo são considerados gregos pelo governo de lá, uma vez que a mãe é grega.

Em seus anos iniciais no Brasil, Ábaris, assim como Stafilos, Ícaro e Athamas, também era nomeado de ‘grego’, ‘greguinho’, na escola. Todavia, não se sentia aborrecido com essa designação, pois tratava-se de sua real condição nascitura, e sabia que o tempo e sua postura seriam capazes de alterar essa condição de estrangeiro constantemente demarcada por seus colegas de classe. E assim aconteceu.

Sentir-se querido independentemente da nacionalidade, fez com que Stafilos se encantasse pelo Brasil, e optasse em visitar raramente seu país de origem. Afirma que tornou-se brasileiro com o decorrer dos anos. A partir disso, declara que não possui grandes amizades com gregos, já que não os considera especiais por compartilharem a mesma nacionalidade, questionando-os sempre

que necessário. Conhece gregos que moram em outros estados e, da mesma forma, não considera tais relacionamentos como amizades.

Ábaris tornou-se conhecido por quem é, e não mais por sua nacionalidade, o que o deixa orgulhoso por ter escolhido viver no Brasil. Em sua opinião, “o Brasil tem essa característica de apaixonar, né?! Especialmente porque ofereceu todas as oportunidades que a gente precisou, né?! Sonho de ter um curso superior, sonho de montar uma empresa de engenharia de construção [...]”.

Interessante notar nas palavras e no comportamento do participante o amor e a gratidão desenvolvidos pelos gregos em relação ao Brasil, terra escolhida pelos familiares para residir, em momentos distintos e próprios a cada um, porém com o mesmo embasamento: a dificuldade financeira e social existente na Grécia no período pós Segunda Guerra Mundial. Nesse ínterim, declara seguramente que “a minha pátria é Brasil. Se hoje você me perguntar qual a sua opção? Eu sou brasileiro, naturalizado, convicto... Brasileiro por opção”.

Apesar de ter costumes gregos e manter algumas tradições de sua terra de origem, afirma que sua condição grega atualmente é mais uma questão genética do que de opção. Considera que o grego enfatiza mais o papel da família na vida de cada um, e que as amizades construídas aqui aproximam-se de irmandade, ou seja, são consideradas intensas por Ábaris, a partir de tal comparação.

Embora afirme ter condições financeiras para viver em outro país com baixo índice de criminalidade, prefere seguir sua vida aqui, pois se sentiria traidor com o país que lhe proporcionou tantas conquistas. Por esse motivo, não aspira retornar à Grécia para residir, mas apenas como visitante.

As amizades formadas nos primeiros meses de Brasil permanecem ainda hoje, fortalecendo a relação que os entrevistados criaram com o país que escolheram para crescimento profissional e formação familiar. Por mais que desejassem manter os costumes gregos, sempre souberam que os hábitos comuns aos brasileiros é que seriam adotados por seus filhos.

Para Anteros, não houve momento algum em que tenha se arrependido de viver no Brasil, destacando que a fácil e imediata adaptação, apesar do intenso trabalho a que estava sujeito, ocorreu por ter sido bem recebido pelos brasileiros, de maneira geral. Logo, considera que “os brasileiros foram importantes quando cheguei aqui”. A acomodação de Stafilos ao Brasil se fez ao ponto de aprender a gostar de futebol, a dedicar sua torcida por um time carioca, e a defender o futebol como um grande esporte, como faz um brasileiro nato.

De forma análoga, apesar de ainda ter parentes na Grécia, Kairos não cogita sob qualquer hipótese residir novamente lá, na medida em que seus familiares mais próximos também residem aqui. Doravante, destaca a ausência de guerras como fator crucial para não querer retornar à Europa, ainda mais por não ter havido qualquer preconceito ou rejeição da parte dos brasileiros para com ele em todos esses anos.

Nenhum dos participantes considera retornar à Grécia para estabelecer residência. Para eles, as características aprendidas e incorporadas no Brasil os modificaram ao ponto de optarem viver como brasileiros, embora não desprezem os costumes de sua terra-mãe. Em termos conceituais, pode-se dizer que o processo de adoção como apresentado corresponde à contrapartida dos gregos em relação à receptividade do Brasil e dos brasileiros.

2.2 Adaptação

Neste trabalho, a adaptação é considerada um processo pelo qual o imigrante promove uma série de mudanças para aproximar-se das práticas de outro país, permitindo viver de acordo com padrões da nova terra.

Todos os participantes admitem que as relações de amizade com brasileiros foi fundamental para que se adaptassem e se sentissem satisfeitos com a migração realizada. No geral, os participantes apontam que as amizades estabelecidas com brasileiros forneceram elementos que promoveram maior integração social e cultural destes ao Brasil.

Muito do que aprenderam sobre o Brasil ocorreu via amigos, facilitadores da integração dos participantes aos costumes brasileiros, de maneira que estes não se sentiram deslocados em momento algum, apesar de inúmeras novidades, ao passo em que Stafilos afirma que “fiz amigos, me distraí, fui aprendendo sem nem ver”.

De modo amplo, todos os participantes dizem que fazer amizades especificamente com brasileiros logo após chegar ao Brasil foi de grande valia para o posterior estabelecimento definitivo de suas famílias em território nacional. Nesse contexto, os entrevistados apresentaram as opiniões pessoais em relação ao papel que o novo amigo teve para sua interpretação do novo espaço, formação do ciclo de amizade, incorporação da nova cultura e compreensão de características dos brasileiros. Todos declararam que os brasileiros foram e continuam sendo seus amigos desde a época em que chegaram. Em poucos

casos tornaram-se amigos de outros estrangeiros, mas não houve ênfase nessa questão.

Stafilos afirma que “eu me adaptei muito bem, nunca me senti rejeitado, e por ser grego sempre fui muito, assim... privilegiado. Seja no colégio, seja na amizade, porque, como eu disse, a Grécia, no mundo ocidental, tem que ser respeitada...”. Evidencia-se a adaptação proporcionada pelos amigos estabelecidos através do colégio, e também o orgulho por seu país de origem e os feitos de seus antecessores, como demonstrado e caracterizado pela sétima arte – ainda que de modo caricato, traz elementos reais, segundo os próprios participantes declaram.

Ter amigos facilitou diretamente a adaptação e estadia no Brasil no que se refere a todos os participantes, independentemente da idade em que aportaram no Brasil. Fato é que a vida escolar contribui decisivamente para um aporte maior de vínculos. Stafilos frequentou escolas brasileiras por alguns anos em virtude de ter vindo para cá em idade escolar, e acredita que o fato de ser grego facilitou muito a criação de amizades, uma vez que era considerado diferente – no sentido positivo do termo – dos demais amigos da escola.

A escola contribuiu para que Stafilos se ambientasse com a cultura brasileira e desenvolvesse por ela grande admiração. Ele apresentou aos amigos as peculiaridades das brincadeiras que desempenhava na Grécia, e aprendeu a portar-se conforme os costumes dos brasileiros. De maneira semelhante, Abaris e Anteros experimentaram as amizades escolares e reforçam a percepção de Stafilos acerca da importância que a ludicidade confere às amizades.

3. CONEXÃO E DESCONEXÃO

A noção de conexão e desconexão, dialeticamente relacionadas, diz respeito às ligações entre as pessoas e sua terra natal ou a pessoas de lá. A conexão refere-se à vinculação ou ligação da pessoa com seu lugar de origem e a pessoas desse país. Propõe-se, assim, duas formas básicas de conexão – a conexão ao país em geral, como sua história, suas paisagens, sua cultura, incluindo artes e música, culinária, e a conexão a pessoas, por meio de amizades ou relações de parentesco com pessoas deixadas no país de origem.

A conexão ao país inclui, neste trabalho, aspectos ligados ao patriotismo. Por outro lado, a crítica também faz parte da conexão ao país. Ábaris define sua relação com a Grécia como dicotômica: formada por amor e ódio, sentimento bifurcado por motivos que adquiriu ao longo de sua vida. O lado do amor é pautado pelo respeito que aprendeu a ter pela nação, pela afetividade nascitura, somada aos fatores que descreve como ‘genéticos’, às informações recebidas por seus pais sobre o país, pela mitologia grega difundida no mundo ocidental e oriental e pela história construída pela Grécia – história da qual se orgulha apesar de não ter participado efetivamente de nenhuma, como gosta de frisar.

Não obstante, reconhece o empreendedorismo grego e o desprendimento para a vida marítima que permanece atuante no cotidiano do país. Sob esse aspecto, concebe a Grécia como “um país que deu à luz”, que contribuiu muito com a formação mundial desde a pré-história e que se formou por meio das inúmeras alterações territoriais, políticas, econômicas e sociais a que foi

submetida ao longo das eras, adquirindo elasticidade na comunicação com as demais nações.

Comenta, assim como Anteros, que existem muitos brasileiros que optaram em morar na Grécia, como maneira de valorizar seu país..

Kairos declara que “gosto muito daqui, mas não sei viver sem a Grécia”, de modo que, mesmo morando no Brasil há cerca de cinquenta anos, visita sua terra natal anualmente, no verão. Ainda assim, admite que não voltaria a residir lá, em virtude da diferença cultural que se evidencia a cada vez que vai para a Grécia. As belezas físicas são identificadas por Kairos como próximas às do Brasil, fato que o auxiliou em sua adaptação ao país.

Logo, defende sua pátria por sua história milenar e admite que a crise atual do país decorre da persistente vivência do passado, ou seja, da não incorporação das mudanças preconizadas pelo mundo no século XXI.

No mesmo sentido, de maneira natural e consciente, relata que é possível identificar certo orgulho no povo grego, que costuma se apropriar de sua história.

Para ele,

[...] os gregos não podem – que moram lá – se sentir donos da Grécia. A Grécia, na minha opinião, é do mundo, é do mundo... Como a Amazônia é do mundo, como outras coisas que é cultura do mundo. A cultura da Grécia é do mundo, não é só dos gregos... Já ultrapassou as fronteiras.

Em sua opinião, o laço entre uma pessoa e seu país de origem é intenso e duradouro, mesmo para aqueles que optaram em residir no Brasil e adaptaram-se muito bem aos costumes e ao clima do país. Ainda assim, não conseguiria se acostumar com os conceitos que vigoram na Grécia hoje em dia e que são diferentes dos preconizados em sua época, seja na intensidade da cobrança ou no conteúdo.

Além do mais, afirma que não pode “[...] pensar em fazer bobagem, por exemplo, pensar numa ideologia. ‘Sou da pátria’, cheio de patriotismo, e esquecer também que por trás disso tem uma família”. Se tivesse tido a oportunidade de ser bem sucedido em sua terra, afirma que não pensaria em residir em outro país, porém, sempre pensou muito mais no futuro do que no presente, e por isso decidiu migrar, para oferecer uma vida melhor para sua esposa e seus filhos. Paradoxalmente a esse amor demonstrado pela Grécia, alega que sempre aspirou viver longe de seu país, reconhecendo que sua terra de origem não poderia lhe oferecer naquele momento o que desejava.

Tendo sido bem sucedido no Brasil, Athamas gostaria de ter proporcionado ao sogro uma viagem de despedida à Grécia, para realizar dois sonhos: o do sogro, de rever a pátria, e o seu, de concretizar sua vitória como migrante. Contudo, o pai de sua esposa faleceu antes que ele pudesse realizar o desejo. Diz que pôde vir para o Brasil pois sua irmã aceitou cuidar da matriarca da família, ficando na Grécia, onde ambas residem até hoje, recebendo ajuda financeira de Athamas.

Reconhece que nascer no local que é considerado berço da civilização ocidental faz com que os gregos entusiasmem-se com facilidade e acreditem que verdadeiramente compartilham de todos os feitos das gerações passadas, discursando com veemência acerca da importância deles para o mundo, o que é reforçado após tantas conquistas e ‘desconquistas’: “tipo assim: nós, gregos, somos bons, sabemos fazer as coisas. Que outro país, de repente, sabe fazer tão bem quanto a gente?”.

A relação de Minos com a Grécia é intensa e contínua. A construção de sua casa segue a arquitetura grega, a decoração remete às casas de lá, e materiais vieram da Grécia para decorar sua residência; os objetos utilizados em seu cotidiano são originais gregos, como jogo de xícaras, lençóis e até o café servido tem origem grega. Faz questão de manter as tradições que aprendeu enquanto morava lá e transmiti-las aos familiares. Cuida para que todos os netos visitem a Grécia em sua companhia, assim como fez com os filhos. Gosta de conversar na língua mãe, de modo que os filhos tiveram que aprender o idioma. Caso algum membro da família apresente resistência para com a cultura grega, Minos sofrerá imensamente, pois não considera essa possibilidade.

Athamas transmitiu o idioma, os costumes, os pratos típicos, a dança e a música grega para seus filhos, que não absorveram muito a intenção e a necessidade do pai de que eles mantivessem vivas as tradições gregas no reduto familiar. Eles já visitaram a Grécia e frequentaram algumas reuniões na Comunidade, e optaram em seguir os costumes brasileiros e o ritmo ditado pelo país em que nasceram, e não pela ascendência helênica que possuem. Athamas, é claro, ficou entristecido com o fato, embora reconheça que a tendência é que, a cada geração de gregos no Espírito Santo, a conservação dos costumes gregos seja diminuída.

Nota-se em todos grande admiração pela pátria-mãe e seus feitos históricos, de forma que sentem-se orgulhosos em levar os amigos para conhecerem-na. Apesar disso, Athamas não gosta de ser chamado de 'grego', pois considera que é um indivíduo, e não quer trazer a menção de seu país constantemente em seu dia a dia. Assim como a maioria dos participantes, gosta

de afirmar que é reconhecido e querido dentro da Colônia capixaba e também nos outros ambientes que frequenta, sentindo-se, então, mais adaptado ao país.

Tipicamente grego, Minos declara de maneira incessante que há diferenças entre ser grego e ser de qualquer outra nacionalidade. De acordo com ele, “quando você chega em qualquer lugar e fala que é grego, tesouro, diferenciado dos outros”. Gregos mais antigos costumam ter afirmações similares às dele como guias, em virtude da presença grega na história mundial. Os gregos mais jovens, no entanto, não partilham mais dessa ideia exposta pelo participante e comentada por outros.

Minos é um grego à moda antiga, gosta de valorizar os feitos de seus antepassados, e fez questão de relatar que foi um grego o primeiro mergulhador do Espírito Santo a trabalhar com aço, sendo o responsável pela implantação da ponte Florentino Avidos em Vitória. Visa transmitir os costumes, o idioma, a escrita e as tradições gregas para a maior quantidade de pessoas possíveis, para evitar que os hábitos de seu povo se percam dentre as novas gerações já nascidas no Brasil, e que as crianças gregas-brasileiras não tenham afinidade com o país de seus pais e avós.

Já no concerne a Eurídice, visitar a Grécia com relativa frequência facilita a manutenção do sentimento patriota. Caso contrário, argumenta que é natural que a incorporação dos costumes brasileiros reduzam nos gregos suas tradições originais. Ainda assim a maioria das famílias transmite aos filhos o idioma e as belas histórias reais vividas por seu povo para que não se percam essas características. Em sua visão, algumas famílias respeitam o fato dos filhos sentirem-se mais brasileiros que gregos por terem nascidos aqui.

Após anos residindo no Brasil, Vanília e seu esposo retornaram à Grécia para visitar os familiares e foram bem recebidos, embora não tenham buscado encontrar os amigos que haviam ficado por lá. Sempre que possível, ela viaja para sua terra-mãe. Contudo, admite que a Grécia atual difere em muito daquela nação em que nasceu e foi criada, fazendo com que estranhe muitos hábitos visto lá. Declara que é

muito diferente. Muito diferente... porque acostumei aqui. O país *tava* forte, mas no sentido de convivência, de como me senti, é emocionante. Eu não digo que a gente só porque *tá* aqui se desligou de lá. A gente não se desliga, não nega a pátria, porque se eu disser é até pecado. Não adianta, eu posso morar aqui, morrer aqui, mas eu sou grega. Nasci lá, suas (*minhas*) raízes estão lá. É bem forte.

Por sua vez, Stafilos gosta de relatar feitos históricos de seu país de origem. Entretanto, reconhece que a Grécia é um país que foi berço da civilização ocidental e que estacionou seu desenvolvimento para viver em função dos feitos do passado. Esclarece que existem duas datas comemorativas referentes à independência grega:

[...] uma é 25 de março, que nos libertamos dos turcos do Império Otomano... é 25 de março de 1821; depois nós temos o dia 28 de outubro, que foi quando a Grécia disse ao grupo dos seus aliados que não participaríamos do Eixo, e não autorizaríamos a passagem dele pela Grécia, mas a palavra não valeu, e nós tivemos que guerrear.

A ligação com o país não é apenas positiva, compreendendo-se que os participantes mantêm conexão com o país mesmo ao criticarem sua pátria.

Para Eurídice, a postura do governo em algumas questões específicas – como a imposição relacionada ao serviço prestado ao exército grego – é uma intervenção nacional na vida de uma pessoa, e ela não gostaria que seus filhos interrompessem suas vidas por motivos apresentados pela instituição governamental. Embora muitas mães também não concordem com isso,

permitem que seus filhos sejam encaminhados para o serviço e, inclusive, orgulham-se do fato de servirem a um país tão rico de história pelos combates estabelecidos. Acredita que “existe um pouco dessa soberba, que eu acho que... é soberba misturada com medo, com uma... é... um egocentrismo, sabe, um orgulho...”. Nota-se que ela não concorda com essa obrigatoriedade, na qual apenas três razões podem eximir o jovem da atividade: ser portador de necessidade especial, apresentar alguma incapacidade mental ou ser homossexual.

Em contrapartida, Ábaris declara não haver laço de amor eterno e vínculo imperecível com o país de origem. Acerca de sua indisposição com o país, denota que se envergonha de algumas posturas adotadas pela Grécia em momentos cruciais da história da humanidade, como na Segunda Guerra Mundial.

Sob o mesmo aspecto, Stafilos tem notado nas últimas décadas que os gregos vivem sob as heranças recebidas dos patrícios pensadores e combatentes de séculos atrás, atados ao Parthenon, à Acrópolis, às Ilhas Gregas e às demais imagens da Grécia Antiga, tudo isso originário de uma realidade distante e da qual não produzem nada além, culminando na crise econômica atual, que desencadeia problemas políticos e sociais. Segundo ele, a Grécia fundamentava-se na existência contínua do turismo nacional, e não se preparou para as inovações mundiais. Todavia, acredita que a Grécia será capaz de se adaptar ao presente, estabelecendo o tempo como seu aliado nessa nova inserção a nível mundial. Por essa razão, gosta de se manter informado sobre sua pátria, recorrendo às diferentes mídias e aos encontros na Comunidade Helênica para obter informações.

No que diz respeito à sua opinião sobre os hábitos gregos, afirma que “todo grego é metido a tocar um... principalmente um tipo de violão que nós temos, [...] e assim por diante... cantar. Se canta, se dança, se faz isso. E... são um pouco machistas”. Para ele, o grego quer que a mulher faça tudo que ele pedir, o que gera acomodação da parte dos homens. A mulher grega, educada para servir, costumava aceitar por sentir-se útil à família, instituição preconizada pelo povo em questão.

Como visto anteriormente, o pai de Tacita resistia à ideia de que ela se casasse com brasileiro, visto que almejava que seus filhos se unissem a conterrâneos com o intuito de manter as tradições gregas na família. Segundo ela, não havia preconceito, apenas resistência à possibilidade de mesclar costumes e as consequências advindas com a união. Seu pai detinha conceitos gregos clássicos, em que outros povos não deveriam se casar com gregos, já que casamento entre conterrâneos teria maior probabilidade de sucesso.

Ao lado da conexão com o país de origem em termos mais amplos, há a conexão com pessoas do país de origem, como familiares e amigos. Eurídice destaca alguns amigos de infância com os quais mantêm contato e encontra, às vezes, quando vai à Grécia. Tratam-se de vínculos criados enquanto morava lá. Quando os filhos atingiram a idade escolar, Eurídice ampliou a rede de contatos, porém, foi por pouco tempo, pois veio para o Brasil em seguida. As diferenças culturais percebidas pela participante contribuíram diretamente para que optasse por viver no Brasil, uma vez que, quando retornou à Grécia após a primeira temporada em terras tupiniquins, tudo lá foi “muito diferente. [...] Morando lá, você

tava acostumado, não sabia fazer de outro jeito. Por isso que eu falo que voltei pra cá. Não dava mais, tudo ficou diferente...”.

Nesse sentido, Tacita reconhece ter sentido falta das amizades de lá que, por muitos meses, permearam seus pensamentos diante do porto de Vitória, onde aguardava que algum amigo pudesse aportar a qualquer hora. Conforme criava vínculos com brasileiros e, posteriormente com gregos, a saudade diminuía.

[...] tem um cais, que vem sempre navio, então eu chegava a sonhar todo dia, até pelo menos eu casar. Aqueles navios que paravam ali, nas lojas que a gente tinha, chegava gregos, da marinha mercante, como é até hoje. Falei mais para as quatro que eram amigas, porque outras que *tavam* ali eu nem conhecia: “se aparecessem uma das quatro cada com algum senhor do navio, ia aparecer na minha frente, e era...”, já tinha se tornando não um sonho só, uma esperança (*riso quieto*), e nunca aconteceu.

Ela tem três grandes amigas na Grécia com as quais se comunica por telefone. Quando se encontram, conversam por muitas horas, para que se atualizem dos acontecimentos mútuos. Alguns dos familiares de seu marido ainda residem lá, o que a faz visitar o país com frequência. Essas amizades foram edificadas nos anos em que Tacita teve que morar na Grécia em decorrência do trabalho de seu esposo. As amizades escolares não foram mantidas, já que Tacita nunca mais as encontrou. Mesmo assim, as classifica como amigas.

No ano passado foi à vila em que morava e foi surpreendida com a atitude das amigas, que convidaram os atuais moradores da pequenina cidade natal de Tacita para recepcioná-la. Embora não os conhecesse, imediatamente os considerou amigos – costume grego de que é bom ser querido por todos.

Apesar de sua facilidade em interagir, as mudanças culturais encontradas na Grécia fizeram com que Tacita reavaliasse seus valores e percebesse que suas características adaptavam-se melhor às do Brasil, de maneira que não

conseguiu residir lá novamente. Em contrapartida, em seus primeiros anos de Brasil Tacita foi privada de interações por seu pai, sentindo grande falta das amizades infantis gregas, desejando imensamente vê-las desembarcando em algum navio, conforme citado anteriormente. Recorria aos passeios em família para se distrair e, posteriormente, conheceu brasileiros e gregos que se tornaram seus amigos e facilitaram sua adaptação ao país.

Por outro lado, Stafilos experimentou as amizades gregas de modo intenso, embora curto, já que veio para o Brasil na adolescência. De todo modo, recorda-se das atividades que fazia com seus amigos lá e mais ainda daquelas executadas por seu irmão mais velho, incluindo passeios com excursões de amigos, 'andanças' de bicicleta, festas, músicas e brincadeiras diversas, como jogar futebol com bola de pano.

Embora tenha ido poucas vezes à Grécia nos últimos anos, Stafilos aponta que usualmente procura pelos amigos quando está lá, sendo esses da escola e também primos considerados amigos. Seu zelo pela filha contribuiu para que reduzisse suas viagens ao seu país de origem, levando-o a afirmar que as amizades mantidas lá não estão esquecidas, mas apenas adormecidas, declarando também acreditar que o tempo não fará diferença quando se encontrarem.

Tal declaração ratifica a dificuldade apresentada pelos participantes em finalizarem uma relação de amizade, e mais ainda, em admitir seu término. Não obstante, os gregos costumam defender a prerrogativa de que amizades construídas perduram para sempre, mesmo que não sejam nutridas durante anos.

Desconexão, por sua vez, refere-se ao afastamento no sentido afetivo do país de origem e de suas pessoas. Kairos também apresenta necessidade de ser reconhecido na Grécia, ainda que não saiba qualquer informação daquela pessoa: “[...] vou em algum lugar para comprar alguma coisa, [...]”: “tudo bem, senhor Kairos?”, não sei quem é: “da onde eu te conheço?”; “é assim, assim. Nem lembro, nem lembro”. Embora seja seu lugar de nascimento e de criação, já não o reconhece com o mesmo acolhimento de outrora. Na verdade, desde que foi considerado apátrida e teve que esperar alguns anos para retornar ao país, alterou sua visão acerca dos hábitos defendidos. A partir da forma como seus antigos amigos se portaram com seu regresso, compreendeu que seus costumes e os dos conterrâneos não eram mais os mesmos. Então, questionou-se:

por quê eu voltei? Já *tava* no Brasil em 68. Cheguei em 64; janeiro de 65 eu casei; me estabeleci aqui. Saiu uma nota que *tava* dizendo: “os gregos que moram no exterior há mais de dez anos, tem o direito de pagar o serviço militar mil dólares”. Saiu, me avisou, meus pais, etc., “saiu uma lei assim, se quiser, manda mil dólares, fotografias, etc., para pegar o certificado de reservista”. Morava fora da Grécia *há* quinze anos. Logo que saiu o certificado, peguei o avião. Nessa época já tinha meu filho com dois aninhos. Saudade, saudade da Grécia... quinze anos. Bom, fui. Cheguei no aeroporto; *tava* me esperando o meu irmão e a minha irmã. Eu tenho um outro irmão nos Estados Unidos. No aeroporto, duas pessoas. Falamos “como *tá?*”, etc. Esperava meus amigos gregos, *esperava eles* lá. Um dia pensei: “amigos que imaginava que ia encontrar lá, quinze anos depois, e nada”. Foi a mesma coisa que chegar num país estranho. Quinze anos depois, pela primeira vez... ninguém. Dez dias passou, quinze dias, e saudade do Brasil, das pessoas do Brasil. Peguei minha passagem de volta para antes, não queria ficar mais dias. Voltei.

Vanília, por sua vez, não mantém contato com amigos deixados na Grécia, e não demonstra saudade dos mesmos. Pelo costume grego de que a noiva segue o noivo, Vanília tornou-se desprendida desde muito cedo, para não se ferir caso fosse necessário mudar-se rapidamente de local. Declara considerar alguns primos como amigos. Além disso, considera ser normal que amizades se

desfaçam em virtude dos caminhos diferentes seguidos por cada um. Em outras palavras, reconhece que o relacionamento precisa ser nutrido para ser sustentado e que a distância pode afastar as pessoas. Envia cartões para os primos-amigos que estão na Grécia no Natal, e telefona para eles esporadicamente.

Normalmente os amigos visitavam-se, jogavam carta, conversavam, passeavam, estudavam junto, ajudavam-se nas avaliações escolares, iam ao cinema e em restaurantes gregos quando Vanília residia lá. Apesar das lembranças agradáveis, aponta que não atuou com o intuito de preservar essas amizades. Nem Vanília e nem qualquer outro participante consideram que houve término para relações de amizade que se findaram naturalmente. Para eles, apesar de não terem qualquer contato ou probabilidade de encontrar novamente aquela pessoa, ainda assim consideram que são amigos. Ressalta-se aqui novamente, que os conhecidos e colegas também são tidos como amigos pelos gregos.

Por razões familiares, Eurídice morou alguns anos na Grécia depois de ter se estabelecido no Brasil, e notou grandes diferenças em suas próprias concepções. O domínio do idioma havia se alterado, pois estava com sotaque, o que a denunciava como 'grega do exterior'. Costumeiramente, os gregos tratam os patrícios que migraram como gregos do exterior. A rotulação foi difundida em sua cidade, o que lhe gerou incômodos, visto que as pessoas começaram a recorrer a isso para justificar quaisquer atitudes da entrevistada como "ah isso você não entende porque você não mora aqui".

Tentou formar novos laços quando morou por alguns poucos anos na Grécia à época de seu curto regresso. No entanto, seus amigos eram amigos de

seu marido e familiares, de modo que não foi possível criar vínculos por si mesma, reforçando a ideia de que precisava voltar para o país que adotou como seu: o Brasil. E assim o fez, em virtude das diferenças culturais terem se tornado mais fortes do que a participante previa: “era de um jeito de ser muito mais brasileira do que grega, né... Mesmo quem eu sei que veio mais velho, já tem logo mais o jeito de ser do brasileiro do que do grego: brigar menos, reclamar menos, sabe?!”

O fato é que os gregos da Grécia veem os gregos do exterior como pessoas bem sucedidas e, na maioria das vezes, os gregos que saíram e conseguiram voltar ou que vão à Grécia somente para passear – que pra eles também é regressar –, são pessoas que normalmente foram bem sucedidas, e são, em sua maioria, mais bem sucedidas do que muitos gregos que ficaram. São qualificados como pessoas audaciosas que optaram em edificar a vida em terras longínquas.

Não obstante, tornaram-se benquistos perante os patrícios que não migraram. Segundo Eurídice, são vistos de forma diferente por terem morado, ou ainda morarem em outra nação. Todavia, não questionam os conterrâneos que fizeram tal opção. Athamas declara sentir-se à vontade para conversar com amigos antigos, deixados na Grécia, embora só o faça raramente. Para ele, as experiências vivenciadas pelos amigos os marcam mutuamente, apesar de se afastarem, em alguns casos. De maneira geral, defende que os amigos com os quais se mantêm esporádicos contatos não sobrevivem. Assim, considera a proximidade física importante – mas não indispensável – para a manutenção das redes de amizade, além de identificar a intimidade entre os amigos como fator

preponderante para a continuidade das mesmas, ressaltando inclusive a intimidade no quesito financeiro.

Athamas não manteve amigos em seu país de origem, como a maioria dos demais participantes, mas tem 'conhecidos' lá. Como não pretende residir novamente na Grécia, acostumou-se a viajar nas férias, a fim de visitar familiares. Amigos próximos o acompanham nessas viagens, e contribuíram para que o participante decidisse separar os dois momentos: ou vai para sua terra natal para visitar os familiares, ou vai atuar como cicerone para os amigos, para que possa destinar atenção integral em ambos os casos.

Eurídice aponta que é difícil retomar amizades antigas que se perderam no tempo. Em sua opinião, se a distancia passou a existir mas os amigos mantiveram contato, a amizade pode perdurar, caso contrário, o laço não suporta a falta de interações entre os envolvidos.

A esposa de Anteros possui irmãos na Grécia, enquanto ele tem apenas primos. Os primos são considerados amigos. Enfatiza que também existem imigrantes brasileiros na Grécia, como forma de contrapor a existência de muitos gregos no Brasil. Deixou alguns amigos, e afirma que os mantém, embora nunca mais tenha interagido com eles. Os encontros acontecem com seis amigos mais íntimos apenas, e raramente colocam-se em contato.

Destarte, tem-se que os gregos que migraram são vistos como bem-sucedidos e tratados de maneira peculiar na Grécia, uma vez que foram capazes de se aventurar no mundo e alcançar o sucesso que a maioria que optou por ficar na Grécia não conseguiu.

Como visto anteriormente, com vinte e um anos os rapazes são obrigados a servir as Forças Armadas gregas. Nessa idade, Kairos era marinheiro da Marinha Mercante, Primeiro Oficial da marinha de guerra e, como tal, deveria servir sem salário. Por esse motivo e aliado às suas pretensões de ser bem-sucedido financeiramente, optou em recusar o chamado do exército grego. Após a Segunda Guerra foi necessário buscar trabalho em outros países, já que não havia condição de desenvolvimento profissional na Grécia recém devastada pelo conflito. Por esse motivo Kairos migrou para o Brasil.

4. AMIZADE E COMUNIDADE NO EXTERIOR

A existência de uma comunidade de pessoas de um mesmo país é um ponto característico do ambiente de migração. No caso do presente estudo, esta comunidade não apenas representa as pessoas de uma determinada nação reunidas em um outro país, mas desenvolve-se no sentido de servir de um centro de atividades e de compartilhamento da cultura grega, de forma democrática para gregos e brasileiros.

4.1 A Comunidade Helênica: Organização e Missão

O consulado grego no estado existe desde 1985, segundo informações do próprio Consulado, atuando ativamente junto aos migrantes desde 1993, quando

o pai de Eurídice tornou-se o primeiro cônsul honorário da Grécia em Vitória. Por motivos burocráticos, permaneceu fechado durante um tempo, reabrindo no ano de 2006, tendo como cônsul o esposo dessa participante, que é brasileiro.

Em relação à Comunidade Helênica no estado do Espírito Santo, tem-se os números dos membros que são registrados como integrantes da Comunidade, pois não existe um registro definitivo dos gregos aqui. Conforme a participante, eles sabem da existência dos gregos no estado através do acompanhamento com o número de gregos que são membros, que freqüentam a comunidade, e por meio dos gregos que vão ao Consulado agora que ele passou a existir, para fazer procuração, enviar documentos para a Grécia.

Dessa forma, descobriram que há “[...] muitos gregos que vêm ao Consulado que a gente não tinha nem idéia de que existia pela comunidade. Não fazem parte da comunidade porque moram em outra cidade”. Esses gregos que moram no interior procuram os representantes legais da Grécia no estado para encaminharem documentos quando necessário, não sendo contabilizados como gregos que moram aqui. Nesse sentido, os números são baseados nos membros cadastrados na Colônia, embora se saiba que são muito mais no estado. Sabe-se que há gregos, nascidos na Grécia, de primeira, segunda e terceira geração. Assim, estima-se que há cerca de 300 gregos, entre gregos nascidos na Grécia e gregos-brasileiros nascidos no Brasil.

A Comunidade foi criada como instituição em 1992 e teve seis professores desde então. A instituição deve requerer a vinda de um agente grego. Em determinada época ficaram sem esse enviado grego porque ninguém havia se

disponibilizado a vir para cá. Trata-se, então, de uma maneira da administração grega manter a cultura do país em outra nação.

Existem diversos programas, secretarias e organizações não-governamentais na Grécia que zelam pelos gregos no exterior, apoiando-os de modos específicos. Praticamente em todos os países onde existem gregos há também Comunidades gregas. No Brasil são quinze (<http://www.consulados.com.br/grecia/>) Colônias disseminadas em todo o território nacional, constituindo “[...] uma forma de continuar... o helenismo fora da Grécia”, de acordo com Eurídice.

O professor que atua na escola grega atualmente chegou ao Brasil em 2008, e pode permanecer por aqui com subsídios do governo grego por cinco anos. Os dois primeiros anos são normais, depois ele precisa pedir revalidação até o quinto ano, caso queira permanecer pelo tempo máximo permitido. Caso os membros da Comunidade desejem que o mesmo professor permaneça na escola pelo bom trabalho realizado, devem solicitar sua permanência ao governo grego. Nem sempre é autorizada sua continuação no país, pelo fato de haver uma lista de espera de pessoas querendo atuar como professores gregos em outros países, principalmente no Brasil.

O governo grego envia um professor para todos os países em que existem gregos, a fim de estimular a cultura grega aos conterrâneos e descendentes que residem fora da Grécia, visando a preservação das tradições e dos costumes em terras estrangeiras, isto é, favorecendo a conservação da Grécia e de sua participação no cenário internacional. No entanto, o governo viabiliza financeiramente sua estadia por cinco anos. Caso opte em permanecer no país,

pode se desligar do programa governamental, tornando-se responsável por sua moradia. Percebe-se que há no governo grego a preocupação em manter a identidade cultural da nação.

A presença do professor responsável pelas atividades na Comunidade na época da pesquisa foi citada por todos os participantes, por perceberem as mudanças advindas com sua chegada, uma vez que, por tarefas diárias de todos e por estarem em novas gerações de gregos-brasileiros – como são chamados os filhos de gregos nascidos no Brasil –, as atividades haviam sido consideravelmente reduzidas. Eurídice faz questão que seus filhos participem das atividades da Comunidade, embora compreenda que exista redução – a cada geração – na manutenção da cultura grega. Afirma que os eventos promovidos pela Colônia, como a ‘Noite Grega’ e a ‘Semana Grega’,

[...] é uma maneira também da gente expor a nossa cultura pra quem é interessado, de uma maneira não tão lúdica, não como nas escolas, né, e tal, mas a diversão, nossa comida, nossa música, nossa dança... E também é uma maneira da comunidade se manter, que através dessa festa ajuda a comunidade a se manter também, né... Com o dinheiro a gente vai mantendo a comunidade... Porque a comunidade, assim, ela tem o suporte de livros, de coisas, mas ela não tem o suporte econômico desse órgão do governo lá. Apoia de outras maneiras, né... mas não financeiramente, né?!

Para difundirem mais suas atividades, realizam anualmente uma Semana Cultural Grega, na qual juntam objetos, fazem pratos típicos, promovem danças e cantos gregos, além de palestras gratuitas; e a Noite Cultural Grega, no dia 28 de outubro, em que os costumes são apresentados em uma única noite. É uma maneira descoberta por eles para ensinarem a história sob outro aspecto.

Ressalta-se aqui, que o objetivo principal da Comunidade Helênica no Espírito Santo é promover a continuidade da cultura, dos costumes e das tradições helênicas no exterior.

4.2 A Comunidade Cultural

Surgiu dessa motivação principal, a criação da Comunidade Helênica do Estado do Espírito Santo, com o intuito de direcionar os gregos à uma estrutura sociocultural que os aproximasse da pátria-mãe por meio do idioma, do contato com conterrâneos, de hábitos e atividades peculiares. Em suma, o resgate de sua identidade cultural em meio à adaptação de si mesmo a novos costumes e valores. A maioria dos entrevistados reconhece que os gregos da Comunidade Helênica no Espírito Santo também são passíveis de conflitos nas relações, ainda mais estando

[...] todos juntos, ao mesmo tempo. E grego, você já viu lá na Comunidade, um monte de grego falando grego, vai dizer logo: “*tão brigando*”. Não estão brigando. Grego fala alto e faz muito gesto, então... Entra em conflito, vão dois, conversam, chama os outros, e daqui a pouco *tá tudo bem* outra vez (Tacita).

Em momento algum os participantes se opuseram à aprendizagem dos novos costumes. Todavia, fizeram questão de preservar as tradições gregas e, para isso, incentivaram e participaram ativamente da instituição da Comunidade Helênica no estado do Espírito Santo, sendo que a dedicação, o empenho e o envolvimento ocorreram sob diferentes intensidades. Grata pelo acolhimento, e com o intuito de apresentar sua cultura para seus amigos brasileiros, Tacita queria

juntar nosso povo pra mostrar pra amigos brasileiros o que a gente fazia... A gente levava amigos brasileiros pra nossas reuniões. Brasileiro sempre *foi* nossos amigos, então a gente queria que ficasse com a gente também. [...] Até hoje meu marido tem amigos dos primeiros dias dele aqui no Brasil.

Por outro lado, a comunidade oferecia a ela a proximidade com seus costumes originais, garantindo-lhe identificação com sua pátria-mãe. Sob esse aspecto, “[...] só o fato de ser patricio, ouvir a língua, era muita coisa pra gente. A tua mãe-pátria, tua terra... muito mesmo. A comunidade quando foi feita, o motivo da comunidade é esse, de *tá* em contato”. A Comunidade tornou-se capaz de fornecer aos gregos migrantes familiaridade com o país de origem, gerando aproximação entre os membros, que se dizem amigos, apesar de não o serem realmente.

Ícaro se felicita por ser conhecido pelos dois povos, gregos e brasileiros, e por saber que é querido por ambos. Gosta dos encontros realizados na Comunidade, visto que é o momento em que revivem os costumes gregos de maneira mais próxima ao que viviam na Grécia.

Apesar da Comunidade Helênica capixaba ser pequenina, Eurídice a considera muito forte e muito ativa. Desde sua fundação, é caracterizada pelo dinamismo de seus participantes, que se dedicam ao crescimento do local. É um local aberto e gratuito, ansioso por visitantes brasileiros desejosos por conhecer aspectos culturais gregos.

Athamas declara que é natural que haja redução nas atividades da Comunidade e nas tradições gregas, ainda mais por ver concepções diferentes entre os conterrâneos. Para ele, alguns pilares da Comunidade trabalharam intensamente para que houvesse um pedacinho da Grécia no Espírito Santo. Todavia, esses “[...] gregos diferenciados” estão partindo, “e o dia que ele partir, com certeza, eu vou sentir a falta dele, porque... pessoas como ele, se a comunidade tivesse mais um, dois com ele, seria diferente. A comunidade deve

muito a ele”, diz, em referência específica a um grande amigo, fundador e mantenedor da Colônia.

Athamas aponta que, considerando o número de gregos residentes no Brasil e comparando com a probabilidade de estar com algum brasileiro, viu-se envolvido em maior número com os brasileiros. Declara ainda, que a família formada aqui o envolve ainda mais com as pessoas daqui, contribuindo para que se sinta ainda mais brasileiro. Para ele, é natural que as próximas gerações de gregos no estado não se esforcem para manter os costumes e a Comunidade como era antigamente. Assim, o

[...] professor conseguiu, na escola, fazer as danças, a Igreja... Conseguiu atrair muitos jovens, mas não da forma que era antigamente. Porque antigamente... Da mesma forma que era eu que tinha três filhos, botava os filhos dentro do carro, e vão embora. Hoje, cada um tem sua esposa, tem sua namorada, tem o seu filho... E é difícil você chegar e... não é dominar... é conseguir você seguir os costumes na íntegra, como eu, que sou grego nato.

Athamas declara que o ambiente entre seus conterrâneos favorecia a conservação dos costumes e propiciava características gregas em terras brasileiras, o que amenizava a saudade de sua terra. Ele, especificamente, faz questão de afirmar que os maiores auxílios financeiros que recebeu vieram de brasileiros, a quem é grato.

Com os gregos, Vanilia descreve que não se tratam de amizades, mas de um vínculo familiar. Ainda assim, não tecem redes de amizades entre si. A Comunidade os aproxima pela identificação cultural, e em virtude da manutenção da mesma. Para ela,

amizade, não, os gregos aqui são uma família. Que através da Comunidade, quando a gente se junta lá, é uma família. É um sentimento maior ali porque ali a gente é... na Comunidade parece que você está na sua pátria. Fala o grego, né, come as comidas gregas,

doces, as *crianças canta*, a missa que é rezada em grego... É um pedacinho da Grécia.

Nota-se que os gregos construíram a Comunidade Helênica com o intuito maior de resgatar e nutrir características compartilhadas pela cultura e pela etnia longe de sua nação. Trata-se da emergência comumente apresentada por estrangeiros de buscarem sua identidade cultural em uma nação diferente, que pode ser considerada como estranha e distante nos primeiros anos de migração. Nesse sentido, a identidade cultural é um processo dinâmico e de contínua construção, que se nutre através de fontes diversas no espaço e no tempo, tendo como reduto para os entrevistados a Colônia Helênica sediada em Vitória.

Por diversos anos antes que houvesse um espaço físico destinado à Colônia Helênica, as festas com os compatriotas aconteceram em sua residência, o que é motivo de orgulho para Minos. Partiram dele algumas iniciativas que são mantidas atualmente na Comunidade, como a 'Noite Grega'. Representante da segunda geração grega no Brasil, os anseios de Minos em relação à sustentação das tradições gregas são intensos, o que faz com que ele exija bastante dos filhos e dos netos. Gosta de conhecer os professores e padres que são enviados ao Brasil pelo governo grego, para estar ciente do ensinamento que será transmitido às crianças.

Assim como para Minos, um dos maiores motivos de orgulho para Anteros consiste nas visitas que os amigos brasileiros fazem à Comunidade Helênica do Espírito Santo. Aulas de música, do idioma e de danças típicas entre outras, são oferecidas ao público em geral. Além disso, todos podem participar das comemorações gregas ao longo do ano, presenciando tradições e costumes

mantidos pelos membros da Comunidade, como a quebra de pratos, o coral com músicas líricas e as apresentações peculiares.

4.3 A Comunidade Religiosa

Cerca de noventa por cento dos gregos são ortodoxos, o que fortalece a religião na Grécia. Os demais são católicos, evangélicos, muçulmanos e judeus. Após suas duas independências – como gostam de considerar –, os estrangeiros que ficaram eram de religiões que não a ortodoxa. Segundo Eurídice, a história grega está ligada à religião e, conseqüentemente, caminha junto ao Estado. Comumente também enviam um padre para os países que acolheram os gregos. Todavia, os padres são em número menor do que os professores, de modo que o padre que atende o Espírito Santo vem do Rio de Janeiro uma vez por mês. Eurídice denota que

[...] a religião continua através das comunidades, de outras instituições não-governamentais que são as federações. As comunidades formam as federações, aí tem representantes de federações de todos os estados do Brasil, um presidente da federação, que aí tem um presidente da América do Sul, da América Latina, nas Américas, e aí vai. Depois você tem as oficinas que eles chamam, que são grupos, um outro tipo de organização que dá apoio aos gregos no exterior, e o governo tá sempre por trás através dessa secretaria, dando apoio. Às vezes apoio financeiro, apoio com representantes lá, acatando, levando sugestões de gregos do exterior para a Grécia...

4.4 A Comunidade Social: Relacionamentos e Amizade

Tacita argumenta que a existência da Comunidade facilita a manutenção da rede social entre os gregos do estado, na medida em que é um lugar específico, com arquitetura semelhante, com horários pré-definidos para os encontros entre os gregos, e com atividades oriundas da cultura deles. Relaciona-se com ambos os sexos atualmente e, apesar de não haver distinção demarcada de gêneros, homens costumam ficar próximos de homens, e mulheres de mulheres, assim como era quando criança. Atribui a isso semelhanças de gosto, de assunto e de atividades normalmente preferidas em cada sexo.

Sob outro aspecto, a situação econômica dos envolvidos tornou-se, no caso dos gregos que vivem no Espírito Santo, segregadora dos círculos de amizade. Athamas afirma que, nos primeiros anos da Comunidade Helênica no estado, o grupo de amigos em comum era maior. Com o decorrer dos anos, e com o crescimento profissional e estabilização financeira de alguns membros da Colônia, naturalmente os núcleos de amizade foram se refazendo a partir da situação social de cada um, de modo que

[...] cada pessoa criou o seu círculo de amizade. [...] Eu tenho alguns amigos que nós começamos desde a década de 80, quando nós chegamos aqui, que cresceram. Outras pessoas não conseguiram ter o mesmo progresso na vida, outros conseguiram, outros não conseguiram. E nós percebemos ao longo desse tempo, aquilo que eu falei anteriormente. Algumas pessoas que não conseguiram progredir muito, eles mesmo se afastaram porque não conseguem acompanhar. Às vezes você se restringe a fazer uma visita na casa, vem na sua casa. Só que a amizade não se restringe a fazer visita.

A Comunidade Helênica tem para Anteros, dentre outras atribuições, a função de promover encontros entre amigos, mantendo as amizades entre os envolvidos. Ressalta-se aqui, que gregos e brasileiros encontram-se nesse

espaço, onde atividades e costumes da cultura grega são mantidos. Percebe-se, assim, que, para o participante, o espaço físico apresenta-se como mantenedor das possibilidades de continuidade dos relacionamentos, ao passo em que promove encontros entre os envolvidos.

A Comunidade propôs, então, interações sociais vivas e significativas, em um espaço próprio para que se elaborem informações e se desenvolvam relações. No caso dos entrevistados, demarca a continuidade e a transmissão de sua cultura original e a construção de novas identidades dotadas de características brasileiras. Assim, para Anteros, “a comunidade é importante também, ela mantém”.

Em suma, a Comunidade Helênica tornou-se um espaço para confraternização greco-brasileira, visto que os participantes se sentiam à vontade nesse ambiente, que reproduzia os costumes e a vivência da terra-mãe, para convidarem os amigos conquistados aqui. O professor responsável pelas atividades na Comunidade à época da pesquisa foi muito elogiado, “esse professor é muito bacana. Dinâmico, todo mundo gosta dele. Mexeu muito na comunidade desde que chegou, fez muito bem. Animou de novo, chamou jovens, filhos de gregos que não *tavam* muito interessados, né?!”, afirma Anteros, que faz questão de lembrar que sua esposa ministrou aulas na Colônia em seus primórdios capixabas.

Tacita reconhece que a Comunidade favorece o entrosamento entre os gregos e faz com que todos se considerem ‘amigos’ uns dos outros, embora não exista de fato, tal vínculo. As danças, as comidas típicas, a música, o coral, o idioma e demais itens culturais aproximam Vanília de sua pátria-mãe e,

consequentemente, dos patrícios. Todos na Comunidade se conhecem mutuamente e, apesar de não estabelecerem relações de amizade, se referem ao outro como amigo. Quando não estão entre si, porém, admitem que não compõe o que, realmente concebem por amizade. Dessa forma, a existência da Comunidade favorece a relação de amizades entre os gregos

[...] porque aproxima. Vão lá com o mesmo... objetivo. Objetivo de ir lá pra falar a língua, pra ver os amigos, conversar, pra saber o quê que houve... É um pedacinho da Grécia aqui. Tem as danças, os pratos, a música, o coral... É um pedacinho da Grécia aqui na Comunidade. Lá tem tudo.

O nome de Kairos foi dado ao coral da Comunidade, homenagem que o deixa orgulhoso de sua história no Brasil, sem jamais ter esquecido de suas origens. Demonstra grande satisfação ao identificar que pessoas de diferentes faixas etárias preocupam-se com seu bem-estar, e lhe oferecem carinhos que reconhece como sinceros. Desse modo, “não é por acaso que (*o coral*) tem meu nome... Sou amigo de todos, comecei tudo ali. Juntei todo mundo, *fiz se conhecer*”. Sente-se responsável pela criação de redes de interação e de relacionamento entre os membros da Colônia grega, já que “coloquei a Comunidade pra funcionar”. Novamente aparece aqui a pouca diferenciação que os gregos fazem entre os termos amigos e colegas, apesar de não se abrirem para todos os ‘supostos amigos’.

Kairos é um dos gregos da primeira geração, isto é, um dos primeiros a escolher o Espírito Santo para viver. Por essa razão, foi um dos fundadores da Comunidade Helênica, uma vez que sentia necessidade de aproximar-se da grécia, embora morasse em outro país por opção. Conhecedor dos gregos que

frequentam a Comunidade, afirma que “se eles não são amigos comigo, não são com ninguém”, ciente de sua importância no seio cultural grego-brasileiro.

Para ele, suas amizades com os brasileiros surgiram de maneira mais natural. Assim, “cada grego... seu ciclo de amizade que tinha, se *restringiu* na comunidade. Algumas pessoas que *tinha* por fora, esporadicamente em alguns eventos, poderia se tornar, mas amizades de cada grego *era* individuais e com sua família.”

Sob esse aspecto, as amizades gregas de Stafilos começaram e são mantidas através da comunidade, e seu contato com esses amigos restringe-se aos encontros na Colônia, como descrito pela maioria dos participantes. Sua família, uma das famílias gregas pioneiras no estado, sempre foi bem relacionada, de acordo com seus relatos, por contribuir imensamente com a formação da Comunidade e tudo o que essa passou a oferecer, de forma que “[...] isso tudo fazia a gente ter um ótimo relacionamento dentro da comunidade... maravilhoso”.

Daí a importância da Comunidade – subentende-se as amizades e as companhias – na vida de Tacita e de outros participantes: promover aproximação cultural. As atividades normalmente realizadas entre os amigos gregos antes da construção da Colônia Helênica, eram festas nas residências.

Em relação às amizades de Tacita com gregos tecidas em solo brasileiro, a Comunidade as favoreceu, uma vez que o motivo inicial da criação desta foi promover o contato entre os compatriotas.

Atualmente Vanília comunica-se, quando possível, com seus amigos gregos aqui no Brasil mediante a Comunidade e telefonemas, visto que possui compromissos diários que, somados às obrigações dos amigos contribuem para

que não consigam facilmente encontrarem-se. Logo, a Comunidade surge como facilitadora dos encontros entre os amigos, já que todos mantêm o costume de frequentarem o espaço físico.

Vanília apresenta a necessidade da preservação do grupo como um espaço físico e emocional de apoio. Tratam-se dos apoios instrumental, emocional, material e informacional comumente visto nas relações de amizade.

Não apenas Anteros, mas todos os demais entrevistados afirmaram que são amigos de todos na Comunidade, apesar de comentarem que comumente discutem entre si, fato que não ocorre entre eles e suas amigadas brasileiras. Encontrar compatriotas favorecia a redução da saudade da pátria, de forma que as amigadas com gregos tornaram-se necessárias para manter a tradição grega em um novo país.

Analogamente, para Minos, manter amigadas com patrícios foi fundamental para que se adaptasse ao Brasil. Seus amigos brasileiros contribuíram imensamente para que se organizasse e compreendesse o ritmo de funcionamento da sociedade brasileira; seus amigos gregos o confortaram afetivamente, em detrimento da saudade que sentia de sua terra de origem. Assim, acredita que é a amizade que mantém a comunidade grega unida em terras capixabas, visto que

isso não deixa perder a nossa cara, nosso contato, nossos costumes. [...] E nós nos reunimos toda quarta-feira na comunidade exatamente pra saber das novidades de cada um, e o ponto de vista cada um. Outra coisa que falam é que dois gregos são três patrícios: um pra um, outro pra outro, e um pros dois, porque nós não nos sujeitamos. Cada um tem opinião própria, defende, discute e vê no que dá. Mas se alguém falar contra nós, ou contra o país, a gente se une contra aquele que falou de um de nós ou da própria Grécia.

4.5 A Comunidade Social em Rede

Uma das características da comunidade grega investigada é o seu funcionamento em rede, de modo que os contatos passam de membro a membro.

Por tradição e por costume – visto nessa pesquisa entre os participantes da primeira e da segunda geração –, “se você é minha amiga, meus amigos gregos te recebem por isso. Eles sabem quem eu sou e quem eu escolho, então se abrem pra você também por minha causa”. Amizades podem acontecer a partir de algum mediador, para os gregos. Por considerarem uma pessoa como amiga, e por saberem que essa pessoa compartilha os valores de confiança e desinteresse que todos prezam, abrem-se para o acompanhante do amigo, ainda que não o conheçam. Tal situação foi experimentada durante a busca dos participantes.

Na opinião de Minos, o critério mais importante para selecionar seus amigos é que estes devem ser apresentados por uma pessoa conhecida e amiga, a fim de que ele sintasse-se suficientemente seguro para comunicar-se e envolver-se com eles. Afirmo tentar tratá-los “[...] como sendo amigo meu de muitos anos”.

Ícaro também é um dos gregos mais antigos no Espírito Santo envolvido com as atividades da Comunidade, e conhecido pelos gregos do Estado. Curiosamente, enquanto ocorria a entrevista, parou para atender o telefonema de um amigo grego, Minos, que seria entrevistado a seguir. Esse amigo que conheceu em terras brasileiras aceitou prontamente o convite para realizar a entrevista, principalmente após saber que Ícaro já havia aceitado também. Identifica-se aqui o costume dos gregos mais antigos de tornarem-se ‘amigos’ de

uma pessoa simplesmente porque seu amigo é amigo dela, conforme descrito anteriormente.

Destaca-se ainda que, embora o grego goste de receber em casa, muitas vezes é necessário que um outro grego realize as apresentações de pessoas novas, para que essas sejam aceitas em determinado grupo. Decorre daí, segundo Eurídice, que muitos estrangeiros que moram na Grécia não conseguem construir laços com os gregos de lá, visto que “[...] o grego tinha essa condição desse meio que defesa, aí a pessoa também se defendia, e isso nunca era quebrado. Então essas pessoas normalmente tentavam fazer o quê? Só se relacionar com outros estrangeiros”.

Nos anos em que morou na Grécia, Eurídice observou a dificuldade que os estrangeiros encontravam para adentrar um reduto grego, fosse uma escola, restaurante ou qualquer outro ambiente. Chegar ao país com referências de um grego que habita no Brasil ou na própria Grécia costuma facilitar as ações cotidianas desse estrangeiro em terras gregas. Em suma, Eurídice define da seguinte maneira o modo desconfiado dos gregos com as amizades:

quem vai pra Grécia... Por um lado o grego vai chegar “oi, Lorena, tudo bem?!”; ou “essa é a Lorena, eu a conheci”, aí eles “oi, Lorena, tudo bem, vem tomar um café, uma água, você precisa de alguma coisa?”. Aí, tudo bem. Vai te dar uma... Você vai ter uma boa recepção. Mas dali pra frente pra você... Vai te botar na casa dele, você vai comer da comida dele, mas na vida dele, vamos dizer, no sentimento dele, você não entra, né?! Naquela coisa interior. Naquela coisa exterior... Mesmo que na casa dele... ele te põe dentro da casa dele, mas pra aquilo ali, ele é... sabe?!

Minos aceitou de imediato participar da pesquisa em questão, após receber um telefonema de um amigo grego. Desse modo, embora tenha se portado de modo receptivo, hospitaleiro e amistoso, saber que um de seus amigos conterrâneos já era amigo do entrevistador facilitou o contato inicial. Todavia, o

mesmo não ocorreu com os demais participantes, que mostraram-se solícitos ao contato realizado diretamente pela entrevistadora. O fato de um conhecido apresentar uma outra pessoa encurta o caminho de análise e facilita o início de uma amizade, para alguns gregos.

4.6 A Comunidade Social: Dificuldades

A existência de uma comunidade grega em Vitória não significa que todos os gregos vivam em plena harmonia entre si.

No que se refere às suas primeiras amizades gregas em terras brasileiras, Kairos não se sentiu à vontade com esses conterrâneos, apesar de, outrora, ter trabalhado com eles. Quando declarou que estava decidido a ficar no Brasil, estes não o acolheram; ao contrário, manifestaram incômodo pela sua presença, pois o reconheceram como ameaça. Kairos relata esse episódio da seguinte maneira:

cheguei lá no Rio, eu tinha alguns conhecidos lá no Rio... fornecedores de navio de origem grega. Perguntaram: “com que navio você está?”, falei “não estou com navio nenhum, não. *Eu veio* para ficar no Brasil”. Eles ficaram apavorados. “No Brasil *aonde?*”; “é, não sei”; “aqui no Rio, não?”; “não sei, tem que ver”. Porque eu era concorrente forte, você entendeu... comandante... “Vai se envolver com agência, com fornecedor, qualquer coisa em torno dos navios... então nós vamos ter concorrente forte”. Então me falaram: “ah, você sabe de uma coisa? Tão abrindo porto Vitória, Tubarão”. Era pra ser inaugurado Tubarão. “Vitória? Ah, tudo bem”. Peguei o ônibus, era mais economia, né?!

Com o decorrer dos anos, Ábaris tornou-se apenas visitante do espaço grego em Vitória, mantendo relações cordiais. No que tange à amizade, destaca a diferença que considera entre amigos e conhecidos, fato que será tratado adiante, denotando que “[...] hoje se você me disser assim, “hoje você tem algum amigo

grego?”, eu vou te dizer assim, eu tenho conhecidos, certo?! [...] são conhecidos. Eu tenho entre meus conhecidos, entre pessoas que me relaciono, carinho”, não classificando-os dentro de seu rol de amigos.

Não obstante, Athamas destaca que alguns patrícios que já estavam no Brasil quando ele chegou eram revestidos de prepotência, egoísmo e ignorância, afastando-se naturalmente deles. Para ele, é normal que alguns alcancem maior sucesso do que outros, o que fez com que pessoas que obtiveram conquistas semelhantes tenham se aproximado mais do que outras. É o que denomina de ‘proximidade econômica’ gerando maiores possibilidades de atividades em comum, favorecendo redes de amizade.

Athamas, por sua vez, mostra saudosismo ao relatar as amizades entre gregos no Espírito Santo em virtude de identificar, nos últimos anos, consideráveis alterações no modo como as redes de amizade se configuraram em sua visão. Para ele, questões comerciais contribuíram para modificações nas relações entre alguns de seus conterrâneos:

então, até *na* década de 85 (1985), mais ou menos, era todo mundo unido. A gente tinha muitas semelhanças, os amigos. Assim, os gregos e os brasileiros. Mas, é... de lá pra cá, quando começou entrar o dinheiro, no meio, começou aparecer aquelas pessoas que produziram mais, produziram menos...

Em sua opinião, tornou-se mais restrito construir amizades com gregos no Brasil em virtude das diferenças de valores entre os próprios gregos. No país de origem, segundo Eurídice, existem os costumes locais que adentram nos costumes nacionais. Dito de outro modo, Eurídice não conseguiu conviver com as diferenças marcantes existentes entre os patrícios, de forma que não criou laços reais de amizade com eles. Por conseguinte, poucos foram os relacionamentos

realmente estabelecidos entre ela e gregos residentes no Espírito Santo, acostumando-se a apenas interagir momentaneamente com a maioria dos patrícios.

Contudo, a participante afirma que “eu procuro sempre ter... ter um relacionamento excelente. [...] Agora, você sabe, não é sempre... sempre (*um sorriso*), como todo lugar. Mas nós *tamos* muito bem na comunidade”. Em complemento a isso, afirma que gosta dos membros da Colônia, embora não os considere amigos de fato.

É evidente a não proximidade de Ábaris com seus patrícios. Os gregos, de forma geral, convivem com seus patrícios, embora não exista amizade entre todos. Já Eurídice faz questão de ressaltar que o grego é bem hospitaleiro, por um lado. Todavia, como dito anteriormente, por razões históricas o povo grego não se sente à vontade nos relacionamentos. Para ela, esse fator contribui para que exista relativa dificuldade na

[...] relação de estrangeiros com os gregos. É... Não dos gregos com os gregos, porque gregos com os gregos mais ou menos pensam da mesma maneira. E aí depois você vê diferença entre, né, personalidade e afinidade. Agora, de cultura, né, de uma cultura pra outra... [...] O grego tem um pouco disso, sabe?! Ele fica sempre assim... Ele é desconfiado. [...] O grego, em relação a isso, eu acho que é um ponto que dificulta e que dificultou, sim, relacionamentos meus. Não relacionamentos que vieram através de outras pessoas, relacionamentos de famílias, né... Relacionamentos novos meus, que, sabe, tanto da minha parte, porque eu já sabia como eles eram, então eu também... você aprende a se defender, então você não se abre tanto... e como da parte deles. Mas... assim, dependendo do tipo de pessoa você consegue quebrar isso.

5. AMIZADE E DEMOCRACIA

No contexto migratório, a ideia de democracia está na não distinção entre pessoas da mesma nacionalidade ou do país como amigo. Giddens (2002) também trata da democracia nas relações interpessoais, especificamente no caso dos relacionamentos românticos.

Ábaris conhece indianos e árabes e, embora historicamente existam conflitos entre judeus e árabes, possui amigos de origem árabe, cuja aproximação é maior que com os próprios gregos.

Segundo Stafilos, “nós somos educados que não somos donos e nem a religião é dona também. Então, não temos problema”. Logo, em linhas gerais, a religiosidade não interfere diretamente na formação de novas amizades.

Ícaro afirma não fazer distinção entre o nível social das pessoas, sendo também amigo de seus funcionários por sentir-se bem em meio a eles. Destaca, todavia, que existem amigos em intensidade diferente, ao que tenta explicar utilizando os termos colega, amigos, e amigos (com ênfase na palavra). É o único participante que utiliza o termo ‘colega’.

Tacita não faz qualquer distinção entre nacionalidades diferentes, assegurando que amizade não depende do país de nascimento, mas das afinidades desenvolvidas entre as pessoas. Apesar de observar muitas semelhanças entre a cultura helênica e a brasileira, é ciente de que cada país cria seus valores e tradições específicos, o que torna cada nação peculiar em relação a outra. Contudo, preferiu não evidenciar as diferenças entre as duas nações,

classificando suas amigadas gregas e brasileiras como excelentes, respeitando as especificidades de cada uma.

Vanília procura não comentar diferenças entre sua maneira de conceber a amizade entre brasileiros e gregos, embora, ao longo de seus quase cinquenta anos de Brasil, tenha intermediado as relações entre as duas nacionalidades na Comunidade Helênica. Reconhece que os gregos possuem formas peculiares de interações entre si, o que pode gerar compreensões equivocadas daqueles que não conhecem os costumes de seu povo. O modo altivo de falar e gestos enfáticos contribuem para a construção da visão de que os gregos discutem constantemente entre amigos. Ressalta-se que, para ela, não faz diferença ser amiga de brasileiro, grego ou de qualquer outra nacionalidade. Assim, declara que “é amigo, é amigo. Tem tanto amigo por aí... Eu saio, muita amiga. Gente que eu conheci no banco, que conheci ali. Amigas maravilhosas”. Apesar de tal afirmação, seus amigos estão distribuídos entre as duas nacionalidades tratadas nessa pesquisa.

Mediante sua história de vida, a amizade configura um relacionamento de extrema importância para Ícaro, em virtude de ter vislumbrado nas relações construídas ao longo de sua vida, a possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Por não ter sido criado em um reduto familiar, os amigos foram fundamentais para que se sentisse habituado nos locais por onde passou desde a infância. Por esse motivo, destaca que não diferencia amigos, não separando suas amigadas com conterrâneos ou demais nacionalidades.

Para Tacita, os anos no Brasil a tornaram menos grega, se assim pode ser dito, o que gerou mescla com o fato de ser grega em terras brasileiras. Nesse

sentido, respeita as características nacionais e também seus costumes nativos, visando mantê-los em comum acordo para si, seus familiares e amigos, seja aqui no Brasil ou lá na Grécia. O que importa na relação, segundo a participante, é que se sinta bem e segura na presença da outra pessoa. Assim, independentemente da nacionalidade,

[...] aqui dentro (*coloca a mão no peito*), é tão amiga quanto as outras. [...] As amigas que eu tenho aqui, quer dizer, as quatro, e... cinco, seis que eu tenho lá... eu me sinto do mesmo jeito. Muito amiga, bem à vontade. Só que eu *convivo mais* as de cá do que as de lá, né?! Mas, é... quando é amiga, é amiga. Eu não sei se isso vem delas ou... porque eu, como já disse, porque eu trato todo mundo bem, mas amizade é amizade. Então, isso... eu acho que depende da gente também, né?!

Vanília afirma que não faz distinção de nacionalidade na formação de suas amizades, como verificado em todos os participantes. No entanto, indubitavelmente deve haver desinteresse nas mesmas. Assim, “se você tem um amigo, é porque você *ama ele*. Você não pensa: vou fazer aquele amigo porque pode talvez ele me dê isso, entendeu?! Desinteresse total. As minhas amizades são assim”. Consciente de que seus critérios de seleção contribuem para que não tenha amplo círculo de amizade, é enfática ao assegurar que os amigos que possui abarcam as características que julga essenciais, concedendo-lhe tranquilidade nos respectivos relacionamentos.

Ícaro não aponta diferença na maneira com a qual se relaciona com amigos gregos e brasileiros, apesar de identificar peculiaridades na expressão acerca dessa temática por cada cultura. Assim, diz que as primeiras amizades estabelecidas em terra nacional foram construídas naturalmente, com a proximidade característica do brasileiro, segundo o participante. Possui mais amigos brasileiros por estar no Brasil, não fazendo distinção entre os amigos e

suas respectivas culturas. Sabe que o modo de portar-se é variado com gregos e com brasileiros, ou com qualquer outra nacionalidade que se torne sua amiga. Entre os gregos “[...] sou Ícaro; pra brasileiros, sou ‘grego’”.

Pelo número reduzido de gregos no Espírito Santo, especialmente Stafilos, Ábaris, Athamas, Ícaro e Vanília reconhecem que possuem mais amigos brasileiros do que gregos, embora acreditem que apenas o fator quantitativo não gere tamanha limitação. Dessa forma, Stafilos declara que “não privilegio os gregos. Então, amigos meus de verdade são muito mais brasileiros. No caso de não ter quantidade suficiente de gregos, não vou privilegiar também. Se eu tiver diferença com grego, vou falar”. Sob essa ótica, em sua opinião, amigos devem ter assuntos e gostos em comum para que a amizade se mantenha.

Os maiores amigos de Vanília são os que construiu aqui, das duas nacionalidades principais em questão. Destaca que, atualmente, possui mais amigos brasileiros que gregos, em virtude das amizades dos filhos, que são nascidos e criados aqui. Logo, “[...] os amigos deles são amigos nossos também. A gente vê diferença por causa da nossa idade, mas são amigos. [...] Tem amigos que ainda frequentam aqui, desde aquela época”.

Os amigos de Athamas são gregos e brasileiros, não tendo estabelecido amizades com pessoas de outras nacionalidades, identificando mais semelhanças que diferenças culturais entre gregos e brasileiros. Para ele, amigos se revelam nos momentos difíceis, afinal, receios e temores compartilhados com amigos tornam-se mais facilmente enfrentados.

Logo que chegou ao Brasil, Anteros apresentou características de seu país de origem aos novos amigos, que sempre portaram-se com respeito e curiosidade

para com ele. Fazia questão de unir os amigos brasileiros aos gregos, e observa que havia entrosamento nessa união, sentindo-se satisfeito com essa combinação cultural.

Certo tempo depois, novas famílias gregas instalaram-se no estado ampliando o leque de amizade de Anteros, que não se descuidou das amizades brasileiras, e faz questão de frisar que não privilegiou as relações com os conterrâneos. Há gratidão de Anteros para com os brasileiros que o acolheram e ampararam inicialmente. Ele destaca que o aspecto cultural fez com que se aproximasse dos patrícios, apresentando aos brasileiros as tradições gregas.

Demais membros da Comunidade possuem amigos brasileiros em comum com Anteros, que sempre se importou em apresentar e incentivar novas amizades entre seus amigos brasileiros e gregos. Isso, para ele, reafirma a importância e o valor da amizade com os brasileiros, uma vez que estreita os laços entre Grécia e Brasil. Nesse ínterim, compartilhar momentos apesar de constituírem povos diferentes faz com que Anteros admire e se felicite com a escolha feita por sua família há tantos anos atrás: declara-se brasileiro por opção. Com delicadeza, quis saber quem havia sugerido seu nome para a pesquisa, assim como o participante Minos.

Como Vanília compõe a primeira geração de gregos no estado, não houve favorecimento financeiro por parte dos amigos, pois estavam em situações semelhantes naquela época. A partir do intenso trabalho no comércio e da visão empreendedora típica dos gregos, todos atingiram sucesso econômico ao mesmo tempo. As atividades comumente realizadas com os amigos gregos eram as mesmas que fazia com os amigos brasileiros e, muitas vezes, unia as duas

nacionalidades para um piquenique, para uma celebração grega ou para passar o dia na praia. Afirma que seus melhores amigos são os gregos daqui e os brasileiros. No entanto, nota-se que a maioria dos entrevistados porta-se com cautela ao se referir aos amigos gregos, posto que não criaram de fato, relacionamento com eles, negando a não existência de relações entre helênicos.

Kairos destaca que não construiu amizades com gregos simplesmente por ser compatriota, de modo que “era grego também. Não era amigo, mas era grego”. Afirma que pode haver auxílio entre gregos, mas amizade deve ser construída independentemente da nacionalidade. Por esse motivo, declara que não fez diferenciação entre brasileiros e gregos sendo, inclusive muito benquisto entre brasileiros: “apresenta aqui, fala ali, e fui conhecendo. [...] Depois de um ano, praticamente conhecia todo mundo”. Em certo momento houve uma pessoa que o ameaçou por questões de trabalho, e Kairos foi defendido por seus amigos brasileiros. Percebeu, então, que os próprios brasileiros não faziam distinção entre grego ou qualquer outra nacionalidade. Sentiu-se querido e grato, uma vez que “*me defenderam, tá entendendo?! Fiquei amigo; me defenderam*”.

6. AMIZADE, FAMÍLIA, TRABALHO E ESCOLA

A família e o ambiente de trabalho e o da escola são outras instâncias do ambiente social que estão ligados a relacionamentos em geral, incluindo amizades.

6.1 Amizade e Família

A família como instituição de controle em relação às amizades dos filhos e como fonte de amizades. Embora Tacita tivesse seus conceitos particulares acerca da temática amizade, seu pai exerceu grande influência na formação de seus relacionamentos, visto que seu “[...] pai também não deixava fazer muitas amizades por falta de tempo e... um pouquinho de medo também, como também estudar, a mulher não precisa estudar, mas era um pouquinho de medo também”. Tacita diz que era impedida de formar vínculos em virtude do ciúme do pai e dos costumes por ele defendidos sobre a diferenciação de gêneros. Apesar de nenhum participante nesse trabalho evidenciar diferenças entre amizades e gêneros diretamente, o relato de Tacita demonstra que, em certo momento recente da história grega, o costume familiar e a opinião do pai norteava as interações dos filhos. Soma-se a isso, a chegada em um país distinto e culturalmente novo, repleto de aspectos desconhecidos, que obrigou ao pai de Tacita restringir seus contatos com os brasileiros. Anos mais tarde, após seu casamento com um conterrâneo, Tacita sentiu-se à vontade para construir redes de interações no Brasil. Nesse sentido, suas amizades em solo brasileiro tiveram início quando já estava na fase adulta, principalmente a partir da inserção dos filhos na escola.

Apesar de toda a limitação imposta paternalmente, ela formou diversas amizades, sendo que essas – em sua maioria – permanecem atualmente. Embora os vínculos familiares gregos sejam rígidos e respeitados pelos participantes desde quando eram crianças, Tacita afirma que as amizades inter-gêneros na

Grécia aconteciam, apesar de algumas desaprovações dos pais. Destaca-se que não criou vínculos com o sexo oposto e, ainda hoje, suas amigas são com mulheres, por sentir-se mais às vontade com elas.

Assim, o estilo da educação dos pais no contexto familiar influencia – direta ou indiretamente – a autonomia, as amigas e as decisões dos filhos. Quando chegou ao Brasil, Tacita dependia exclusivamente de seu pai, optando em acatar suas ordens, ainda que não as compreendesse ou aceitasse. Em virtude disso, não frequentou escola, visto que seu pai não via necessidade da mulher estudar por muitos anos. Ainda de acordo com as orientações paternas, deveria contrair matrimônio com um conterrâneo, de modo que Tacita não pôde explorar muitos relacionamentos de amizade quando solteira.

Pelas influências paternas que desejavam proteger especialmente as filhas, Tacita tinha mais amizade com meninas. Reconhece, no entanto, que hoje não existem restrições inter-gêneros. Tacita passou a selecionar as pessoas com as quais manteria um relacionamento de amizade. Considera que o povo brasileiro, em sua maioria, não visa uma amizade por interesse. Contudo, decepcionou-se com uma amiga, experimentando grande mágoa e, a partir de então, afirma observar comportamentos e atitudes das pessoas antes de permitir aproximações. Por outro lado, faz questão de enfatizar que “[...] me dou bem com todo mundo. [...] trato todo mundo por igual. Agora, amizade, amizade (*enfatizou a palavra amizade*) ensinei a meus filhos também”.

Todavia, alguns casais tendem a impor costumes primariamente gregos no ambiente familiar, restringindo o contato dos filhos brasileiros com as atividades comuns à população em geral. Em casos específicos, exigem que os filhos

frequentem a maioria das aulas na Comunidade, para sentirem-se incorporados às tradições gregas. Normalmente as aulas são do idioma, das danças gregas, de músicas típicas, de pratos específicos e dos costumes.

Ressalta-se que, para os gregos, é importante que as redes de amizade perpassem as famílias, e não circulem apenas entre os inicialmente envolvidos na amizade. Nesse contexto, Anteros declara a proximidade encontrada na relação greco-brasileira, o envolvimento dos demais membros familiares e também a inserção dos demais gregos em suas amizades pessoais, reafirmando que se é amigo de um grego, torna-se amigo do outro igualmente:

todo mundo junto. Tinha muito amigo brasileiro, e eles também *juntava* com os gregos. As famílias daquela época ficaram amigas logo. Minha mulher era irmã das amigas dela, irmã mesmo [...] Juntava muito grego e brasileiro. Outros gregos têm os mesmos amigos brasileiros que a gente.

Conforme Eurídice, o grego denota grande relevância ao relacionamento de amizade, considerando todos como amigos, apesar de não permitir que sua intimidade seja exposta ao mesmo grupo tido como amigos. Acrescenta-se que o povo grego valoriza imensamente a família. Assim, “o grego, ele assim, ele pode ter problemas... no casamento... mas a família dele é a família dele”, ratificando a consideração depositada por eles no laço sanguíneo. Por esse motivo, a adoção não é concebida por eles como algo natural ou de fácil compreensão, de maneira que raros são os casos em que houve adoção por parte de gregos. Assim,

existe preconceito, sim. [...] aquele que faz isso é um herói. Sabe?! E é assim: “como que você teve coragem?”. Mais ou menos essa fala, né?! “Como que você teve coragem? Você é louco?” [...] A criança que é adotada, ela sofre preconceito. Tem que ser feito um trabalho muito grande com essa criança, né?! Igual eu estou te falando... O grego ele é difícil de se deixar... Ele é muito hospitaleiro, muito receptivo, mas ele é difícil de se deixar entrar lá naquele núcleo, sabe?! Bem dentro da essência dele, assim. Eu acho que eu falei muito, né, mas é porque... é grego, né?!...

Inicialmente, os gregos optaram em casar entre patrícios, com o intuito de manter a cultura grega na família, mesmo em outro país. Algumas famílias, segundo Eurídice fazem questão de preservar esse costume, buscando noivo (a) na Grécia para seus filhos. No entanto, com o passar do tempo, tal demanda não vigora com intensidade, aumentando os casamentos interraciais.

A primeira geração de gregos que aportou no estado preferia casar com um patrício ou uma patrícia para manter os costumes com maior facilidade, o que gerou o movimento de ir à Grécia, casar e retornar com a esposa, ou solicitar à alguma família conhecida que enviasse a (o) futura (o) noiva (o) para o Brasil, para que o enlace ocorresse aqui, visto que havia poucos gregos até então. Dessa forma, muitos casais se conheceram crianças por serem vizinhos, e voltaram a se encontrar poucos meses antes do casamento. A fim de evitar gravidez entre os solteiros, era costume que o namoro fosse rápido. Era comum o dote para o noivo, fato que ainda hoje pode acontecer na Grécia, não sendo, todavia, obrigatório.

Na Grécia, os casamentos eram válidos independentemente do ato civil até 1988, segundo Minos. Hoje em dia, os noivos podem escolher entre o casamento religioso nos moldes gregos ou o casamento civil. Ambos possuem a mesma validade no âmbito familiar. Os anciãos são bem vistos perante a sociedade, e são visitados para que aconselhem os mais novos. O participante felicita-se por manter esses hábitos em território nacional e por ser respeitado tanto por patrícios como por brasileiros, orientando-os quando requisitado em função de sua idade, já que “isso é muito importante lá. Essa ligação com o povo”.

Os gregos mais antigos e tradicionais protegiam intensamente as filhas dos olhares estrangeiros, a fim de reduzir as possibilidades delas contraírem matrimônio com brasileiros. Os costumes eram preconizados e cumpridos pela primeira geração aqui chegada. Por essa razão, Tacita não pôde frequentar a escola “[...] porque o meu pai *não deixou eu* estudar. A maneira de pensar dele era ‘mulher não precisa estudar muito, só os homens’; os homens, os meninos estudaram, eu e a minha irmã, não”. Em sua opinião, muitos dos costumes gregos mudaram para melhor, pois a retirada de alguns e a implantação de outros facilitou a interação entre as pessoas.

Eurídice ratifica o modo grego de ser e agir fazendo alusão ao filme ‘Casamento Grego’, ressaltando que o cinema retratou o povo grego de modo caricato, apesar da veemência das características reais destacadas ali. Para ela, “[...] a essência dele é verdadeira, tanto que a atriz principal é filha de gregos, né?!”.

Eurídice viu seus conterrâneos retratados no filme, fazendo-a comparar o povo grego com outros povos, de forma que identificou que há mais naturalidade e liberdade nos brasileiros tanto para com o outro como na maneira de lidar consigo mesmo. Por ter parentes gregos-americanos e por ter residido durante alguns anos nos Estados Unidos, estendeu a comparação aos norte-americanos, percebendo-os como fechados em seus costumes pessoais.

No que se refere a Vanília, amigos de seu esposo e dos familiares tornaram-se seus amigos também, antes mesmo que pudesse criar vínculos com eles por conta própria. A força do grupo e a necessidade de manterem-se unidos para preservar a integridade em um país distinto, criou em Vanília essa certeza.

Assim, justifica-se afirmando que “é porque os gregos vieram e todos eram... todos juntos. A gente chegou com poucos gregos aqui. A gente se juntou”. Vanília apropriou-se de tal maneira desse conceito de confraria, que participou ativamente da formação da Comunidade. Por esse motivo, estreitou seu laço de amizade com determinada família grega que também contribuiu ativamente para a edificação das atividades da Colônia. Tornaram-se assim, melhores amigos, em sua concepção. Dessa maneira, é possível que existam amizades familiares, conforme descritas pelos participantes.

6.2 Amigo como parte da Família

Athamas aproxima-se de designações familiares como ‘pai’, irmão’ e ‘primo’ para expor a intensidade de suas relações interpessoais. O amigo chamado ‘pai’, é assim designado por estar com ele em todos os momentos que precisou. Já os ‘primos’, “tem primos que hoje em dia você considera como amigos, porque são mais que primos”. Parece, então, haver correlação das relações de amizade com as relações familiares. Para Athamas, os amigos são mais que primos. É como se houvesse necessidade de respeitar a família, reforçando os laços co-sanguíneos, mas as amizades – pela opção de escolha – se configurassem melhor. Anteros, por sua vez, destaca que a relação entre os amigos é intensa, em alguns casos, de modo que os amigos se aproximam dos irmãos.

Em relação à cultura libanesa (Merizio, 2008), os primos – que também eram vizinhos – frequentemente foram citados como amigos. O laço de parentesco ainda é muito valorizado na cultura libanesa sendo comum, inclusive, o casamento entre primos. Apesar disso, não havia intimidade entre pais e filhos, de maneira que os amigos eram os confidentes uns dos outros e, assim, trocavam experiências e questionamentos.

Eurídice, por sua vez, ressalta que teve uma melhor amiga, a quem considerava irmã. Como os laços sanguíneos são fortes e devem ser mantidos na cultura grega, considerar alguém como irmão significa destinar grande afeto a esta pessoa, e mostrar-se aberta ao relacionamento. No caso específico dessa amizade, determinada questão familiar contribuiu para seu término, visto que a sua melhor amiga era também sua cunhada. Nos últimos anos retomaram o diálogo, embora não com o mesmo empenho e envolvimento de outrora. Considera normal a existência de conflito nos relacionamentos, porém, para Eurídice, a confiança na relação de amizade é primordial para sua manutenção.

Já Kairos destaca a possibilidade de escolher os amigos como diferencial no relacionamento interpessoal em questão. Para ele, trata-se de uma relação em que você escolhe e é escolhido para que aconteça o envolvimento, o que não ocorre no âmbito familiar. Por esse motivo, Kairos ratifica nobreza ao relacionamento de amizade, não utilizando termos diferentes para distinguir a proximidade das pessoas. Considera-se amigo de todos com quem já trabalhou, ajudou, foi ajudado, ou conversou algumas poucas vezes.

6.3 Amizade e Trabalho

Trabalhar na loja de seu pai lidando com o público despertou em Tacita a importância das interações sociais, e fez com que ela visasse transformar tais interações em relacionamentos. Os relacionamentos comportam um série de interações, embora – nas amizades adultas – não interagir frequentemente com um amigo não signifique o término da relação. Para ela, “[...] as minhas amizades são sagradas”.

Tacita veio para o Brasil com seus familiares e, inicialmente, não fez amizades brasileiras. Conforme precisava descobrir o país, tornou-se necessário relacionar-se com outras pessoas além de seu núcleo familiar, ao qual estava restrita. Assim, a partir da vizinhança e de seu labor no comércio, criou vínculos.

6.4 Amizade, Vizinhança e Escola

No caso de Stafilos, a vizinhança e a instituição escolar atuaram como facilitadoras das amizades, pois findou seus estudos em solo brasileiro, e manteve contato com os vizinhos desde quando aportou por aqui, de modo que “sempre me dei muito bem com gente, como se diz, tenho amizades duradouras, muito boas, muito boas. Não tive dificuldade nenhuma”.

Sabe-se que a vizinhança atua como integradora, e que a escola ocupa lugar especial na formação de amizades. Contudo, normalmente, as amizades escolares restringiam-se ao contexto escolar, não sendo vivenciadas além

daquele espaço diário de encontro e aprendizagem. Assim, algumas de suas amigadas têm mais de cinquenta anos, já que remontam à época da escolarização, e do primeiro bairro onde residiu no estado, sendo muito valorizadas e nutridas – na medida do possível – por ele.

7. DISCUSSÃO

Há uma riqueza muito grande de informações dos participantes relacionando amizade e diferentes aspectos do contexto social ou do ambiente sociocultural. Desta forma, surgem diversos pontos que não são tradicionalmente investigados na maioria dos estudos sobre relacionamento, geralmente voltados para dimensões internas. Nesta discussão, procura-se fazer uma síntese dos aspectos que foram encontrados, dos conceitos propostos e de possíveis relações destes conceitos com estudos sobre amizades interculturais.

A receptividade é um conceito que indica a abertura e disponibilidade do país (economia, política) e do povo local – nessa pesquisa, o povo brasileiro –, em relação a receber ou acolher pessoas de diferentes origens e, no que tange às pessoas, estabelecer laços de amizade com indivíduos de outros países – no caso, gregos – em seu território. As entrevistas se referem amplamente à receptividade do Brasil e dos brasileiros, sendo raros e ambíguos os episódios de rejeição, preconceito ou discriminação. O conceito de receptividade é proposto como um processo de conexão entre pessoas de diferentes países que serve de base para o estabelecimento de relações de amizade (Koybaeva & Ratliff, 2006).

Este traço peculiar do povo brasileiro tem sido discutido por antropólogos brasileiros. A receptividade, portanto, surge como fenômeno de ordem geral (oportunidades) e de ordem relacional (possibilidade de formar amizades). A receptividade está relacionada com a adoção do país como lugar para viver por parte dos estrangeiros, relaciona-se com as amizades estabelecidas e com a adaptação ao novo país. A percepção de um clima de receptividade tanto em termos estruturais quanto em termos humanos não impede a crítica ao país e estranhamento em termos do comportamento de seu povo.

O intercâmbio cultural brasileiro tem sido realizado concomitantemente a inter-cruzamentos étnicos sem resistências ao seu desenvolvimento, uma vez que o Brasil é um dos palcos primordiais de experiências de diversidade racial e cultural. Logo, o que se constata ao longo da história brasileira é

um sistema quase natural e espontâneo de aceitação ou de aproximação [...] entre os elementos tradicionais e os elementos novos. O imigrante, de um lado, aceitou certos elementos que naquele momento se mostravam indispensáveis à sua sobrevivência; e, de outro lado, começou a transmitir traços culturais que se constatavam possíveis de aceitação pelo brasileiro, embora nem sempre de modo rápido ou fácil (Diégues Júnior, 1980, p. 200).

Além dos fatores acima descritos, as possibilidades de crescimento profissional oferecidas pelo Brasil despertou o interesse de muitos migrantes, necessitados de novas e promissoras oportunidades de trabalho e de estadia. Destarte, diversos grupos imigraram para o Brasil a fim de aprimorar sua condição social e ter um novo ambiente de bem-estar, além de proporcionar à sua família uma situação melhor do que a que desfrutavam em seu país de origem. Assim, a cultura brasileira formou-se a partir de

elementos culturais que introduzidos por um dos grupos (*destacam-se, ao longo da história do país, colonizadores e imigrantes*) ainda conservam a marca de sua origem; outros, que se sincretizaram, criando

novos valores, que caracterizam justamente o amálgama de etnias e culturas no Brasil (Diégues Júnior, 1980, p. 157).

O século XVIII definiu-se como uma das fases mais intensas de intercruzamento étnico e cultural no Brasil, uma vez que entre 1850 e 1950 a imigração participou com 3,4 milhões de pessoas, contribuindo diretamente para o aumento da população brasileira (Diegues Júnior, 1980, p.119). Tem-se, sob esse aspecto, que a imigração europeia foi a que exerceu maior influência na formação do povo brasileiro, mediante aspectos históricos que fizeram com que pessoas de diferentes nações escolhessem residir no país.

Enquanto a receptividade indica o potencial de aceitação de um elemento estrangeiro, a adoção representaria a contrapartida do indivíduo no sentido de adotar outro país e seu povo como seu, sem negar suas origens. Receptividade e adoção são vistos como processos dialéticos, pois se influenciam mutuamente.

Percebe-se que a receptividade brasileira é destacada por todos os participantes como aspecto inerente a este país. Usualmente o brasileiro é concebido como um povo gentil e pacífico por excelência, de acordo com Ribeiro (1995), tendo a cordialidade como característica essencial de sua formação. De fato, todos os entrevistados destacaram a receptividade do brasileiro como fundamental para sua permanência aqui. Conforme Azevedo (1963, p. 212),

de todos os traços distintivos do brasileiro e que constituiriam tanto a sua força como a sua fraqueza, seria a bondade que pareceria emanar da alma do povo, do seu "temperamento natural". Seria dessa bondade que brotaria a sensibilidade ao sofrimento alheio, a tolerância, a hospitalidade e tantas outras manifestações de afetividade. Aliás, segundo Azevedo, se os estrangeiros vivem entre nós quase como em sua pátria e, se se adaptam tão facilmente às diferentes regras do Brasil, é porque a nossa terra seria mais maternal, mais doce, mais acolhedora e mais humana.

Nesse contexto, é lícito apontar que esse princípio de cordialidade nacional para com povos e raças distintas ao longo da história do Brasil foi favorecido em suas origens e em seu desenvolvimento em virtude da formação original do povo brasileiro, que recebeu a contribuição de diversas etnias. Logo, tem-se que o Brasil é uma nação formada a partir da mistura de etnias oriundas especialmente da Europa e da África.

De modo geral, tem-se que brasileiros são receptivos a outras culturas, demonstrando empatia transcultural (Kudo & Simkin, 2003), transformando as diferenças culturais em elementos positivos nas amizades, afinal ter amigos de diferentes culturas possibilita explorar costumes e idiomas distintos, paralelamente à assistência a eles dispensada (Lee, 2006).

A receptividade em termos gerais e humanos não impede o estranhamento por parte dos imigrantes de aspectos do país e do seu povo. Por outro lado, são poucos e dúbios os episódios relacionados à não receptividade, em termos de discriminação.

Com vistas a aprimorar um modelo teórico, o conceito de receptividade é proposto como uma forma de contato entre o indivíduo e seu contexto social, cultural e econômico, favorecendo ou não o estabelecimento de relações de amizade. A receptividade decorre das condições sociais, políticas e econômicas do país assim como da disponibilidade de seus habitantes. Assim, não se pode compreender as amizades sem levar em conta o contexto social mais amplo, sendo a receptividade um dos fatores observados na presente pesquisa.

Neste trabalho, a adaptação é considerada um processo pelo qual o imigrante promove uma série de mudanças para aproximar-se das práticas de

outro país, permitindo viver de acordo com padrões da nova terra. Contrapondo-se a estudos que apontam dificuldades de estudantes africanos para construir amizades com brasileiros (Desidério, 2006; Andrade & Teixeira, 2009), todos os participantes dessa pesquisa admitem que as relações de amizades com brasileiros foram fundamentais para que se adaptassem e se sentissem satisfeitos com a migração realizada. No geral, os participantes apontam que as amizades estabelecidas com brasileiros forneceram elementos que promoveram maior integração social e cultural destes ao Brasil.

Segundo Reis (2004, p. 06), “as situações desconhecidas [...] com as quais se deparam frente à cultura do ‘outro’, exigem realinhamento de comportamentos, negociações de valores e sentidos”. Por essa razão, relações de amizade podem propiciar a exploração de aspectos inusitados da nova nação, permitindo a construção de novas possibilidades para si a partir dessa descontração presente na relação. Assim, relatam-se as particularidades de cada participante no que tange à existência de relação entre amizade e adaptação a um novo país.

Todos os participantes dizem que fazer amizades especificamente com brasileiros logo após chegar ao Brasil foi de grande valia para o posterior estabelecimento definitivo de suas famílias em território nacional. Amigos foram importante para a interpretação do novo espaço, formação de novas amizades, incorporação da nova cultura e compreensão de características dos brasileiros. Ter amigos facilitou diretamente a adaptação e estadia no Brasil de todos, independentemente da idade em que aportaram no Brasil. Entre aqueles em idade escolar, as escolas brasileiras facilitaram as amizades. Garcia (2005a, p. 23) afirma que “a escola tem um papel significativo no desenvolvimento de

habilidades sociais nestas crianças”, sendo essenciais para a construção e também para a constância das relações entre os amigos.

Adaptação, no presente estudo, se refere ao processo de ajustamento às condições ambientais existentes (Castro, 2003). Ward, Bochner e Furman (2001) reconhecem duas formas de adaptação intercultural: a adaptação sociocultural, que indica a habilidade de interagir com uma cultura diferente; e a adaptação psicológica, que promove a sensação de bem-estar do indivíduo e sua avaliação positiva de situações e a satisfação geral com a vida. Ambas as formas parecem estar presentes na relação dos gregos com o Brasil. Segundo a classificação proposta por Berry (2001), o processo de aculturação observado seria o de integração, quando o migrante preserva a herança cultural e ainda adquire algumas características da cultura hospedeira. Neste sentido, o sucesso no processo de adaptação indica que todos foram bem sucedidos em um processo de integração ao contexto social e cultural brasileiro.

Os processos de conexão e desconexão dizem respeito às ligações entre as pessoas e sua terra natal (conexão com o país) ou a pessoas de lá (conexão com as pessoas). A conexão refere-se à vinculação ou ligação da pessoa com seu lugar de origem e a pessoas desse país. A conexão ao país incluiria sua história, paisagens, cultura e conexão a pessoas por meio de amigos ou relações de parentesco com no país de origem. Desconexão refere-se ao afastamento no sentido afetivo do país de origem e de suas pessoas. Pode-se associar os processos de conexão e desconexão a um processo bem sucedido de integração social. Segundo Berry (2001), o processo de aculturação indica o

quanto a cultura de origem se mantém e quanto da cultura do país hospedeiro é adotada.

A existência de uma comunidade de pessoas de um mesmo país é um ponto característico do ambiente de migração. No caso do presente estudo, esta comunidade não apenas representa as pessoas de uma determinada nação reunidas em outro país, mas desenvolve-se no sentido de servir de um centro de atividades e de compartilhamento da cultura grega, de forma democrática para gregos e brasileiros. A comunidade grega seria, neste caso, outro elemento do ambiente sociocultural que também afetaria as relações de amizade, contudo sem restringí-las ao grupo. Pode-se propor que a integração não atinge apenas as pessoas, mas o próprio grupo de gregos no estado, que convivem com a cultura grega e com costumes brasileiros, assim como fazem amigos entre brasileiros e gregos. A comunidade cultural partilha a herança cultural grega, incluindo idioma, hábitos, atividades peculiares, religião, mas não limita as amizades dos gregos.

Nesse âmbito, de acordo com Bosi (1999), da mesma maneira que o indivíduo se empenha em proporcionar um sentido à sua biografia, ele adentra nas lembranças com um 'anseio de explicação'. Por esse viés, os participantes ressaltaram características, semelhanças e diferenças no que se refere às amizades construídas com conterrâneos em terras brasileiras, e apontaram que a etnia compartilhada os aproximou. De certo modo, nota-se que descrevem relativas 'obrigações' em se relacionarem com patrícios, por estarem em terras estrangeiras.

Sendo assim, o aspecto democrático das amizades aparece na possível escolha de amigos. Em um contexto de migração, em que pessoas de duas

nações, principalmente, fazem parte do mundo social do migrante, perceber que ambos podem ser amigos da mesma forma é uma expressão da democracia nos relacionamentos interpessoais, especificamente da amizade. Finalmente, outros grupos sociais se mostram importantes para as amizades. A família e o ambiente de trabalho e o da escola são outras instâncias do ambiente social que estão ligados a relacionamentos em geral incluindo amizades.

Os dados relacionando amizade e contexto social são muito amplos, indicando a necessidade de modelos mais complexos do que o proposto por Hinde (1997). Neste sentido, nas considerações finais busca-se sugerir algumas possibilidades para o avanço da construção de um modelo para a investigação de amizades no contexto internacional, com base no modelo proposto por Hinde (1997).

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações por meio das experiências sociais propiciadas pelas amizades permitem que o ser humano tenha acesso à cultura, aos valores e aos conhecimentos historicamente criados pelo homem em nações distintas. Esse mesmo ser humano, em um processo dialético contínuo, cria e é criado pela sociedade na qual está inserido, influenciando-a e também sendo influenciado por ela. Dito de outro modo, através das relações interpessoais de amizade, impulsiona-se ao novo e ao diferente, tornando-se capaz de explorar ativamente o ambiente, experimentando acontecimentos que possibilitam aprendizagens no contexto em que está imerso.

De fato, relacionamentos humanos são influenciados pelas características da cultura em que se desenvolvem, ainda que mantenham algumas peculiaridades originais. Naturalmente, novas regras e valores, costumes e hábitos são incorporados ao cotidiano dos migrantes, de maneira que esses constroem novas identidades, tendo por base sua história já vivida em outra nação e as peculiaridades do país que escolheram para residir.

Notou-se, dessa maneira, que os participantes não conseguem falar das amizades sem falar da cultura grega, corroborando Hinde (1997, p. 301), para quem “todos os aspectos do comportamento humano estão sujeitos às influências culturais”. Não obstante, cada qual, dentro de suas possibilidades e na tentativa de aproximar-se de suas origens, dota sua colônia de características culturais próprias a seus países de origem.

Nesse ínterim, a transversalidade das relações interculturais apresenta-se de modo favorável à sociedade vigente, apontando que é possível manter as características de cada país de origem em meio a uma crescente fusão cultural. Por conseguinte, as relações interpessoais de amizade entre diferentes culturas abrem novas perspectivas epistemológicas fundamentais para a compreensão da configuração mundial, mesclando experiências trocadas entre os envolvidos, ao passo em que os mesmos podem manter suas especificidades.

As amizades dos imigrantes gregos no Brasil são parte de um amplo panorama no qual relações diádicas se desenvolvem em um ambiente sociocultural em que muito do Brasil e da Grécia estão presentes. A possibilidade contínua de cada um tecer relacionamentos com seus conterrâneos ou com outros povos a partir de semelhanças descobertas entre eles relaciona-se diretamente à sua capacidade de integração social. Logo, as amizades formadas entre pessoas de culturas diferentes favorecem direta e indiretamente o desenvolvimento de cada um, com implicações para sua adaptação no contexto social onde está inserido.

Indubitavelmente os migrantes trazem seus costumes de origem, ao passo em que respeitam e valorizam a cultura que encontraram aqui no Brasil. Nesse sentido, a amizade atua como mediadora da adaptação do estrangeiro ao novo país – apesar das suas variações culturais – representando não somente uma condição atuante nas diversas tradições, mas permitindo a comunicação entre esses costumes, contribuindo para que imigrantes sintam-se acolhidos no seio cultural da nação que escolheram para viver.

Segundo Garcia (2001, p. 35), a construção do conhecimento em Etologia segue três etapas: a descrição, a sistematização e a proposição de princípios gerais. Não obstante,

outro ponto fundamental do pensamento epistemológico de Lorenz é o reconhecimento dos três estágios do procedimento científico, propostos pelo filósofo da ciência Wilhelm Windelband. O primeiro é o estágio ideográfico, de observação e coleta de dados. O segundo é o estágio sistemático, que põe ordem nos dados coletados. O terceiro é o estágio nomotético que, a partir da sistematização do estágio anterior, deriva hipóteses.

Nesse sentido, a sistematização dos dados ao longo do presente trabalho permite que algumas sugestões sejam propostas com vistas à ampliação de um modelo teórico com base no modelo proposto por Hinde (1997), especialmente para estudos que envolvem relacionamentos em ambientes socioculturais complexos, como no caso das amizades interculturais.

Inicialmente, as amizades podem ser representadas como um relacionamento diádico em que amigos se relacionam de modo dialético, afetando e sendo afetado pelo amigo.

Indivíduo A ↔ Indivíduo B

Simultaneamente, cada um dos membros da díade de amigos também se relaciona dialeticamente com seu ambiente sociocultural em sua multiplicidade (como escola, ambiente de trabalho, entre outros).

Indivíduo A ↔ Ambiente Sociocultural A

Indivíduo B ↔ Ambiente Sociocultural B

Com a mudança de país ou de ambiente sociocultural, o migrante entra em contato com outro contexto. Dessa forma, ele adentra em um novo ambiente social e cultural; entretanto também possibilita que pessoas de seu novo meio entrem em contato com seu próprio ambiente sociocultural, especialmente se já há uma comunidade local.

Indivíduo A ↔ Ambiente Sociocultural B

Indivíduo B ↔ Ambiente Sociocultural A

Segundo os dados da presente pesquisa, nas amizades interculturais o amigo que pertence a outra cultura serve de mediador entre o amigo e seu novo ambiente, ao passo em que o inverso também ocorre.

Indivíduo A ↔ Indivíduo B ↔ Contexto Sociocultural B

Indivíduo B ↔ Indivíduo A ↔ Contexto Sociocultural A

Esta organização facilita a compreensão das relações entre pessoas, relacionamentos e o ambiente sociocultural. Assim, vários dos pontos que surgiram nesta pesquisa como relevantes para a amizade são de natureza pessoa-ambiente, relacionando o indivíduo com o contexto (como receptividade, adoção, adaptação, conexão com o país, participação na comunidade estrangeira no país).

Outro ponto que pode ser proposto trata do fato de os ambientes socioculturais de cada participante da díade serem internalizados (no sentido de

Vygotsky, 1989) pelos amigos (de forma dialética), servindo de mediação entre eles.

Indivíduo A ↔ Contexto Sociocultural A/B Internalizado ↔ Indivíduo B

Sob esse aspecto, o mundo de cada amigo é compartilhado. Estes esquemas de relação ajudam a compreender os diferentes níveis de relacionamento (indivíduo-indivíduo e indivíduo-contexto) relevantes para as amizades individuais e seus possíveis mediadores. Enquanto algumas dimensões da amizade, como apoio, reciprocidade e conflito se dão no plano indivíduo-indivíduo, outras dimensões ocorrem no plano indivíduo-contexto, como similaridade cultural e diferenças de idioma. Também se propõe que estes dois níveis, contudo, mantenham relações dialéticas. Dessa forma, relações indivíduo-indivíduo e indivíduo-ambiente sociocultural se influenciam mutuamente. Esse ambiente sociocultural apresenta-se multifacetado incluindo, por conseguinte, o ambiente familiar, de trabalho, vizinhança, escola e nação.

Evidencia-se, nesse âmbito, que a amizade atua como mediadora da adaptação do estrangeiro ao novo país – apesar das suas variações culturais – representando não somente uma condição atuante nas diversas tradições, mas permitindo a comunicação entre esses costumes, contribuindo para que imigrantes sintam-se acolhidos no seio cultural da nação que escolheram para viver.

Ainda assim, a riqueza das relações humanas vislumbradas em fazer-se próximo do outro, então, acessível ao seu olhar e ciente de sua compreensão desperta novas possibilidades. Possibilidades essas que poderão transpor limites

outrora intransponíveis: os limites do hábito, visto que o ser humano, de modo geral, defende o que acredita lhe pertencer. Por esse motivo, através dessa pesquisa, tornou-se possível compreender que as amizades não excluem as diferenças culturais, mas promovem a construção de si mesmo em uma nova sociedade.

Notei que os gregos não têm o costume de sorrir, apesar de termos passado anos de nossas vidas acreditando no contrário. A espontaneidade das falas nos levam a crer que sorriem muito, porém não é bem assim. Para eles é motivo de orgulho ter alcançado o sucesso pessoal e financeiro como migrantes e são gratos por isso. Contudo, em momento algum, deixariam a franqueza que lhes é peculiar para agir apenas com o intuito de agradar alguém. Daí a necessidade apresentada por todos em tecerem relacionamentos de amizade pautados na honestidade.

Felicitto-me em saber que esta pesquisa produziu efeitos além do científico e do social: despertou a emoção, aproximou-se da alma. Por meio dos relatos, percebi que cada participante pôde ser renovado em sua essência, redescobrendo novas formas de vivenciar o cotidiano. Em mim, despertou possibilidades contínuas de novas e incessantes descobertas. Imagino quantos trabalhos podem se originar a partir deste...

É certo que nenhuma amizade inicia-se de repente, como uma possibilidade única. Como foi exposto ao longo do texto, o relacionamento entre amigos acontece conforme se aproximam, ainda que não mais fisicamente. Gregos e brasileiros descobriram que assemelham-se muito mais do que imaginavam inicialmente.

Destarte, as relações estabelecidas entre os povos dessas duas nações tão distintas e tão próximas, apontam que a amizade é capaz de gerar vínculo no outro, de forma que este se abre ao imprevisível, posto que não se sabe o que lhe será proposto: Grécia e Brasil – caminho percorrido e visivelmente apreciado. Entende-se, assim, que o contato com a alteridade nos permite experimentar o surpreendente...

VIII. REFERÊNCIAS

- Aberson, C. L.; Shoemaker, C. & Tomolillo, C. (2004). Implicit Bias and Contact: The Role of Interethnic Friendships. *Journal of Social Psychology, 144*(3), 335-347.
- Adams, R. G. & Blieszner, R. (1994). An integrative conceptual framework for friendship research. *Journal of Social and Personal Relationships, 11*(2), 163-184.
- Akers, J. F.; Jones, R. M. & Coyl, D. D. (1998). Adolescent friendship pairs: Similarities in identity status development, behaviors, attitudes, and intentions. *Journal of Adolescent Research, 13*(2), 178-201.
- Andrade, A. M. J. de & Teixeira, M. A. P. (2009). Adaptação à universidade de estudantes internacionais: Um estudo com alunos de um programa de convênio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 10*(1), 33-44.
- Arora, N. K.; Rutten, L. J. F.; Gustafson, D. H.; Moser, R. & Hawkins, R. P. (2007). Perceived helpfulness and impact of social support provided by family, friends, and health care providers to women newly diagnosed with breast cancer. *Psycho-Oncology, 16*(5), 474-486.
- Auhagen, A. E. (1996). Adult friendship. In: A. E. Auhagen & M. Von SALICH, (Orgs). *The diversity of human relationships* (pp. 229-247). Cambridge: Cambridge University Press.
- Azevedo, F. de (1963). *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília.

- Azmitia, M.; Lippman, D. N. & Ittel, A. (1999). *On the relation of personal experience to early adolescents reasoning about best friendship deterioration*. *Social Development*, 8(2), 275-291.
- Bagwell, C. L.; Bender, S. E.; Andreassi, C. L.; Kinoshita, T. L.; Montarello, S. A. & Muller, J. G. (2005). Friendship quality and perceived relationship changes predict psychosocial adjustment in early adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(2), 235-254.
- Bauman, Z. (2001) *Modernidade líquida*. RJ: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bearman, K. J. & La-Greca, A. M. (2002). Assessing friend support of adolescents diabetes care: The Diabetes Social Support Questionnaire-Friends version. *Journal of Pediatric Psychology*, 27(5), 417-428.
- Benkel, I.; Wijk, H. & Molander, U. (2009). Family and friends provide most social support for the bereaved. *Palliative Medicine*, 23(2), 141-149.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57, 615-631.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P. R. (2002). *Cross-Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Black, K. A. (2000). Gender differences in adolescents behavior during conflict resolution tasks with best friends. *Adolescence*, 35(139), 499-512.
- Blieszner, R. & Adams, R. G. (1992). *Adult friendship*. Thousand Oaks: Sage.

- Booth, C. L.; Rubin, K. H. & Rose-Krasnor, L. (1998). Perceptions of emotional support from mother and friend in middle childhood: Links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. *Child Development, 69*, 427-442.
- Bosi, E. (1999). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2004). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bukowski, W. M.; Newcomb, A. F. & Hartup, W. W. (Orgs.) (1996). *The company they keep: friendship in childhood and adolescenc*). Cambridge: Cambridge University Press.
- Buote, V. M.; Pancer, S. M.; Pratt, M. W.; Adams, G.; Birnie-Lefcovitch, S.; Polivy, J. & Wintre, M. G. (2007). The importance of friends: Friendship and adjustment among 1st-year university students. *Journal of Adolescent Research, 22*(6), 665-689.
- Buunk, B. P. & Prins, K. S. (1998). Loneliness, exchange orientation, and reciprocity in friendships. *Personal Relationships, 5*(1), 1-14.
- Carter, W. C. & Feld, S. (1998). Foci of activity as changing contexts for friendship. In: R. G. Adams & G. Allan (Org.). *Placing friendship in context* (pp. 136-152). Cambridge: Cambridge University Press.
- Castro, V. S. (2003). *Acculturation and psychological adaptation*. Westport: Greenwood Press.
- Cícero, M. T. (1930). *Diálogo sobre a amizade*. Trad. José Perez. São Paulo: Cultura Moderna.

- Collier, M. J. & Bornman, E. (1999). Core symbols in South African intercultural friendships. *International Journal of Intercultural Relations*, 23(1), 133-156.
- De Leon, C. F. M. (2005). Why do friendships matter for survival? *Journal of Epidemiology and Community Health*, 59(7), 538-539.
- Demir, M. & Urberg, K. A. (2004). Friendship and adjustment among adolescents. *Journal of Experimental Child Psychology*, 88(1), 68-82.
- Desidério, E. de J. (2006). *Migração Internacional com Fins de Estudo: O Caso dos Africanos do Programa Estudante-Convênio de Graduação em Três Universidades Públicas no Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado não publicada, ENCE/Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Rio de Janeiro, Brasil.
- Deutsch, F. M.; Sullivan, L.; Sage, C. & Basile, N. (1991). The relations among talking, liking, and similarity between friends. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 17(4), 406-411.
- Diegues Júnior, M. (1980). *Etnias e Culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército.
- Embaixada da Grécia no Brasil (2012). *A Imigração Grega no Brasil*. Recuperado em 5 de junho de 2012, de <http://www.emb-grecia.org.br/pt/greeks/historia.htm>
- Eshel, Y.; Sharabany, R. & Friedman, U. (1998). Friends, lovers and spouses: Intimacy in young adults. *British Journal of Social Psychology*, 37(1), 41-57.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. Thousand Oaks, CA: Sage.

- Fehr, B. (1999). Stability and commitment in friendships. In: J. M. Adams, J. M. & Jones, W. H. (Eds.). *Handbook of interpersonal commitment and relationship stability* (pp. 259-280). Dordrecht: Kluwer Academic.
- Feldman, S. S.; Cauffman, E.; Jensen, L. A. & Arnett, J. J. (2000). The (un)acceptability of betrayal: A study of college students' evaluations of sexual betrayal by a romantic partner and betrayal of a friend's confidence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(4), 499-523.
- Fernandes de Oliveira, M. G. (2006). Historiografia do processo imigratório brasileiro: um olhar sobre comunidades helênicas no Brasil. *Estúdios Humanísticos*. Filología, 28, 263-275.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Floyd, K. & Parks, M. R. (1995). Manifesting closeness in the interactions of peers: a look at siblings and friends. *Communication Reports*, 8(2), 69-76.
- Fong, E. & Isajiw, W. W. (2000). Determinants of friendship choices in multiethnic society. *Sociological Forum*, 15(2), 249-271.
- Fonzi, A.; Schneider, B. H.; Tani, F. & Tomada, G. (1997). Predicting children's friendship status from their dyadic interaction in structured situations of potential conflict. *Child Development*, 68, 496-506.
- French, D. C.; Rianasari, M.; Pidada, S.; Nelwan, P. & Buhrmester, D. (2001). Social support of Indonesian and U.S. children and adolescents by family members and friends. *Merrill Palmer Quarterly*, 47(3), 377-394.
- French, D. C.; Jansen, E. A.; Riansari, M. & Setiono, K. (2003). Friendships of Indonesian children: Adjustment of children who differ in friendship

- presence and similarity between mutual friends. *Social Development*, 12, 605–621.
- Gabriel, S.; Carvallo, M.; Jaremka, L. M. & Tippin, B. (2008) A friend is a present you give to your "self": Avoidance of intimacy moderates the effects of friends on self-liking. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44(2), 330-343.
- Garcia, A. (2001). *O Arcabouço Conceitual da Obra de Konrad Lorenz*. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Garcia, A. (no prelo). Amizades de universitários estrangeiros no Brasil: Um Estudo Exploratório. *Estudos de Psicologia* (Campinas).
- Garcia, A. & Goes, D. C. (2010). Amizades de Estudantes Africanos residindo no Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12, 138-153.
- Garcia, A. & Rangel, P. M. V. (2011). Amizades de universitários cabo-verdianos no Brasil. *Psicologia Argumento*, 29, 201-208.
- Garcia, A. & Miranda, R. F. (no prelo). Amizades interculturais, interétnicas, interraciais e internacionais. In: C. S. Hutz & L.K. de Souza (Orgs.). *Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Garcia, A. (2005a). Biological Bases of Personal Relationships: The Contribution of Classical Ethology. *Revista de Etologia*, 7(1), 25-38.
- Garcia, A. (2005b). Psicologia da Amizade na Infância: Uma Revisão Crítica da Literatura Recente. *Interação em Psicologia*, 9(2), 285-294.

- Garcia, A. (2005c). *Psicologia da amizade na infância – uma introdução*. Vitória: UFES, Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal.
- Garcia, A.; Goes, D. C.; Moura, L. T. & Pepino, C. B. (2010). Amizades de Universitários Africanos no Brasil: Uma Análise dos Episódios Marcantes (pp 209-222). In: A. Garcia (Org.). *Relacionamento Interpessoal: Uma Perspectiva Interdisciplinar*. Vitória: Associação Brasileira de Pesquisa do Relacionamento Interpessoal.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gonzalez, Y. S.; Moreno, D. S. & Schneider, B. H. (2004). Friendship Expectations of Early Adolescents in Cuba and Canada. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 35(4), 436-445.
- Gore, J. S.; Cross, S. E. & Morris, M. L. (2006). Let's be friends: relational self-construal and the development of intimacy. *Personal Relationships*, 13(1), 83-102.
- Graetz, B. W.; Shute, R. H. & Sawyer, M. G. (2000). An Australian study of adolescents with cystic fibrosis: Perceived supportive and nonsupportive behaviors from families and friends and psychological adjustment. *Journal of Adolescent Health*, 26(1), 64-69.
- Graham, J. A. & Cohen, R. (1997). Race and sex as factors in children's sociometric ratings and friendship choices. *Social Development*, 6, 355-372.
- Graham, J. A.; Cohen, R.; Zbikowski, S. M. & Secrist, M. E. (1998). A longitudinal investigation of race and sex as factors in children's classroom friendship choices. *Child Study Journal*, 28, 245-266.

- Ha, J. H. (2008). Changes in support from confidants, children, and friends following widowhood. *Journal of Marriage and Family*, 70(2), 306-318.
- Hamm, J. V.; Brown, B. B. & Heck, D. J. (2005). Bridging the ethnic divide: Student and school characteristics in African American, Asian-descent, Latino, and White adolescents' cross-ethnic friend nominations." *Journal of Research on Adolescence* 15, 21-46.
- Hartup, W. W. & Stevens, N. (1999). Friendships and adaptation across the life span. *Current Directions in Psychological Science*, 8(3), 76-79.
- Haselager, G. J. T.; Hartup, W. W.; Lieshout, C. F. M. van & Riksen-Walraven, J. M. A. (1998). Similarities between friends and nonfriends in middle childhood. *Child Development*, 69, 1198-1208.
- Hawley, P. H.; Little, T. D. & Pasupathi, M. (2002). Winning friends and influencing peers: Strategies of peer influence in late childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 466-474.
- Henrich, C. C.; Kuperminc, G. P.; Sack, A.; Blatt, S. J. & Leadbeater, B. J. (2000). Characteristics and homogeneity of early adolescent friendship groups: A comparison of male and female clique and nonclique members. *Applied Developmental Science*, 4(1), 15-26.
- Hinde, R. A. (1979). *Towards Understanding Relationships*. London: Academic Press.
- Hinde, R. A. (1987). *Individuals, Relationships and Culture: Links between Ethology and the Social Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Hove: Psychology Press.

- Jacobson, C. K. & Johnson, B. R. (2006). Interracial friendship and African American attitudes about interracial marriage. *Journal of Black Studies*, 36(4), 570-584.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In: M.W. Bauer & G. Gaskell (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. RJ: Vozes.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. W. (2008). Entrevista narrativa. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. São Paulo: Editora Vozes, 7ª edição.
- Kao, G. & Joyner, K. (2004). Do Race and Ethnicity Matter among Friends? Activities among Interracial, Interethnic, and Intraethnic Adolescent Friends. *Sociological Quarterly*, 45(3), 557-573.
- Koybaeva, T. & Ratliff, R. L. (2006). Cross-cultural considerations in relationship theory. In: A. Garcia. *Personal relationships – international studies* (pp. 21-32). Vitória: UFES, Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal.
- Krappmann, L. (1996). Amicitia, drujba, shin-yu, philia, freundschaft, friendship: on the cultural diversity of a human relationship. In: W. M. Bukowski, A. F. Newcomb & W. W. Hartup (Eds.). *The company they keep: friendship in childhood and adolescence* (pp. 19-40). Cambridge: Cambridge University Press.
- Kudo, K. & Simkin, K. A. (2003). Intercultural Friendship Formation: the case of Japanese students at an Australian university. *Journal of Intercultural Studies*, 24(2), 91 – 114.

- Kupersmidt, J. B.; DeRosier, M. E. & Patterson, C. P. (1995). Similarity as the basis for children's friendships: The roles of sociometric status, aggressive and withdrawn behavior, academic achievement and demographic characteristics. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 439-452.
- Ledbetter, A. M. (2009). Family communication patterns and relational maintenance behavior: Direct and mediated associations with friendship closeness. *Human Communication Research*, 35(1), 130-147.
- Lee, P. W. (2006). Bridging Cultures: Understanding the Construction of Relational Identity in Intercultural Friendships. *Journal of Intercultural Communication Research*, 35(1), 3-22.
- Loureiro, R. M. & Frattini, C. D. G. (1999). A imigração grega no Espírito Santo. *Revista do IHGES*, 51, 74.
- McClenahan, C.; Cairns, E.; Dunn, S. & Morgan, V. (1996). Intergroup friendships: Integrated and desegregated schools in Northern Ireland. *Journal of Social Psychology*, 136(5), 549-558.
- McNelles, L. R. & Connolly, J. A. (1999). Intimacy between adolescent friends: Age and gender differences in intimate affect and intimate behaviors. *Journal of Research on Adolescence*, 9(2), 143-159.
- Merizio, L. Q. (2008). *Brincadeira e Amizade: um estudo com alemães, brasileiros e libaneses*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Merizio, L. Q.; Garcia, A. & Pontes, F. A. (2008). Brincadeira e Amizade na Infância: Lembranças de Imigrantes Libaneses vivendo no Brasil. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1, 123-135.

- Monsour, M. (1992). Meanings of intimacy in cross- and same-sex friendships. *Journal of Social and Personal Relationships, 9*(2), 277-295.
- Monsour, M.; Betty, S. & Kurzweil, N. (1993). Levels of perspectives and the perception of intimacy in cross-sex friendships: a balance theory explanation of shared perceptual reality. *Journal of Social and Personal Relationships, 10*(4), 529-550.
- Ochiai, Y. & Satoh, Y. (1996). The developmental change of friendship in adolescence. *Japanese Journal of Educational Psychology, 44*(1), 55-65.
- Parker, J. G. & Seal, J. (1996). Forming, losing, renewing, and replacing friendships: Applying temporal parameters to the assessment of children's friendship experiences. *Child Development, 67*, 2248-2268.
- Parks, M. R. & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication, 46*(1), 80-97.
- Pinto, G.; Bombi, A. S. & Cordioli, A. (1997). Similarity of friends in three countries: A study of children's drawings. *International Journal of Behavioral Development, 20*, 453-469.
- Poulin, F.; Cillessen, A. H. N.; Hubbard, J. A.; Coie, J. D.; Dodge, K. A. & Schwartz, D. (1997). Children's friends and behavioral similarity in two social contexts. *Social Development, 6*, 224-236.
- Powers, T. A.; Koestner, R. & Gorin, A. A. (2008). Autonomy support from family and friends and weight loss in college women. *Families, Systems, & Health, 26*(4), 404-416.
- Prinstein, M. J.; La-Greca, A. M.; Vernberg, E. M. & Silverman, W. K. (1996). Children's coping assistance: How parents, teachers, and friends help

- children cope after a natural disaster. *Journal of Clinical Child Psychology*, 25, 463-475.
- Ray, G. E. & Cohen, R. (1996). Children's friendships: Expectations for prototypical versus actual best friends. *Child Study Journal*, 26, 209-227.
- Reis, H. (2004). Migrações, fronteiras e espaços interculturais. *Intexto*, 1 (10), 1-17.
- Ribeiro, D. (1995). *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rose, A. J. & Asher, S. R (1999). Children's goals and strategies in response to conflicts within a friendship. *Developmental Psychology*, 35(1), 69-79.
- Rotenberg, K. J. (1995). Development of children's restrictive disclosure to friends. *Journal of Genetic Psychology*, 156, 279-292.
- Salari, S.; Brown, B. B. & Eaton, J. (2006). Conflicts, friendship cliques and territorial displays in senior center environments. *Journal of Aging Studies*, 20(3), 237-252.
- Salisch, M. von & Seiffge-Krenke, I. (1996). Freundschaften im Kindes- und Jugendalter: Konzepte, Netzwerke, Elterneinflüsse. *Psychologie in Erziehung und Unterricht*, 43, 85-99.
- Schneider, B. H.; Fonzi, A.; Tani, F. & Tomada, G. (1997). A cross-cultural exploration of the stability of children's friendships and predictors of their continuation. *Social Development*, 6, 322-339.
- Sêneca, L. A. (1991). *Cartas a Lucílio*. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado Campos. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian.

- Sheets, V. L. & Lugar, R. (2005). Sources of Conflict Between Friends in Russia and the United States. *Cross-Cultural Research: The Journal of Comparative Social Science*, 39 (4), 380-398.
- Smith, A. & Schneider, B. H. (2000). The inter-ethnic friendships of adolescent students: A Canadian study. *International Journal of Intercultural Relations*, 24(2), 247-258.
- Smith, T. W. (2002). Measuring inter-racial friendships. *Social Science Research*, 31(4), 576-593.
- Souza, L. K. de & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(2), 257-265.
- Vygotsky, L. S. (1989). *A formação social da mente* (J. C. Neto, L. S. M. Barreto & S. C. Afeche, Trans.) (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Vorauer, J. D. & Sakamoto, Y. (2006). I thought we could be friends, but.... Systematic miscommunication and defensive distancing as obstacles to cross-group friendship formation. *Psychological Science*, 17(4), 326-331.
- Ward, C. (2001). *The impact of international students on domestic students and host institutions*. Wellington: New Zealand Ministry of Education.
- Ward, C.; Bochner, S. & Furnham, A. (2001). *The Psychology of Culture Shock*. London: Routledge.
- Way, N. & Robinson, M. G. (2003). A longitudinal study of the effects of family, friends, and school experiences on the psychological adjustment of ethnic minority, low-SES adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 18(4), 324-346.

- Weinstock, J. S. & Bond, L. A. (2000). Conceptions of conflict in close friendships and ways of knowing among young college women: A developmental framework. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17(4-5), 687-696.
- Wild, K. P. & Fink, B. (1993). Die Ähnlichkeit von Freizeitinteressen als Faktor der Freundschaftsbildung und Freundschaftsintensität. *Zeitschrift für Sozialpsychologie*, 24(4), 280-288.
- Wright, S. C.; Aron, A.; McLaughlin-Volpe, T. & Ropp, S. A. (1997). The extended contact effect: Knowledge of cross-group friendships and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(1), 73-90.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da Entrevista

- 1) Pequena biografia (dados referentes à região onde nasceu, à família, aos filhos (onde nasceram), aos aspectos religiosos, ao idioma, às particularidades da família e do participante no contexto do país e da cultura).
- 2) Você mantém contato com algum parente na Grécia? Você acha que, por viver em outro país, os amigos possam substituir as relações com familiares do país de origem?
- 3) Já retornou ao país para visitar? Como foi?
- 4) Você mantém vínculos de amizade na Grécia? Como são (eram) essas amizades? Qual a duração desses relacionamentos? Qual o meio para contato com seus amigos gregos? Com que frequência vocês se falam?
- 6) Como é quando você encontra seus amigos gregos? O que costumam fazer juntos?
- 7) Há quanto tempo está no Brasil? Por qual motivo veio para cá? Qual sua opinião sobre o país?
- 8) Qual era sua visão acerca dos brasileiros antes de tecer relacionamentos de amizades com eles? Houve mudança em sua concepção?
- 9) Você tem amigos brasileiros? Como começou(aram) essa(s) amizade(s)?
- 10) Como é(são) essa(s) amizade(s)? Que tipos de conflito nessas amizades você atribuiria a diferenças culturais?
- 11) Você percebe preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de ser alguém de outro país?
- 12) O que você costuma fazer junto a seus amigos brasileiros? Como você vê o fato de ser de outro país nos interesses em comum com seus amigos? Você acha que esses interesses sofram influência cultural do local?
- 13) Qual o papel dos amigos de seu próprio país ou de outros países para a adaptação ao Brasil?
- 14) Você percebe preconceito ou dificuldades para fazer amigos em função de ser alguém de outro país?
- 15) Quais os paralelos (semelhanças e diferenças) que você traça entre suas amizades com brasileiros e com gregos?

16) Quais as principais diferenças e semelhanças que você destaca/percebe na forma como os gregos e os brasileiros concebem a amizade?

17) Você tem amigos gregos aqui no Brasil? E de outras nacionalidades? Como são essas amizades? Qual o significado dessas amizades para a percepção do país onde mora atualmente?

18) O que você destacaria de semelhante e diferente entre as amizades de seus filhos e as suas quando tinha a mesma faixa etária deles? (verificar se está se referindo à Grécia ou ao Brasil)

19) Em suma, qual o significado das amizades na sua vida como alguém que passou a viver em outro país?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

Título da pesquisa: Amizades e Cultura: um estudo com gregos no Espírito Santo

Pesquisadora: Lorena Queiroz Merizio Costa

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Garcia

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Objetivo da pesquisa: Descrever e analisar as amizades de gregos adultos residindo no Brasil há pelo menos dois anos, com pessoas de qualquer nacionalidade e residindo em qualquer parte do planeta, destacando o papel das amizades para a adaptação dos gregos ao Brasil.

Descrição do procedimento: Os participantes responderão a um questionário sobre amizade e serão entrevistados, a fim de que sejam identificadas as redes de amigos de gregos adultos residindo no Brasil, o conteúdo dessas amizades e a importância das amizades para a adaptação dos gregos ao Brasil.

Benefícios: Espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para melhor compreensão das funções sociais e interculturais dos relacionamentos de amizade, facilitando o intercâmbio e a integração entre as diferentes culturas próprias de cada nação, verificando a atuação e a importância das amizades na adaptação do imigrante em seu novo país.

Análise de riscos e sigilo: Todo o procedimento de pesquisa descrito seguirá rigorosamente os critérios éticos estabelecidos através da legislação que regulamenta pesquisas com seres humanos. Desse modo, as entrevistas individuais serão realizadas de acordo com a técnica padrão, cientificamente reconhecida, sendo realizadas em local previamente acordado entre pesquisador e participante. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações complementares e esclarecimentos serão elucidados e fornecidos pelo pesquisador a qualquer momento aos participantes. A previsão para os procedimentos descritos é de março a junho de 2010.

Identificação do participante:

Nome: _____

Data de nascimento: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____

Estando de acordo, assinam o presente termo de consentimento em 2 (duas) vias:

Participante

Lorena Queiroz Merizio Costa
Pesquisadora

Prof. Dr. Agnaldo Garcia
Orientador

Vitória – ES, ___/_____/2010.